

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

MARIA DE LURDES ZANON

**O MOVIMENTO MUCKER À LUZ DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO NA
INTERPRETAÇÃO DE RINALDO
FABRIS E JOSÉ COMBLIN**

Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Orientador

Porto Alegre
2013

MARIA DE LURDES ZANON

**O MOVIMENTO MUCKER À LUZ DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO NA INTERPRETAÇÃO DE
RINALDO FABRIS E JOSÉ COMBLIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Porto Alegre

2013

MARIA DE LURDES ZANON

**O MOVIMENTO MUCKER À LUZ DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO NA INTERPRETAÇÃO DE
RINALDO FABRIS E JOSÉ COMBLIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática.

Aprovado em 21 de março de 2013, pela Banca Examinadora.

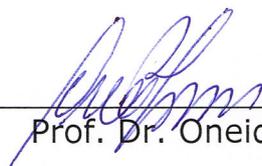
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Irineu José Rabuske
(Orientador)



Prof. Dr. Érico João Hammes



Prof. Dr. Oneide Bobsin

AGRADECIMENTOS

Às minhas filhas, Francieli e Marcelly, razão de muito do que faço.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Irineu José Rabuske, pela orientação segura, incentivo e ajuda.

Aos Professores e Funcionários do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-RS, que me possibilitaram a realização deste estudo, em especial, ao Professor Leomar Brustolin.

Ao Professor Doutor Érico Hammes, pela leitura cuidadosa do texto, suas críticas e orientações para a conclusão do presente trabalho.

À amiga, Maria Elaine, por estar sempre por perto e pela última leitura deste texto.

Ao Professor Martin Norberto Dreher, pela preciosa ajuda em enviar material seu, inclusive de uma obra que ainda está escrevendo sobre a religião de Jacobina. Os estudos dessas obras certamente terão continuidade.

À amiga, Eliane Fuchina dos Santos, por tanta amizade e pelas trocas de plantão para que eu pudesse assistir às aulas.

Aos meus amigos, que entenderam a minha ausência no período de estudos.

“Se tu quiseres adquirir nossa fé, reflete duas vezes, pois entre nós se diz: previne-te e não cometas faltas para que possas ser protegido, quando necessitares de um esclarecimento. Mantém-te forte em tudo, faze o que fizeres, mas não deixes que outros te desviem do caminho. Caso contrário, permanece longe daqui”.

(Ritual para entrada no Movimento Mucker).

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado em Teologia, *O Movimento Mucker à luz do cristianismo primitivo na interpretação de Rinaldo Fabris e José Comblin*, estuda o movimento, que nasceu em 1868, na sociedade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, e foi exterminado em agosto de 1874. Era composto de imigrantes alemães e descendentes, pertencentes às igrejas Protestante e Católica, inseridos numa sociedade em que, pelo capitalismo, sentiam-se marginalizados. Em torno do curandeiro João Jorge Maurer e sua esposa Jacobina Mentz que, a partir de 1873, passou a liderar o movimento, nasceu um grupo religioso que mais tarde foi chamado de Mucker. Unidos, criaram uma sociedade capaz de corrigir as injustiças sociais, diferente daquela em que viviam. O movimento, que desafiou o poder civil e religioso, nos meados do século XIX, será confrontado com o movimento religioso que Jesus de Nazaré criou na Palestina do século I, o Cristianismo, pois também havia, nessa sociedade, injustiças semelhantes às que existiam na colônia de imigrantes alemães. É, portanto, um trabalho de aproximação do movimento de Jacobina Mentz e do Cristianismo primitivo, que tem suas origens na pregação de Jesus de Nazaré.

Palavras-chave: Mucker. Cristianismo. Jesus de Nazaré. Jacobina Mentz. São Leopoldo. Palestina.

ABSTRACT

This Master's thesis in Theology, entitled "The Mucker Movement under the light of early Christianity on the interpretation of Rinaldo Fabris and José Comblin", studies the Mucker Movement, which was born in 1868, in São Leopoldo, Rio Grande do Sul, and was terminated at August 1874. It consisted of German immigrants and descendants, belonging to Protestant and Catholic churches, inserted in a society where they felt marginalized by the capitalism. Around the healer João Jorge Maurer and his wife Jacobina Mentz, who from 1873 went on to lead the movement, was started a religious group that was later called Mucker. Together, they have created a society capable of correcting social injustices, a society different from the one where they used to live. The movement, which challenged the civil and religious power in the mid-nineteenth century, will be confronted with the religious movement that Jesus of Nazareth has created in Palestine in the first century, the Christianity, since there was also, in his society, injustices similar to those that existed in the German immigrants one. It is therefore a work that approaches the two movements: the one leaded by Jacobina Mentz and early Christianity, originated by Jesus of Nazareth.

Keywords: Mucker. Christianity. Jesus of Nazareth. Jacobina Mentz. São Leopoldo. Palestin.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AMBIENTE SOCIORRELIGIOSO DE JESUS DE NAZARÉ E JACOBINA	
MENTZ.....	16
1.1 A PALESTINA DO SÉCULO I.....	16
1.1.1 História e Economia	16
1.1.2 A Sociedade e a Família	19
1.1.3 A Educação e a Vida Religiosa	22
1.1.4 A Política	24
1.2 A SOCIEDADE DE SÃO LEOPOLDO DE 1824-1874.....	25
1.2.1 História e Economia	25
1.2.2 A Sociedade e a Família	30
1.2.3 A Educação e a Vida Religiosa	31
1.2.4 A Política	37
1.3 ORIGEM DOS LÍDERES	38
1.3.1 Jesus de Nazaré.....	38
1.3.2 Origem de Jacobina Mentz Maurer.....	42
2 A ESSÊNCIA DO MOVIMENTO MUCKER.....	47
2.1 BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO.....	48
2.2 OS BEM-AVENTURADOS MUCKER.....	51
2.2.1 Felizes os pobres de espírito... (Mt 5,3)	51
2.2.2 Felizes os mansos, por que herdarão a terra (Mt 5,4)	53
2.2.3 Felizes os aflitos... (Mt 5,5)	54
2.2.4 Felizes os que têm fome de justiça... (Mt 5, 6).....	56

2.2.5 Felizes os misericordiosos... (Mt 5,7).....	58
2.2.6 Felizes os puros no coração... (Mt 5,8)	60
2.2.7 Felizes os que promovem a paz... (Mt 5,9).....	61
2.2.8 Felizes os que são perseguidos por causa da justiça... (Mt 5,10)	62
2.2.9 Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem... (Mt 5, 11).....	69
2.3 AS PREGAÇÕES DE JACOBINA.....	72
3 O MOVIMENTO MUCKER E AS REAÇÕES DAS IGREJAS HISTÓRICAS.....	78
3.1 ORIGENS	78
3.2 CONSOLIDAÇÕES DA IGREJA CRISTÃ E DA SEITA MUCKER	81
3.3 OS APÓSTOLOS	87
3.4 CONCLUSÃO SOBRE IGREJA DE JESUS E A SEITA DE JACOBINA.....	91
3.5 O SIGNIFICADO RELIGIOSO DA MORTE DE JESUS DE NAZARÉ E DE JACOBINA MENTZ MAURER	93
3.5.1 Jesus de Nazaré.....	93
3.6 JACOBINA MENTZ MAURER	99
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar e aproximar o movimento Mucker, liderado por Jacobina Mentz Maurer, à luz do movimento fundado por Jesus de Nazaré, o cristianismo primitivo. Os protagonistas do movimento, em São Leopoldo, nos meados do século XIX, pertenciam ao grupo de 126 alemães ou seus descendentes que chegaram a São Leopoldo, em 1824, dando início à colonização alemã no Sul do Brasil. O ambiente sociorreligioso desses alemães é posto à luz do ambiente sociorreligioso da Palestina do Século I, onde nasceu Jesus de Nazaré.

Na opinião de Martin Norberto Dreher, o movimento Mucker empolgou a Colônia Alemã de São Leopoldo e, até a presente data, não se obteve unanimidade na interpretação dos acontecimentos. Denomina-o como movimento messiânico, devendo ser comparado com outros movimentos como o de Antônio Conselheiro em Canudos; o Contestado em Santa Catarina e o movimento Caldeirão no Ceará. Uma diferença o torna singular entre os demais, o fato de a maioria dos adeptos do movimento pertencerem à religião Protestante e terem sido liderados por vulto feminino, Jacobina Mentz Maurer¹.

A alcunha mucker (múcker), que significa beato, fanático religioso ou santarrão, era dada aos seguidores do movimento que Jacobina Mentz liderou. A palavra, que é de origem alemã, é grafada “mucker” mesmo quando estiver no plural. No decorrer deste texto, a palavra vai ser escrita com “m” (eme minúsculo) quando se necessitar nomear os mucker de maneira comum; vai ser grafada com ”M” (eme maiúsculo) quando o nome se destacar de outros

¹ DREHER, M. N. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, p. 36-53, maio.-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003©Copyright>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

nomes². A primeira pessoa que assim cognominou os mucker foi o pastor Frederico Guilherme Boeber, líder religioso, protestante, no Ferrabraz. A palavra ajudou a construir uma imagem pejorativa dos seguidores da líder religiosa, tendo acompanhado os falares sobre eles, por mais de um século.

Nas últimas décadas, o movimento chamou atenção do povo brasileiro. Isso aconteceu quando Fabio Barreto, em 2002, pôs em cartaz o filme *A Paixão de Jacobina*, estrelado por atores globais. O filme recriou o movimento baseado no romance histórico do escritor gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil, *Videiras de Cristal*, 1990. A crítica não recebeu bem o filme; no geral, mesmo atualmente, é mais criticado do que elogiado³. Entre os dois filmes existentes, *Os Mucker*, de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, feito em 1978, em parceria com a Alemanha, é o preferido.

Das obras existentes sobre os mucker, sem dúvidas, a mais conhecida e lembrada é a do jesuíta Ambrósio Schupp, *Os Muckers*, editado em 1910, pela editora Selbach & Mayer. Nela, basearam-se muitos estudiosos sobre o assunto posteriormente. Maria Amélia Dickie diz que pela perspectiva da explicação, a versão de Schupp é reducionista mas coerente: Os mucker eram um dos resultados nocivos da difusão do luteranismo e a falta de educação formal, que levava os leitores da Bíblia a interpretações distorcidas e fanáticas da palavra de Deus. Para Martin Dreher, é um livro antimucker, pois não foram ouvidos os membros do movimento nem avaliados os autos do processo. Mesmo assim, é o único texto baseado em depoimentos de pessoas envolvidas, tendo seu valor na reprodução do senso comum. Sua finalidade didática está em alertar sobre os perigos que se expõe o grupo que se afastar da Igreja e preparar os jovens jesuítas que se dirigem ao Brasil, em missão, quanto aos possíveis problemas que podem encontrar.⁴ Somente em 1957, com a publicação do livro *O Episódio de Ferrabraz*, pelo historiador gaúcho Leopoldo Petry, a obra de Schupp sente-se confrontada. Os críticos perceberam que as falhas do autor eram semelhantes às de Schupp, mas do lado

² FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática*, p. 150.

³ SANTOS, J. M. S. A religião em “A paixão de Jacobina”. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 02, p. 27-36, jan.-dez. 2003. ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www3.est.edu.br/nepp/revista/002/ano02n1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2008.

⁴ DREHER, M. N. Conversas a partir da margem; dialogando com os Mucker. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 66.

contrário. Na tentativa de defender os mucker, acabou também dando uma contribuição parcial. Logo as duas obras são de opiniões antagônicas, mas semelhantes nas proposições. No entanto, Dickie tem outra opinião sobre a obra. Em sua tese pela USP (1996) seu critério para avaliar foi outro, partiu do seu interesse pelos valores associados aos assuntos que Petry estudou: a etnia, a religião e a revolta de um segmento ético.

O livro *A Nova Face dos Muckers*, de Moacyr Domingues, diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do sul, é uma descrição cuidadosa dos acontecimentos do episódio. Nela, há apresentação de personagens e assuntos em pequenos subcapítulos das seis partes que a compõe, facilitando bastante a quem quiser estudar este assunto. No apêndice, o autor brinda os interessados no tema com a cópia do original de vários textos sobre os mucker: A principal delas é transcrição dos *Apontamentos de Miguel Noé*, texto de uma testemunha ocular do movimento; o *Manuscrito de Emílio Julien*, contendo uma versão dos episódios dos mucker; o *Diário do Pastor Henrique W. Hunsche* é, por fim, a genealogia de famílias que participaram ativamente do movimento como as famílias Maurer, Fuchs, Sehn e Luppa.

A editora da Universidade de São Paulo publicou, em 1965, a obra *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, que logo ganhou repercussão internacional, tendo sido traduzida para o francês. A autora, Maira Isaura Pereira de Queiroz, faz uma tentativa de interpretação sociológica da Revolta dos Mucker e classifica-a como Movimento Rústico. Para essa autora, o movimento foi uma reação às transformações ocorridas nos meados do século XIX, na sociedade de São Leopoldo, que estava em processo de transformação social, passando de uma sociedade igualitária, de parentela, para uma sociedade estratificada em bens de fortuna.

A Revolta dos Mucker, de Janaína Amado, 1976, tese de doutorado, pela USP, chama a atenção dos estudiosos deste assunto. A primeira edição, pela Símbolo, São Paulo, 1978, trazia o nome *Conflito Social no Brasil*; a segunda saiu em 2002 e foi editada pela Unisinos, em São Leopoldo. Para Gevehr, Janaína Amado foi a primeira historiadora a realizar um estudo sobre o tema na perspectiva acadêmica, inaugurando uma nova etapa de estudos que buscassem analisar os mucker de forma mais crítica e imparcial⁵.

⁵ GEVEHR, D. L. Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina endiabrada: As representações anti-mucker em “O Ferrabraz” (1949-1960), p. 39.

Dreher diz que Janaína Amado seguiu, parcialmente, as pegadas de Maria Isaura Pereira de Queiroz, ao produzir sua tese de doutorado em História. Ela partiu do princípio da diferenciação social, proposta por Queiroz, consubstanciando-a documentalmente. Considerou os aspectos econômicos prioritários para entender o conflito social que se estabeleceu na região de São Leopoldo. Deixou os aspectos religiosos para o segundo plano, mas fugiu das classificações que vinham desde Koseritz e Schupp, trazendo uma imagem negativa dos seguidores de Jacobina. Até 1978, foi a mais completa reconstrução histórica e suas marcas estão presentes nas obras posteriores⁶.

Ainda na opinião de Dreher, a bibliografia sobre os mucker ficou mais rica com a tese de doutorado, 1996, pela USP, de Maria Amélia Schmidt Dickie, *Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. No denso trabalho de 520 páginas, ela utiliza como fonte documental os processos e inquéritos policiais judiciais contra os Mucker. É uma obra imprescindível, quando se quer estudar a religião dos Mucker. Da mesma forma, aponta o trabalho de mestrado de João Guilherme Biehl, pela UFSM, 1991, *Jammerthal, O Vale da Lamentação: crítica à Construção do Messianismo Mucker*. Esses dois trabalhos são os mais relevantes desde a obra de Janaína Amado.⁷ Teriam sido relevantes para esta dissertação se estivessem disponíveis ao público, pois apesar de grandes esforços de muitas pessoas, inclusive da Biblioteca da PUCRS, a tese de Dickie e a dissertação de Biehl só chegaram às mãos da autora deste trabalho, quando o trabalho estava em fase de conclusão.

Os textos do historiador Martin Norberto Dherer trazem uma pesquisa dos antepassados de Jacobina e algumas famílias que participaram do movimento Mucker, assim como o teor da religião dos mucker. Traz relatos sobre o trabalho feito pelos pastores Rotermund e Schmierer, que atuaram na região do conflito, imediatamente após o seu desfecho. *Os textos Conversas a partir da margem: dialogando sobre os Mucker, A Câmara Municipal de São Leopoldo e o Conflito Mucker, O Movimento Mucker na Visão de dois Pastores Evangélicos*, dentre outros, bem como seus muitos livros que falam sobre a imigração alemã trazem mais luz ao episódio que marcou o Ferrabraz, atual município de

⁶ DREHER, M. N. *Conversas a partir da margem; dialogando com os Mucker*. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 66-67.

⁷ *Ibid.*, p. 67.

Sapiranga. Suas obras, quando não falam diretamente sobre os mucker, trazem embasamento teórico para melhor entendê-los.

Há, ainda, textos de relevantes estudiosos sobre os mucker, dentre os quais se destacam os seguintes: *Fanáticos, Violentos e Ferozes Liderados por Jacobina Endiabrada; As Representações Antimucker em "O Ferrabraz"* (1949-1960), Daniel Luciano Gevehr, na dissertação de mestrado em História, UNISINOS, (2003); Tese de Doutorado em História de Daniel Luciano Gevehr, *Pelos Caminhos de Jacobina: Memórias sentimentos e (re)significados*, UNISINOS, (2007); a dissertação de Mestrado em Literatura de Marinês Andrea Kunz, *Mosaico Discursivo. A representação de Jacobina Maurer em textos históricos, literários e fílmicos*, PUCRS, (2006); o livro de Evangelia Aravanis, *Movimento Mucker: a necessidade de novos estudos e novas abordagens*. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Org.); *Os alemães no sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas: Editora da ULBRA, (1994); *Os fanáticos de Jacobina*, de Dalcin Fidélis Barbosa, 1976; *Demônios e Santos no Ferrabraz: Uma leitura de Videiras de Cristal*, de Eneida Weigert Menna. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, (2001); *Os Mucker: Movimento messiânico protestante no Brasil* do autor César Camargo. Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), São Paulo, ano XXI, v. 7 (1), n. 33, dez. 1990; *Dez novas fontes, desconhecidas e inéditas, sobre o episódio e o epílogo dos Mucker no Rio Grande do Sul* de Carlos H. Hunsche - Separata dos Anais do 1. Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, 1974, p. 247-262. 12; *Os "Muckers" do Rio Grande do Sul*. In: O iluminismo num protestantismo de constituição recente do autor Léonard, Émile-G. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988, p.14-20; a obra de Douglas Teixeira Monteiro, *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas cidades, 1974; *A Chacina Mucker*, de MUXFELDT, Hugo. Crônicas. Porto Alegre: Pallotti, (1991); é autor também do livro *Os mucker 100 anos depois*. Porto Alegre: Edição do Autor, (1983); Elma Santana tem várias obras: *Jacobina a líder dos Mucker*. Porto Alegre: AGE, (2001); *Minha Amada Maria Carta dos Mucker*, (2004). ULBRA e *Jacobina Maurer*. 4. ed. Porto Alegre: Tchê! Comunicações Ltda. Porto Alegre, (1985); *O processo dos Mucker*, de SPERB, Ângela. *Revista de Estudos da FEEVALE*, Novo Hamburgo, v. 4, n. 22, 1981 e outros.

Nesta pesquisa, optou-se por basear, principalmente, o trabalho nas mais relevantes obras existentes sobre o movimento Mucker, as mesmas que a maioria dos principais estudiosos basearam-se para também escrever sobre o conflito. São elas: *A Revolta dos Mucker*, de Janaína Amado; *A Nova Face dos Muckers*, de Moacyr Domingues; *O Episódio do Ferrabraz*, de Leopoldo Petry; *O Messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *Os Muckers*, de Ambrósio Schupp e textos de Martin Norberto Dreher sobre movimento Mucker, Igreja e os alemães do Sul do Brasil: *Igreja e Germanidade, Conversas a partir da Margem: Dialogando com os Mucker. A Câmara Municipal de São Leopoldo e o Conflito Mucker, Protestantismo de Imigração no Brasil Breve História do Ensino Privado gaúcho*.

O movimento Mucker será posto à luz do cristianismo primitivo, gerado pelas pregações de Jesus de Nazaré, praticado pelos apóstolos e os primeiros cristãos, depois da morte do fundador. Para confrontar a pesquisa, será utilizada a doutrina da Igreja Católica, Apostólica, Romana, através de seu catecismo, da *Bíblia Sagrada*, dos livros *Jesus de Nazaré História e Interpretação*, de Rinaldo Fabris; *A Busca do Jesus Histórico*, de José Antônio Pagola; *O Jesus Histórico Um Manual*, de Gerd Theissen e Annette Merz e *Atos dos Apóstolos*, de José Comblin, vol. I. O trabalho consiste de resenhas das obras, inseridas no desenvolvimento das argumentações, deixando, com isso, os textos dialogarem entre si.

Para que os objetivos fossem alcançados, o trabalho foi dividido em três partes. No primeiro capítulo, *O ambiente sociorreligioso de Jesus de Nazaré e Jacobina Mentz*, há um estudo dos aspectos que compõem a sociedade palestina nas primeiras três décadas do século I, o ambiente de Jesus. De forma semelhante, há um estudo da sociedade de São Leopoldo, desde a chegada dos imigrantes alemães, em 1824, até o extermínio da seita em agosto de 1874. Finalizando o capítulo, há um subcapítulo sobre os líderes dos dois movimentos estudados, Jesus de Nazaré e Jacobina Mentz Maurer.

No segundo capítulo, *A essência da religião mucker*, há um breve histórico do movimento, iniciado por Maurer e, depois, liderado por Jacobina, bem como aspectos religiosos da seita: A inclusão dos mucker nas Bem-aventuranças pregadas por Jesus, conforme *Mt 5 1-9*, é justificada por ser o texto preferido de Maurer e de Jacobina. Nesse

texto há a tentativa de aproximar os seguidores de Jacobina em cada bem-aventurança. Por fim, há um estudo sobre as pregações de Jacobina.

No terceiro capítulo, *O movimento Mucker e as reações das igrejas históricas*, há um paralelo e, depois, uma conclusão sobre o movimento do cristianismo primitivo e o movimento dos mucker. O trabalho destaca os marcos iniciais dos movimentos e a atuação dos Líderes, Jesus de Nazaré e Jacobina Mentz Maurer.

Na última parte do capítulo, *A morte dos líderes e o seu significado religioso* aborda aspectos da morte e Ressurreição de Jesus de Nazaré, bem como o significado da morte de Jacobina, cuja história envergonhava São Leopoldo, em 1874.

1 AMBIENTE SOCIORRELIGIOSO DE JESUS DE NAZARÉ E JACOBINA MENTZ

O Objetivo deste capítulo é mostrar o ambiente sociorreligioso de Jesus de Nazaré e o de Jacobina Mentz e buscar uma aproximação da sociedade de São Leopoldo, onde Jacobina Mentz liderou o movimento Mucker, com a sociedade onde nasceu o Cristianismo, na Palestina. O Conhecimento dos ambientes ajuda a compreender melhor os movimentos inseridos em seu tempo, nos aspectos sociais, históricos, geográficos, políticos e religiosos, bem como a história de seus líderes.

1.1 A PALESTINA DO SÉCULO I

1.1.1 História e Economia

Os gregos atribuíram esse nome ao lugar por causa dos filisteus que ocuparam a região no século XII a.C. O Império Romano, que naquele tempo somava 50 milhões de habitantes, ocupava a região desde 63 a.C., tomada dos asmoneus⁸.

A Palestina era dividida em dois territórios: a Judeia com a Samaria e a Galileia.⁹ Para melhor administrar, o Império Romano delegava representantes. Nos anos 30, o prefeito da Judeia e da Samaria era Pôncio Pilatos¹⁰. O rei Herodes¹¹ – amigo do imperador romano, Tibério Cláudio Nero César (14 d.C – 37 d.C), que fazia de tudo para agradá-lo - era representante da outra parte.

⁸ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré História e interpretação*, p. 59.

⁹ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 31.

¹⁰ Pôncio Pilatos foi o representante dessa região, uma espécie de prefeito, de 26 a 36 d.C.

¹¹ Herodes Antipas era filho de Herodes o grande, governou a Galileia de 6 a 39 d.C. (Cf. PAGOLA, A. op. cit., p. 34-37).

Naquele tempo, Tiberíades, centro do consumo, era uma cidade habitada por gregos e pagãos, ao passo que, nas outras localidades, os habitantes eram em maioria judeus. Cafarnaum, junto ao lago, cidade limítrofe entre a Galileia e a Gaulanítide, era importante para o comércio, já que por ali passava a estrada de ligação entre o oriente e os portos do mediterrâneo.

A região da Judeia era comandada por Filipe, filho de Herodes e da Cleópatra de Jerusalém. Ele governou de forma moderada e pacífica, favorecendo a cultura e o comércio.¹² A capital era o centro religioso judeu, também onde ficava o Templo. Essa parte da Palestina coubera por herança a Arquelau, filho de Herodes o Grande. O seu governo deixou muitos descontentes, e por causa de muitos protestos, ele foi exilado da região para as Gálias em 6 d.C. Desde então, essa região era administrada por um prefeito de Roma. Esse procurador dependia do governador que comandava as legiões da província da Síria, residente em Antioquia. Foi assim que Pôncio Pilatos¹³, um representante de Roma, conquistou o cargo, que lhe dava o poder, por exemplo, de mandar executar Jesus. Gozava de relativa autonomia no que diz respeito à administração ordinária, administrava a justiça, cobrava impostos para o erário imperial e mantinha a ordem pública¹⁴.

A situação geográfica colocava a Palestina como rota comercial, apesar de ter estradas ruins e perigosas e de não possuir transporte marítimo. Nas aldeias, praticava-se o escambo, a simples troca de mercadoria por mercadoria, sem equivalência de valor, pois não havia tantas moedas e era uma prática que satisfazia os comerciantes de pequenas mercadorias. Os palestinos faziam suas feiras livres em locais estratégicos das cidades, outros tinham pequenas lojas e outros, ainda, eram os chamados mascates – os mercadores ambulantes¹⁵.

A região da Galileia era rica e fértil, propícia à prática da agricultura. Ali eram colhidos trigo, cevada, centeio, oliveira, frutas, uva, legumes... Alguns produtos, como tâmaras e bálsamo da região de Jericó, eram exportados. Já a Judéia era montanhosa e

¹² FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 64.

¹³ A política provocadora de Pilatos, que não respeitava a sensibilidade religiosa e nacional judaica, pôs fim ao seu cargo em 36 d.C.

¹⁴ FABRIS, op. cit., p. 66.

¹⁵ *Ibid.*, p. 67.

semiárida, portanto mais adequada para a pecuária. Era criado o gado de grande porte como o boi e o camelo e de pequeno porte como a ovelha e a cabra. A pesca, no Lago de Tiberíades e no Mar da Galileia, além de ser uma forma de alimentação popular, constituía também uma importante atividade econômica. Nas cidades e aldeias, havia os que se dedicavam ao artesanato. Os artesões confeccionavam utensílios, como jarros, pratos, óleo, tecidos, roupas, perfumes, trabalhavam o couro e faziam artigos de luxo¹⁶.

Sobre a atividade do agricultor e do comerciante, pesava o triplo sistema tributário: o civil para administração romana; o local, sobre os produtos do campo, e as taxas prescritas para a administração religiosa. Elas eram variadas como impostos sobre imóveis e taxas sobre os bens móveis, tributos correspondentes relativos à herança, contratos e passagem de fronteiras regionais ou urbanas¹⁷.

As taxas ao templo ou a seus funcionários eram pagas em dinheiro ou em gêneros. Para pagar o imposto a Roma, utilizavam o Denário romano \$, para pagar o dízimo era usado o Siclo Judeu \$ e para o comércio estrangeiro, eram usadas Mina Fenícia \$ e a Dracma grega. Todo o judeu varão devia pagar anualmente duas dracmas, o equivalente a dois dias de serviço. Os agricultores deviam pagar cerca de 2% de todos os produtos do campo, e a taxa sacerdotal (dízimo) de todos os produtos e da cozedura do pão. O primogênito macho dos animais devia ser entregue ao templo. Era necessário, também, observar o ano sabático: após trabalhar a terra por seis anos, ela deveria ficar um ano sem receber plantio. Também deviam dar décima parte dos produtos do campo para os pobres e uso religioso. Para se ter uma ideia concreta das condições de vida, basta saber que com uma dracma o empregador pagava um dia de serviço ao funcionário, com esse valor dava para comprar treze quilos de trigo e com quatro delas compravam uma camisa¹⁸.

A Observância da pureza era um dado que interferia negativamente na economia no tempo de Jesus. A comunidade era composta, principalmente de judeus, fiéis observadores da lei que, para se manterem puros, gastavam muito dinheiro. Havia muitas pessoas que eram consideradas impuras - os leprosos, os possuidores de qualquer mancha na pele, os

¹⁶ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 67-68.

¹⁷ *Ibid.*, p. 68.

¹⁸ *Ibid.*, p. 68-69.

paraplégicos, a mulher pós-parto... E, para se tornarem puros, precisavam pagar uma taxa referente à pureza. Isso, às vezes, custava mais do que a maioria dos agricultores podia pagar. Era difícil um palestino, desse tempo, trabalhar, pagar impostos a Roma, os dízimos ao templo, os impostos da terra, do cozimento do pão e manterem-se puros. Havia uma multidão de pobres, marginalizados e excluídos, em parte por causa dessas leis¹⁹.

1.1.2 A Sociedade e a Família

No vértice da sociedade palestinese, dominava uma minoria de ricos, constituída de latifundiários, grandes comerciantes, altos funcionários e aristocracia leiga e sacerdotal de Jerusalém. Os ricos viviam nas cidades helênicas, sede do governo local ou da administração romana. Uma categoria intermediária era constituída de trabalhadores autônomos: artesões, pequenos proprietários, comerciantes, sacerdotes e levitas, funcionários e empregados da construção civil. Os trabalhadores temporários, diaristas, mendigos e inválidos eram considerados da terceira categoria, a dos pobres, um grupo crescente²⁰.

A sociedade organizava-se em grupos, que se diferenciavam por ideologia, política e crenças. Eram os saduceus, fariseus, escribas, zelotes, essênios e samaritanos:

Os saduceus formavam um grupo não tão grande como os fariseus, eram membros de famílias sacerdotais. Apoiavam os reis'sacerdotes e posteriormente o governo romano, pois controlavam o poder do templo, bem como os recursos financeiros. O cargo de sumo sacerdote – suprema autoridade da nação judaica - era intercalado entre seus membros. No tempo da condenação de Jesus era José Caifás. Distinguiam-se dos fariseus pela observância na tradição escrita, não aceitando que os textos sagrados fossem interpretados de forma diferentes. Não aceitavam a ressurreição, já que isso não fora ensinado no *Antigo Testamento*. Tudo indica que um grupo dissidente dos saduceus retirou-se às margens do Mar Morto, formaram a seita dos essênios, com o objetivo de criar uma comunidade pura, empenhada na

¹⁹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 73; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 401.

²⁰ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 69.

observância da lei, à espera da libertação final “dos filhos da luz”, com a eliminação de todos os ímpios. As descobertas, 1947-1956, na localidade chamada Kirbet ou wadi Qumrân, corroboram a ideia. Acredita-se que nem todos os saduceus tinham interesse político-religioso como os do Sinédrio que interrogaram Jesus, alguns apenas queriam a observância da lei²¹.

Os fariseus esperavam um dia comparecer diante de Deus no templo totalmente purificados. Por isso observavam a pureza (Mc 2,16); através dela, queriam ser um povo separado, santo, consagrado a Deus (Ex. 19,5-6), como queria a lei de Deus. O traço que os distinguia dos saduceus era a observância da lei baseada numa tradição oral, que tendia a aplicar a Torah escrita a todas as novas situações da vida²².

Os escribas, os doutores da lei, eram encarregados do ensino. Dedicavam sua vida ao estudo da lei de Deus e, por isso, eram reconhecidos pela comunidade (Mt 23,2s). O povo sabia quase de memória o que eles ensinavam (Mc 9,11; 12,35). *Eram eles que, juntamente com os escribas, controlavam de fato a formação e a vida religiosa do povo através da rede de sinagogas com suas escolas anexas*²³.

Os zelotes formavam um grupo nacionalista que mantinham vivo o espírito de Judas Macabeu, o líder guerreiro que conseguiu retomar o templo das mãos dos sírios, no século II a.C. Eram rebeldes, não queriam pagar impostos a Roma, preparavam-se para uma guerra na qual o reino de Deus seria restabelecido. Foram autores de várias revoltas, uma delas só terminou com a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.²⁴.

Os essênios, dissidentes dos saduceus, desenvolveram-se no século II a.C., eram uma seita menor e mais exclusiva que os fariseus, nunca tendo alcançado mais que alguns poucos milhares. De certa forma, não aceitavam a influência grega sobre a religião judaica, eram rebeldes contra os reis corruptos e, fundamentalistas na observância das leis judaicas, por isso, a separação da comunidade, em monastérios. Uns eram celibatários, outros não, procurando

²¹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 74.

²² *Ibid.*, p. 76.

²³ *Ibid.*, p. 76.

²⁴ *Ibid.*, p. 76.

um modo de viver o radicalismo que pregavam. É atribuída a esse grupo a autoria dos manuscritos do mar Morto, descobertos em 1947²⁵.

Para completar o quadro, os Samaritanos. As desavenças que ele tinham com os judeus vinham da época dos Asmoneus, motivadas por divergências religiosas acerca da instituição do Templo, reivindicando o direito de ter um templo no monte Garizim. Nos outros aspectos religiosos, eles só aceitavam o Pentateuco e a autoridade de Moisés²⁶.

Havia ainda outros grupos que, por causa de suas atividades civis e religiosas, eram considerados à parte da sociedade: são os pecadores e publicanos; os camponeses que não pagavam os tributos estabelecidos pela lei judaica; os tintureiros e curtidores; as mulheres, os menores e escravos. Essas pessoas eram privadas dos direitos civis e religiosos, pois não eram vistas como verdadeiros israelitas; não podiam, por exemplo, ocupar cargos nas sinagogas, nos tribunais e nas administrações locais²⁷.

A família palestina, base da sociedade, era patriarcal. Nas classes média e pobre, os casamentos eram monogâmicos, precedidos de contrato de noivado, para os homens a partir de 18 anos e para as mulheres a partir de 12. O homem, chefe da família, era o responsável por tudo, dotado de direitos e deveres de criar e educar os filhos. Tinha obrigação de sustentar a mulher, dar-lhe alimentação, vestes e dinheiro para as suas necessidades; se ela, por ventura, caísse na escravidão, ele deveria resgatá-la. Além disso, devia cuidar de sua saúde e lhe dar dignidade. A geração de filhos era considerada obrigação moral²⁸.

A mulher, apesar de ser respeitada como a mãe dos filhos, não participava da sociedade: seu lugar era em casa, tinha que ser submissa ao homem em tudo, deixar-se conduzir por ele, devia aparecer em público com o rosto coberto com véu; no templo, devia ocupar um lugar reservado, separado dos homens; no culto, não podia ler, só escutar a leitura e interpretação que os mestres e seus discípulos faziam. Não podiam ser testemunhas nos

²⁵ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 75.

²⁶ *Ibid.*, p. 77.

²⁷ *Ibid.*, p. 70.

²⁸ *Ibid.*, p. 70.

tribunais e suas filhas não tinham os mesmos direitos dos filhos varões. Se não tivesse filhos, era considerada maldita²⁹.

Os filhos eram considerados uma bênção de Deus e nasciam em casa, com a ajuda da parteira. Se nascesse menino, o patrimônio e o nome da família eram valorizados. Aos oito dias, o homem levava o filho para circuncisar e pagava uma espécie de resgate religioso ao sacerdote do local ou no Templo de Jerusalém. Aos 13 anos de idade, era levado para sujeitar-se às obrigações da religião judaica, o bar mitzvà, ou “filho do preceito”. Na ausência do pai, o filho homem exercia a função de chefia da família. As filhas, embora consideradas adultas aos 12 anos, permaneciam sob a tutela do pai até se casarem, quando passavam a ser submissas ao marido³⁰.

1.1.3 A Educação e a Vida Religiosa

A educação da Palestina do século I era acompanhada com o que se ensinava na escola e ligada à religião judaica; organizada e ministrada nas aldeias, onde houvesse uma sinagoga. Dos seis aos treze anos, o ensino consistia no aprendizado da leitura e memorização de alguns trechos da Torah, sob a direção de um mestre e ajuda de um assistente. Depois dos 13 anos, somente alguns prosseguiam os estudos superiores junto a algum mestre ou sábio, reunindo-se em pequenos grupos. Consistia na interpretação da lei – a *Torah* - e sua aplicação às várias situações de vida. Essa fase de estudo era destinada a quem almejasse um cargo administrativo, nos centros judeus da Palestina, ou quem quisesse ocupar, mais tarde, um cargo no tribunal³¹.

O poder religioso dos judeus, na década de trinta, era comandado pelos sacerdotes, que moravam no templo ou em ricos palácios; presidiam as cerimônias, determinavam os sacrifícios e ofertas para o desempenho da vida religiosa. O sumo sacerdote, autoridade máxima da

²⁹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 71; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 67.

³⁰ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 71.

³¹ *Ibid.*, p. 71.

religião judaica, era nomeado pelo Sinédrio, governo Judeu delegado por Roma, e podia ser destituído a qualquer momento. Caifás, nomeado por Pilatos, era o sumo sacerdote nesse tempo, foi ele que interrogou Jesus. Esse sistema de governo favorecia o apadrinhamento e obtenção de favores dos representantes judaicos com os do Império Romano³².

A formação social e cultural era mantida viva por meio da prática religiosa. Essa prática impregnava a vida familiar de todo judeu observante. Assim como o Templo era o centro religioso de Jerusalém, a sinagoga era o centro da vida social e religiosa de uma comunidade judaica. Nos sábados e em dias de festas, o presidente e um assistente realizavam uma assembleia litúrgica, que era a profissão de fé no Deus criador e único senhor, preces, bênçãos dadas pelos sacerdotes. Quando alguém qualificado estava presente, procedia-se à leitura do Pentateuco, seguida de um trecho dos livros dos profetas. Nessas sinagogas, a leitura da Bíblia era feita diretamente no rolo escrito em hebraico, depois imediatamente traduzido para o aramaico, a língua que o povo falava³³. Somente os mestres e seus discípulos tinham condições de ler a palavra de Deus e interpretá-la³⁴.

Flávio Josefo afirma que todo o judeu, desde a primeira infância, aprendia a conhecer e observar a lei³⁵. A vida religiosa do judeu observante seguia o ritmo da oração da manhã e da tarde com a recitação do shema, que incluía alguns textos bíblicos como o livro de *Dt* 6,4-9; 11,13-21. Havia orações e preces que acompanhavam os momentos do dia, como as refeições e início de viagens. Nas portas dos lugares públicos, os judeus punham fragmentos de pergaminhos, *mezuzôth*, que lembravam os textos do Shema. Também havia fitas coloridas, presas ao manto, que convidavam a observar os mandamentos; era também costume de atar, no braço esquerdo, e à frente, estojos com textos da Torah³⁶.

³² FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 71.

³³ O latim e o grego eram adotados na administração pública para a relação com os romanos e para relações com cidades helênicas ou helenizadas da Palestina. O grego era ensinado nas escolas superiores de Jerusalém para a comunicação com os gregos ou judeus da emigração ou da diáspora (FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 29).

³⁴ FABRIS, op. cit., p. 71.

³⁵ *Ibid.*, p. 72.

³⁶ *Ibid.*, p. 72.

Todo o judeu piedoso observava o dia consagrado ao senhor, o shabbat, repousando e dedicando-se a participação na liturgia da sinagoga e no estudo da Torah. Era também nesse momento que se reuniam para um almoço festivo, com a bênção sobre o vinho³⁷. As famílias e os grupos de judeus observantes das aldeias tinham oportunidade de subir a Jerusalém para satisfazer a obrigação de peregrinar por ocasião de três festas anuais, páscoa-ázimo, pentecostes e tabernáculos. Nesses momentos os peregrinos podiam participar das liturgias no Templo e gastar o dízimo que haviam guardado para tal. As festas de ano novo e da expiação eram celebradas nas sinagogas com orações e leituras especiais³⁸.

1.1.4 A Política

A Palestina era comandada, em hierarquia superior, pelos representantes da monarquia romana. Nos anos 30, o prefeito da Judeia e Samaria era Pôncio Pilatos e a Galileia era governada pelo rei Herodes³⁹. Na formação social de Israel na época de Jesus, a dualidade entre as zonas urbanas e rurais, existente na base econômica, era também reproduzida ao nível do sistema social e político. O sistema de relações de autoridade e poder político era bem diferente conforme se tratasse de centros urbanos ou comunidade rurais⁴⁰.

No meio rural, o poder político acontecia de forma familiar; reuniam-se, para resolver casos de litígio ou transgressões da Lei, um grupo de anciões, chefes de casas judias – o representante masculino mais idoso da linhagem - escolhido em função da pureza de seu sangue original - e um sacerdote eram eleitos para resolver problemas de pureza e impureza. Nas cidades, embora existissem conselhos como os do meio rural, o poder político estava nas mãos da nobreza laica formada pela intelectualidade da pequena burguesia, que no século I começava a mexer no poder da oligarquia tradicional, caracterizada como política de interesse de classes⁴¹.

³⁷ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 72.

³⁸ *Ibid.*, p. 73.

³⁹ *Ibid.*, p. 63.

⁴⁰ HOUTART, F. *Religião e Modos de produção pré-capitalistas*, p. 212.

⁴¹ *Ibid.*, p. 212.

O sinédrio era composto por setenta e um membros. Os sacerdotes à frente, representados pelo sumo sacerdote, depois os escribas e os anciões. Os anciões eram os chefes de famílias patrícias de Israel, em geral, proprietários de terras e representantes do comércio. Os escribas mostravam, que no sinédrio, a luta pelo poder tomava caminho diferente, não era pelo ter, mas pelo saber. Eles conquistaram esse poder através da leitura e interpretação da Torá, tão fundamentais para Israel⁴².

O Templo, órgão ideológico-religioso do Estado, era o órgão da justiça: Era formado pelo sumo sacerdote, chefe supremo; sacerdotes chefes, sacerdote comandante do Templo, chefes das vinte e quatro sessões semanais e das seções diárias, os vigilantes, os tesoureiros, os sacerdotes, os levitas, cantores, músicos, servos e guardiões. Essas pessoas todas somavam com seus familiares cinquenta a sessenta mil pessoas, um décimo da população de Jerusalém. Ser sacerdote era a prova de uma origem ilustre⁴³.

1.2 A SOCIEDADE DE SÃO LEOPOLDO DE 1824-1874

1.2.1 História e Economia

A história da sociedade de São Leopoldo começou ser marcada em 1824, quando vieram os primeiros imigrantes alemães. Era o tempo do incipiente império de D. Pedro I e as fronteiras do Rio Grande do Sul ainda não estavam definidas. A imigração alemã, iniciada naquele ano, deveria servir para a posse e consolidação do território. Em vez de tranquilidade, a incorporação dos imigrantes ao meio causou várias tensões com os portugueses que, durante séculos, haviam lutado para a defesa dessa terra, agora doada a imigrantes estranhos⁴⁴.

Segundo Dreher, os objetivos de trazer imigrantes para o Brasil ficavam em torno da necessidade de mão de obra colona, já que o comércio escravagista havia diminuído. Também

⁴² HOUTART, F. *Religião e Modos de produção pré-capitalistas*, p. 213.

⁴³ *Ibid.*, p. 213.

⁴⁴ DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade*, p. 28.

era necessário proteger a pessoa e a propriedade, criar liberdades para a agricultura e a indústria, garantir contratos entre proprietários e arrendatários, facilitando assim a aquisição e meios de subsistência⁴⁵.

Decidido pela busca dos alemães, o governo brasileiro enviou agentes à Alemanha, destacando-se o major Georg Anton Aloys von Schaeffer. O representante e companheiros, dispostos a cumprir o objetivo do governo, fizeram promessas na Europa que não eram cumpridas depois no Brasil, trazendo vários problemas diplomáticos para o Brasil e para os colonos, que não ganhavam o que lhes haviam prometido⁴⁶.

Nesse contexto, os primeiros alemães chegaram ao Rio Grande do Sul em 25 de julho de 1824. Deram o nome São Leopoldo ao local que os acolheu, a cerca de 30 km de Porto Alegre, em homenagem a Imperatriz D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I. São Leopoldo, em 1824, era uma ilha perdida em meio ao continente do Rio Grande. Nesse local, funcionava a Real Feitoria do Linho Cânhamo, iniciativa governamental, que produzia cordas para a navegação, mas que fracassara. Comunicava-se com a capital por via fluvial, era coberta de mata virgem, com animais silvestres e dominada por índios bravos. Era uma região isolada no meio do Rio Grande, habitado e produtivo, pois havia, em seu entorno, as estâncias, charqueadas e pequenos centros urbanos⁴⁷.

A primeira leva de imigrantes viu-se diante de um problema que iria perdurar por muitas décadas: a demarcação de terras. Obrigou-se a ficar instalada, por um ano, na Real Feitoria do Linho Cânhamo, até o governo providenciar, numa nova demarcação, seus lotes. A partir do núcleo, inicialmente, foram abertas onze picadas ou linhas; em cada lado da picada, no sentido perpendicular foram demarcados lotes, todos estreitos e compridos (220m x 3.300m). Os colonos construíam suas casas juntos às picadas, e estas se constituíram seus caminhos de comunicação⁴⁸.

⁴⁵ DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade*, p. 31.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 31.

⁴⁷ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 5-6.

⁴⁸ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 34.

Vindos de diversos lugares da Alemanha, muitos não conseguiam se comunicar com os demais por terem dialetos próprios de cada região. A maioria dos imigrantes era agricultores e, em menor número, artesões, comerciantes, militares, egressos de prisões e, depois de 1848, intelectuais e burgueses. A maioria era protestante e, na proporção 1 para 2, vieram também católicos⁴⁹.

Passado o momento primitivo de adaptação, os colonos começaram a plantar produtos europeus como centeio, trigo e batatas. Inicialmente os produtos excedentes eram comercializados na forma de escambo. Com o aumento da produção, houve a necessidade de fazer comércio com outros lugares para também trazer víveres que a colônia não produzia, como vinagre, café, e sal. Surgiu a primeira loja comercial, no núcleo da colônia, e depois outras que remetiam os produtos excedentes para Porto Alegre, através do Rio dos Sinos, e traziam o que faltava na colônia. As trocas eram a base desse comércio, pois havia poucas moedas circulantes. Os donos das lojas, inicialmente à margem do rio dos Sinos e depois nas picadas, transportavam os produtos por animais de cargas até Porto Alegre e intermediavam os colonos na compra e venda de seus produtos⁵⁰.

Resumidamente o comércio funcionava assim: O agricultor vendia os seus produtos no estabelecimento comercial da picada, que vendia para o estabelecimento do núcleo. Este estabelecimento vendia para Porto Alegre, e para levar até Porto Alegre pagava o transportador fluvial, que cobrava caro. Como o colono não tinha como levar os excedentes da roça até a loja, pagava para donos de animais de carga, que, às vezes, era o mesmo dono da venda comercial. O comerciante pagava pouco ao colono, vendia caro em Porto Alegre e transferia os gastos do transporte ao produtor. Com o decorrer do tempo, os colonos passaram a produzir e ter o poder aquisitivo menor e os comerciantes tornaram-se verdadeiros donos da vida econômica das picadas e, gradativamente, estendiam esse poder aos filhos. A estratificação social se delineava⁵¹.

O artesanato surgiu depois de 1845. Muitos colonos passaram a produzir arreios, cartucheiras, botinas, selas, barrigueiras guaiacas, botas... Inicialmente o escoamento dos

⁴⁹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 20.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 36.

⁵¹ *Ibid.*, p. 37.

produtos deveria seguir o mesmo caminho dos produtos agrícolas, mas criou outro, um atalho. As estâncias passaram a encomendar diretamente os produtos nas casas, com direito à supervisão. Com isso, muitos colonos começaram a se sobressair com esse tipo de comércio que havia sido subjugado à agricultura nos primeiros tempos. A partir disso, muitos colonos passaram a se ocupar somente com esse trabalho⁵².

O objetivo do governo de criar uma área voltada para a agricultura fora conquistado. Vinte anos depois da chegada deles, São Leopoldo definia-se como eminentemente agrícola: 87,6% da sua população morava na área rural; 29,1% da exportação era composta de produtos brutos de origem vegetal. Por se tornar um cinturão verde perto da Capital, a colônia desempenhou importante papel na Revolução Farroupilha, abastecendo-a, através do Rio dos Sinos, com seus produtos. De 1843 a 1844, as exportações de São Leopoldo para Porto Alegre aumentaram de 31% para 34,6%. Foi por causa do seu desenvolvimento nos dez anos de guerra que, em 1846, foi elevada a município, e seu núcleo à categoria de vila⁵³.

Depois da emancipação de São Leopoldo, houve a supervalorização da terra. Surgiram os especuladores, geralmente os comerciantes da região, que viram nisso boas oportunidades de negócio. Compravam do governo terras devolutas e com elas podiam lucrar até 600%. Como tinham capital de giro, compravam os lotes dos colonos e os revendiam a elevadas somas. Nesse intento, uniram-se em sociedades como Hosking e Miranda⁵⁴. Isso causou a concentração de terras nas mãos de poucos: em 1870, 50% dos proprietários de lotes detinham entre 70 e 77% das terras. Na picada de verão Ferrabraz e Bica, 50% dos proprietários eram donos de 71 a 82% das terras. Isso foi significativo, considerando que, inicialmente, foi doado ou vendido um lote para cada pai de família ou solteiro adulto⁵⁵.

No governo de Caxias (1842-1846), houve a melhoria do estado das picadas, antes transitáveis apenas por animais e homens. As picadas puderam ser transitadas por carroças, que podiam buscar diretamente os produtos dos colonos em seus lotes e levá-los até o rio e vice-versa. Em 1852, foi inaugurada no rio dos Sinos a navegação a vapor, reduzindo o tempo de viagem de

⁵² AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 39.

⁵³ *Ibid.*, p. 44.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 81.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 84.

São Leopoldo de mais de um dia para seis horas e mais tarde para quatro. Pertencente aos imigrantes alemães, esse meio de transporte moderno foi responsável pela ativação do comércio entre o novo município e a capital do estado, por isso de grande importância para a época⁵⁶.

Os processos detonados após 1845 provocaram o empobrecimento da maioria dos colonos, em benefício de uma pequena camada. Os pobres de 1870 continuavam pobres como os pobres de 1849. Ao morrer deixavam um patrimônio de 1.200 e 1.500 mil réis, enquanto os ricos deixavam como herança um patrimônio de 7.000, 13.000, às vezes, até 30.000 réis. A sociedade igual até 1845 tornou-se muito desigual no tempo do movimento Mucker – 1868-1874⁵⁷.

Muitos membros das famílias empobrecidas abandonaram a zona rural e empregaram-se na cidade, nas casas comerciais ou artesanais na cidade de São Leopoldo (que deixou de ser vila em 1864). Alguns se mudaram da colônia: foram para Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas para se dedicarem ao artesanato, outros emigraram para Argentina e o Estado Oriental⁵⁸.

No ano do extermínio do movimento de Jacobina, os verdadeiros donos de São Leopoldo eram os comerciantes. Eles eram os mais ricos, poderosos e influentes habitantes da ex-colônia. Uma decisão sua pesava mais que todos os outros moradores juntos. Quando São Leopoldo deu o grande salto, tornando-se município logo após, os comerciantes eram os únicos preparados para abocanharem a melhor parte. Tinham vencido o círculo fechado da economia colonial, drenando a produção agrícola do lote até Porto Alegre. Do produtor ao consumidor tornaram-se intermediários e isso era muito mais rendoso do que trabalhar a terra. Nessa época, eram os únicos que tinham conseguido guardar dinheiro⁵⁹. A São Leopoldo de 1874 tinha pouco a ver com a de meio século atrás, quando 126 imigrantes foram deixados, à própria sorte, numa clareira aberta na mata⁶⁰.

⁵⁶ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 77.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 84.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 82.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 85.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 78.

1.2.2 A Sociedade e a Família

A sociedade teuto-alemã, dos primeiros vinte anos, em São Leopoldo, enfrentou a hostilidade do meio, aliada à dificuldade das tarefas a cumprir e a pobreza geral. Isso obrigou os colonos a viver uma vida mais grupal do que individual. A família tornou-se naturalmente o traço de união entre os homens, a razão e a força de viver. Os parentes ajudavam-se mutuamente, tendo obrigações recíprocas, nas pesadas tarefas diárias, os mais velhos orientavam os mais jovens. As festas de casamentos, rituais religiosos e enterros eram partilhados em família. A estratificação social começaria aparecer depois de 1845, quando os que tinham mais começaram a sentirem-se diferentes do que tinham menos⁶¹.

Dentro da família a principal posição era do pai, e geralmente suas ordens eram acatadas. Os homens mais velhos eram respeitados por toda a comunidade. Mas as mulheres também eram respeitadas, pois de sua capacidade para o trabalho e organização familiar dependia o progresso da família. Eram consultadas sobre qualquer coisa que se fosse comprar, desde um lote de terra até uma vaca, eram respeitadas quando professoras de religião diferente da do homem. A moça, depois de quinze ou dezesseis anos, podia ir a festas sozinha, escolher namorado ou com quem quisesse se casar. Dependendo do lugar, podia até ter relações sexuais antes do casamento. As separações eram vistas como normais no meio evangélico, não tendo a mesma aceitação a infidelidade conjugal e prostituição⁶².

Os protestantes tinham muitos padrinhos, isso fazia um sistema de compadrio grande: essas pessoas tornavam-se da família. Os afilhados eram orientados e ajudados pelos padrinhos, além disso, caso ficassem órfãos, seriam amparados por eles. Os alemães já não distinguiam os parentes consanguíneos dos por afinidade. Levando em conta que a comunidade começou com 24 famílias, imagina-se que vinte e um anos depois, em 1845, quase todas as famílias eram interligadas por casamentos e compadrios, formando-se assim uma sociedade de parentela. Organizavam-se em grupos para fazer atividade para o bem comum, como erigir escolas, igrejas, derrubada da vegetação das picadas, limpar cemitérios e outras atividades necessárias ao uso coletivo⁶³.

⁶¹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 48.

⁶² *Ibid.*, p. 46.

⁶³ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 48.

Depois de 1864, quando a vila foi elevada à categoria de cidade de São Leopoldo, concentraram-se nela a camada mais rica da população. Os grandes proprietários, comerciantes e artesões mais abastados instalaram-se na região urbana para também criar um modo de vida, que os diferenciasse do modo colono e fosse condizente com a nova condição social. Para isso, tomaram decisões que fortalecessem as relações sociais com essa elite: providências que melhorassem o seu bem-estar, aprimorando o conforto das casas e da cidade; buscaram serviços em falta no local como correio, cartório, farmácias, estalagens, livrarias, imprensa e serviços de profissionais como advogados, médicos, boticários, escrivães, jornalistas... Além disso, também passaram a adquirir novos hábitos pessoais, familiares e sociais. Criou-se um abismo entre o mundo urbano e o da colônia⁶⁴.

1.2.3 A Educação e a Vida Religiosa

Para a implantação do protestantismo evangélico de imigração, o Governo Imperial procurou contratar pastores, mas eles não eram em número suficiente para a continuação de uma vida eclesiástica regular, a exemplo do que acontecera na Europa. Isso fez com que os colonos organizassem a sua própria vida religiosa. O batismo das crianças, a confirmação, as bênçãos no matrimônio e o sepultamento acompanhado pelo pastor eram-lhes de suma importância. Para essa vida religiosa, contavam com três livros básicos: a Bíblia, o catecismo e o livro de cânticos. Com esse material, mais as lembranças da vida religiosa na Alemanha, foi sendo estruturada a vida eclesiástica dos alemães.

Os primeiros cultos foram realizados nas casas, em choupanas construídas nas picadas. Cantavam, rezavam e liam a Bíblia. Logo construiriam um prédio comunitário que serviria de Templo e escola. Igreja-escola perfaz o centro da vila, na qual, ao lado da escola-igreja se encontra o cemitério, também feito pela comunidade⁶⁵. Para suprir a falta de pastores, os colonos indicavam de seu próprio meio um agricultor que assumia concomitantemente a função de pastor e de professor⁶⁶.

⁶⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 91.

⁶⁵ DREHER, M. N. (Orgs.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, p. 120-121.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 119-120.

No Rio Grande do Sul, até 1820, quatro anos antes da chegada dos imigrantes alemães, em toda a Província havia somente uma escola de primeiras letras paga pelo poder público. Em 1834, a Escola Militar era a única instituição educacional mantida pelos cofres públicos do Rio Grande do Sul. O inciso XXXII do artigo 179 da Constituição do Império previa “instrução primária e gratuita a todos os cidadãos” Essa lei de 1827 seria bem interessante, pois as propostas previam educação geral, das primeiras letras até a Universidade, mas em 1834, o Ato Adicional pôs fim à lei, antes de ter sido posta em prática. Progressos na área educacional só começaram a ser alcançados sob o governo de Caxias (1842-1846), após a pacificação⁶⁷.

A reforma protestante do século XVI buscou a socialização do saber, até então sob a hegemonia religiosa. Lutero orientava os burgomestres e vereadores das cidades alemãs para que construíssem e mantivessem escolas. O objetivo da escola era propiciar alfabetização geral para que todos tivessem acesso à Escritura e para que ninguém mais dependesse do magistério eclesiástico. E o ensino não deveria ser somente para fins religiosos, deveria formar bons cidadãos e boas cidadãs, pessoas capazes de administrar a coisa pública, devendo receber noções de História, Geografia e Matemática⁶⁸.

O povo luterano que ingressou no Brasil bem antes de seus pastores trouxe, na sua bagagem, a convicção da importância do ensino e de que a escola é a instância fundamental para o processo educacional: ela deveria ser de iniciativa comunitária, não do estado. A convicção religiosa fez com que eles pusessem no currículo escolar, além do ensino formalizado de ler, escrever e contar, a catequese, juntamente com o ensino de rezas e cânticos. O quesito fundamental para um professor ser contratado era a formação religiosa. Era comum os professores serem também pastores, tendo suas moradias anexadas às casas paroquiais. Essas características foram encontradas nos núcleos de colonização alemã de São Leopoldo e de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro⁶⁹.

Inicialmente, o ensino na colônia alemã de São Leopoldo encontrou várias barreiras. A luta pela sobrevivência fez com que as crianças, não raro a partir dos seis anos, logo fossem

⁶⁷ DREHER, M. N. *Breve história do ensino privado gaúcho*, p. 31-32.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 22.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 23.

incorporadas à atividade produtiva. Relatos da época mostram que o ensino só começava aos nove anos de idade, no entanto, isso só era possível naquelas picadas que tinham o privilégio de contar com um professor que com eles emigrara. Quando isso não acontecia, poderia se sentir privilegiada a família que contava, em seu meio, com uma pessoa idosa que ensinava a ler, escrever e fazer contas. Mas nem todos os colonos contavam com essas alternativas, o aprendizado da maioria de seus filhos dependia de pessoas não preparadas para isso que, por força da necessidade, assumiam o magistério em troca de alimentação. A frequência é descrita como altamente irregular também em decorrência dos longos trajetos e deslocamentos que as crianças tinham que enfrentar nos dias de chuva⁷⁰.

Apesar das adversidades, os colonos não permitiam que o analfabetismo se instalasse. Em 1931, quando começam a se fazer sentir as pressões do governo Vargas, as escolas luteranas, ligadas à atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), possuíam 705 escolas com 25.227 alunos, sendo que gaúchas 549 escolas com 18.874 alunos. Os municípios com predominância de população luterana apresentavam baixíssimos índices de analfabetismo: São Leopoldo, por exemplo, 8,11%⁷¹.

A organização religiosa, concomitantemente à organização escolar, perdurou até o final da década de 1850. Os colonos criaram um universo religioso pouco ortodoxo. Nele sobreviviam os fortes de corpo e espírito, habituaram-se a se comunicar diretamente com o divino, sem necessidade de intermediários ou os clérigos, quando existia um representante religioso, era fruto do ambiente. A vinda dos pastores formados em academias trouxe um choque para ambos os lados, pois a religião criada junto à comunidade era um tanto diferente daquela que a ortodoxia propunha⁷².

Em 1860, como consequência da conjugação dos interesses da incipiente burguesia de São Leopoldo e do Estado prussiano, o embaixador prussiano Von Eichmann consegue intermediar a vinda do pastor Dr. Hermann Borchard para São Leopoldo. Borchard logo conseguiu que viesse colaborar com ele uma série de missionários, egressos da Casa de Missão de Barmen. Os missionários escandalizaram-se com o universo religioso criado

⁷⁰ DREHER, M. N. *Breve história do ensino privado gaúcho*, p. 37.

⁷¹ *Ibid.*, p. 25.

⁷² DREHER, M. N. (Orgs.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, p. 122.

pelos colonos e seus pastores-colonos e cognominaram-nos de pseudopastores. Borchard criou, com apoio de seus colegas, em 1868, o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio grande do Sul e queria ligá-lo à Igreja prussiana. Em 1875, o Sínodo foi extinto, porque o povo evangélico não aceitou a realização de um empreendimento que não era seu⁷³.

A negativa dos colonos em aceitar uma hierarquia eclesiástica revela a insatisfação contra o novo modelo de Igreja que os missionários, com formação acadêmica, querem impor aos colonos. Isso pode ser comparado com a romanização da Igreja católica que estava iniciando naquele momento no Brasil. Essa insatisfação contra as ortodoxias católica e protestante, aliada à insatisfação pelo desnível socioeconômico, explode no conflito Mucker⁷⁴.

O movimento Mucker, denominado messiânico protestante é, em muitos sentidos, caso único na América Latina, tendo sido liderado por uma mulher. Esse movimento é resistência de gente oprimida social, econômica e religiosamente. Eles lutam contra a marginalidade social, marginalidade econômica e contra marginalidade religiosa, pois a sua religião não está sendo considerada. As tropas imperiais destroem o movimento e, com ele, a igreja dos colonos em 1874. A religião dos pastores-colonos e padres-colonos é submetida ao poder dos padres e pastores, que passam a tomar conta da vida religiosa da colônia⁷⁵.

O pastor Dr. Wilhelm Rotermund, chegado a São Leopoldo em fins de 1874, será o representante da religião institucionalizada. Seu grande feito, dentre outras coisas, é a implantação do Sínodo Rio-grandense, fundado, em 1886. Este modelo vingou, porque tem apoio da pequena burguesia, de professores e de agricultores bem situados. Torna-se verdadeiramente órgão representativo dos evangélicos frente aos poderes constituídos. Rotermund estabelece um modelo que será seguido pelos protestantes de emigração em outras regiões do Brasil. Assim em 1905, vai ser criado o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados da América do Sul e, posteriormente, em 1911, o

⁷³ DREHER, M. N. (Orgs.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, p. 124.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 124.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 125.

Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná e em 1912, o Sínodo Evangélico do Brasil Central. Essas estruturas unidas, em 1949 tornar-se-ão a Igreja Eclesial de Confissão Luterana do Brasil (IECLB)⁷⁶.

Sobre os imigrantes católicos, o jesuíta Arthur Rabuske estima que eles eram a minoria: talvez chegassem, mais tarde, a 40% dos protestantes⁷⁷. Eles não enfrentaram os problemas jurídicos que tanto aborreceram os protestantes, pois a religião oficial, no Brasil, era a Católica Apostólica Romana, mas isso não os ajudou muito, porque a igreja local passava por grandes dificuldades e seu bispado de Porto Alegre só seria instaurado em 1848. Para os imigrantes alemães católicos, o apoio religioso só chegaria em 1849 com a vinda dos primeiros jesuítas da Europa central, pois os padres de Porto Alegre eram, em maioria, ruins⁷⁸.

Aos teuto-católicos, sob a orientação de seus guias espirituais e jesuítas, caberia o papel de viverem um catolicismo prático na família, na comunidade religiosa e escolar paroquial, modificando a forma que o catolicismo era vivido na Província de São Pedro. E aos próprios jesuítas a obra difícil e paciente de mudarem o conceito antigo em relação aos ministérios sacerdotais e à própria imagem do clero. Igualmente, também de formar um clero diferente do tradicional, a partir das vocações surgidas no seio das comunidades rurais. Assim se delinearía algo de novo na Igreja Católica do Rio Grande do Sul⁷⁹.

Acredita-se que os colonos teuto-católicos, de 1824 a 1849, procuravam conservar a herança de sua religião através dos seguintes meios: a) A devoção familiar caracterizada pela recitação de orações feitas no início da manhã, antes das refeições e à noite. Com isso, as crianças apropriavam-se das coisas principais da sua religião antes de ter frequentado a escola; b) O ato consciencioso do culto dominical, quando os colonos rezavam o terço, cantavam e liam trechos da Bíblia; c) A fundação e a manutenção da escola católica que funcionava da seguinte forma: na falta de um professor formado, alguém se dispunha a fazer o trabalho, mesmo que de forma rudimentar. No currículo, além da prática da leitura, da

⁷⁶ DREHER, M. N. (Orgs.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, p. 125-126.

⁷⁸ RABUSKE, Arthur (SJ). A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul. *Teocomunicação*, Porto Alegre, T. 7, n. 5; 35-38, p. 196-197, 1977.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 201.

escrita e de fazer contas, havia o ensino religioso. Essas associações religiosas funcionavam de forma semelhante às evangélicas, o padre eleito fazia aquilo que era reservado a um sacerdote, exceto a consagração⁸⁰.

Em 1849, chegaram da Europa três padres jesuítas, que falavam alemão; dividiram os católicos de São Leopoldo em duas regiões, leste e oeste, e no mesmo ano, já fundaram duas paróquias, uma em São José do Hortênsio e outra em Dois Irmãos, onde se estabeleceram. Os padres, a princípio, escandalizaram-se com o estado em que encontraram os fiéis: pareciam-lhes bárbaros, dignos de repulsa e compaixão. Perceberam, imediatamente, que havia muito trabalho a fazer⁸¹.

Os jesuítas Lipinski e Sedlac e, mais tarde, outros que vieram à colônia, tomaram muitas medidas para fazer os colonos voltar à ortodoxia católica: proibiram a ação dos padres-colonos e substituíram-nos por padres ordenados; igualmente proibiram a ação dos colonos professores, concentrando todo o ensino nas escolas paroquiais e colégios fundados pela Companhia; os padres fizeram uma política de afastamento entre católicos e protestantes, a começar pelos casamentos e batismos mistos, que foram proibidos; Interferiram nas associações religiosas aos poucos, modificaram as ações e objetivos, de tal forma que em 1874, elas muito pouco se assemelhavam às que existiam na época da chegada dos padres; os colonos continuaram a contribuir com o dinheiro e trabalho para a construção e conservação de capelas e cemitérios e para a manutenção do padre. Nas duas visitas pastorais que Dom Sebastião fez à colônia, em maio de 1863 e março de 1866, percebeu o trabalho profícuo que os jesuítas tinham feito em tão pouco tempo: Era um exemplo que deveria ser seguido nas demais paróquias de sua diocese⁸².

⁸⁰ RABUSKE, Arthur (SJ). A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul. *Teocomunicação*, Porto Alegre, T. 7, n. 5; 35-38, p. 203, 1977.

⁸¹ *Ibid.*, p. 205.

⁸² *Ibid.*, p. 209.

1.2.4 A Política

Até 1845, os imigrantes não tiveram nenhuma participação política, São Leopoldo era uma simples colônia de Porto Alegre. O contrato assinado na Alemanha, dando-lhes, entre outras coisas, a concessão imediata de cidadãos brasileiros, não foi, em São Leopoldo, respeitado, pois era uma cláusula anticonstitucional. As leis posteriores que saíram sobre isso criaram exigências que os colonos não podiam cumprir. Além disso, mesmo com a naturalização, os colonos não tinham plenos direitos políticos. Segundo a constituição, os naturalizados podiam votar nas eleições paroquiais, mas em nenhum cargo⁸³.

A falta de uma administração que atendesse os colonos nos problemas como conservação de estradas, saneamento, pontes, meios de comunicação, assistência médica, igrejas e escolas fez com que os colonos se reunissem em pequenas associações encarregadas de zelar pelos interesses de todos. Os serviços públicos eram realizados em sistema de mutirão, comandados por um chefe, escolhido por eles⁸⁴.

A elevação da colônia a município, em 1846, e a criação da câmara deram condições para os alemães começarem a participar da vida pública, pois essa participação no campo político significava progresso e lucro para a elite econômica. Mesmo assim, em 1852, havia apenas um vereador de origem germânica em São Leopoldo, e somente em 1864 o número de teuto-brasileiros ultrapassou o de nacionais na Câmara Municipal: em 1860, o município ainda não tinha nenhum funcionário ou autoridade pública de descendência germânica, e o primeiro deputado só foi eleito em 1881. Os Alemães, afastados muito tempo da vida pública, achavam difícil entender os mecanismos da economia e da política, tanto quanto entender o papel que eles representavam naquele cenário⁸⁵.

A política no tempo do movimento Mucker funcionava assim: a grande maioria dos moradores, geralmente, distanciada das decisões da política local, votava no candidato indicado pelo vizinho, pelo compadre ou parente. A elite econômica, logo fez dirigente da

⁸³ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 55.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 47.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 102.

política de São Leopoldo, elegeu seus vereadores para a Câmara, conseguiu nomear juízes de paz, delegados e subdelegados a seu gosto. Quando o político não era o próprio comerciante, grande proprietário, grande artesão ou profissional liberal, era alguém muito ligado a ele, encarregado de defender interesses políticos da família, enquanto os outros cuidavam dos interesses econômicos. O comerciante rural era muito importante, pois ele chegava até os colonos e podia obter o seu voto⁸⁶.

A organização política de São Leopoldo ficou da seguinte forma: os velhos comerciantes e artesões pertenciam ao partido conservador, enquanto os que haviam surgido após 1845, profissionais liberais, comerciantes e artesões pertenciam ao partido liberal. Os dois partidos, por meio da imprensa local, de panfletos, folhetos, conversas, discursos, igualmente da política nacional, digladiavam-se entre si. Caracterizavam-nos atos não lícitos como conchavos, demagogia, promessas fáceis, trocas de favores...⁸⁷.

1.3 ORIGEM DOS LÍDERES

1.3.1 Jesus de Nazaré

Sobre os dados de origem de Jesus de Nazaré, sabe-se que nem todos os dados são confiáveis, alguns são incertos. Pelos evangelhos, principalmente, os de Mateus e Lucas e outras fontes antigas pode-se concluir o seguinte: seu nome é Jesus, em hebraico Jeshu, abreviação de Jehoshua; filho de Myriam e Joseph; o lugar do nascimento foi Belém da Judeia (ou Nazaré na Galileia); tinha fixado domicílio em Nazaré na Galileia (Cafarnaum); nasceu no tempo do rei Herodes (censo de Quirino); não há registros de que se tenha casado; exercia a profissão de carpinteiro e depois de adulto, mestre e pregador itinerante⁸⁸.

⁸⁶ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 104.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 104.

⁸⁸ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 78; Cf. THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 173.

O apóstolo Paulo não fala sobre a origem de Jesus. Mas na fórmula que serve de introdução na carta aos Romanos, escrita pelo fim do ano 50 a.C. além da origem hebraica e israelita de Jesus, fala da sua pertença à estirpe de Davi (Rm 1,3; cf 2Tm 2,8). Provavelmente, ele se reporta a um fragmento antigo de profissão de fé, no qual põe a origem davídica de Jesus como base para sua messianidade. Nesse texto, o acento é posto no fato de Jesus ser reconhecido, a partir da sua ressurreição, como Filho glorioso de Deus, capaz de comunicar o Espírito Santificador (Rm 1, 3-4)⁸⁹.

O evangelista Lucas, no prólogo de seu texto, escreve a Teófilo, informando que fez cuidadosa pesquisa sobre a genealogia de Jesus, atestando, com isso, a sua origem davídica (Lc 1,1-4). Além de narrar o nascimento e outros fatos pertinentes de sua vida, narra episódio de Jesus, aos 12 anos entre os doutores da lei (Lc 2,41-50). Nesse texto, aparece a consciência do filho de Deus sobre sua origem e missão. Ainda por esse autor, sabe-se que Jesus tinha cerca de trinta anos quando iniciou sua vida pública e era conhecido como o filho de José⁹⁰.

O quarto evangelista confirma a tradição da origem nazaretana de Jesus (Jo 1,45), mas provoca um debate sobre a identidade messiânica com o lugar de nascimento de Jesus. Os judeus põem muitas dúvidas sobre a divindade de Jesus, eles conheciam sua mãe, seu pai e seus irmãos. João não nega a origem histórica de Jesus, mas afirma que só pode reconhecer Jesus quem se deixa instruir por Deus, mediante a revelação do único que viu a Deus. (Jo 6, 43-47)⁹¹.

Segundo Theissen e Merz, a hipótese da origem davídica de Jesus esbarra em várias suposições, a saber: seria decisivo saber se a sua família tinha origem na família de Davi ou havia sobre ele uma expectativa em virtude de uma descendência dinástica; Paulo não inventaria que Jesus era davídica, pois conhecia sua família. Jesus teria rejeitado o título de Messias para si, pois enquanto davídica, ele não poderia, segundo Mc 12, 35ss. ser o Messias esperado pelos escribas; as profecias anunciavam que O Messias devia proceder de Belém; a família omitia ser real, pois havia outra no poder naquele tempo e isso poderia ser perigoso,

⁸⁹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 78; Cf. THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 79.

⁹⁰ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 80.

⁹¹ *Ibid.*, p. 81.

em função das guerras judaicas; as genealogias de Jesus divergentes não são argumentos contra a consciência messiânica de Jesus, as famílias não sacerdotais também tinham suas tradições de família⁹².

Outra teoria afirma que Jesus não era davídica e nesse sentido faz várias suposições: Jesus foi cultuado como davídica somente após a ressurreição – seriam ecos de uma crítica que os judeus faziam a Jesus, acusando-o de não pertencer à família de Davi; o postulado de que o Messias devia ser davídica é desnecessário no novo testamento; No momento em que se estabelece a crença no nascimento virginal, a afirmação de que Jesus se originava da casa de Davi (Lc 1, 27;2,4) foi suplantada; deve-se contar, portanto, com a possibilidade de Jesus ser davídica, pois a expectativa de que o messias devesse se originar de uma família dessa extirpe pode ter desempenhado algum papel no ambiente de Jesus e seu carisma⁹³.

Conforme *Mc* 1, 3-11, a história de Jesus vincula-se à de João Batista; Isaías profetizara sobre o filho de Zacarias e Isabel, que viria para preparar os caminhos para o Salvador dos homens. Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia proclamando que o Reino de Deus estava próximo, que todos se arrependessem e cressem nas palavras divinas (*Mc* 1, 4-15). Num episódio ocasional, o evangelho de Marcos informa que Jesus é conhecido na sua pátria, provavelmente Nazaré (*Mc* 1,9) como carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão e que lá também estão suas irmãs, residentes no mesmo lugar (*Mc* 6, 1. 3)⁹⁴.

Quanto à condição celibatária de Jesus, bem como sua motivação para isso, é provável que ele tivesse se inspirado na figura profética de Jeremias (*Jr* 16,1-13) como sinal para seus contemporâneos. Talvez, ainda tenha se inspirado na figura de João Batista que, também, pelo que aparece nos evangelhos, não tenha se casado. A opção de não constituir família não adveio de uma impossibilidade física de casar e gerar ou de uma coação externa, também não adveio por condições socioeconômicas. Tudo leva a crer que foi uma opção, tomada com o

⁹² THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 219.

⁹³ *Ibid.*, p. 219-220.

⁹⁴ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 79; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 66 e 99.

intuito de dedicar-se à missão para que viera, um sinal do tempo novo inaugurado com a irrupção do reino de Deus na história humana⁹⁵.

Sobre a profissão de Jesus, é de consenso de que tenha sido carpinteiro. O mais provável, portanto, é que Jesus fosse um trabalhador autônomo, capaz de exercer essas diferentes habilidades profissionais, de acordo com a demanda dos clientes. Tal interpretação converge com o que escreveu o autor cristão Justino de Roma, no ano 150 d.C. Esse escritor, que nasceu na Galileia, a região onde Jesus viveu, afirma que Jesus fazia cangas e arados para bois. Em Nazaré, Jesus era conhecido de seus conterrâneos pela profissão de artesão, bem como o seu ambiente familiar. A atividade manual e o ambiente familiar conhecido contrapõem-se ao ensino com autoridade e à realização de obras extraordinárias (*Mc* 6,1-13; *Mt* 13,53-55). Esse modo de pensar reflete a concepção grega e helênica, para a qual o trabalho manual é contraposto ao intelectual, do filósofo e do sábio⁹⁶.

Tudo indica que Jesus não fazia parte de uma família pequena, junto com os pais; era integrado numa família mais extensa. Os evangelhos nomeiam quatro irmãos e dizem que ele tem irmãs que, provavelmente, são casadas e têm sua família nuclear. Abandonar a família era muito grave, o indivíduo devia procurar outra célula familiar. Mas Jesus, num dado momento, abandona essa família para procurar uma bem maior, que abarcasse todos os homens e mulheres dispostos a fazer a vontade de Deus⁹⁷.

Não se sabe se Jesus aprendeu a ler e a escrever. Se aprendeu, não pôde praticar muito, já que em sua casa não havia livros para ler nem tinta ou pergaminho para escrever. Mas a habilidade que Jesus mostra para discutir sobre textos das Escrituras ou sobre tradições religiosas faz pensar que Ele tinha um talento natural que compensava a falta do ensino formal. As pessoas desse povoado tinham grande capacidade de reter na memória cantos, orações e tradições populares, que eram transmitidas de pais para filhos. É provável que Jesus tenha sido um sábio sem dominar a leitura e a escrita⁹⁸.

⁹⁵ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 88; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 83.

⁹⁶ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 85.

⁹⁷ PAGOLA, op. cit., p. 66.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 79.

Sobre o desentendimento de Jesus com sua família, Theissen e Merz afirmam o seguinte: carisma é a presença de algo que extrapola o cotidiano e, em contrapartida, a família controla o cotidiano. Não causa estranhamento o fato de Jesus desentender-se com a sua família. Segundo Mc 3, 20s,31-35, seus parentes o consideraram um louco e, segundo Jo 7,5, seus irmãos não acreditaram nele. No entanto, mais tarde, vários membros da família de Jesus aparecem nas comunidades cristãs. Segundo At 1, 14, a mãe de Jesus pertencia à comunidade cristã primitiva de Jerusalém. Seu irmão, Tiago, era uma das testemunhas da Ressurreição (1Cor 15,7) e se tornou líder da comunidade de Jerusalém na década de 40. Os outros irmãos de Jesus também se tornaram cristãos (cf. At 1,14; 1Cor 9,5)⁹⁹.

1.3.2 Origem de Jacobina Mentz Maurer

Jacobina Mentz nasceu em junho de 1842, na Capela da Piedade, hoje Hamburgo Velho. Era filha de André Mentz e de Maria Elizabeth Müller, colonos alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul, ele, em 06/11/1824 e ela, em 8/11/1825. Pertencia a uma família numerosa, tinha sete irmãos. A morte prematura do pai deixou os oito filhos aos cuidados exclusivos da mãe, muito rígida quanto aos costumes e à religião, quando a menina tinha nove anos. Não conhecia a língua Portuguesa, sendo apenas semialfabetizada em alemão.¹⁰⁰ Mais tarde, no início do movimento, ela tentou recuperar o tempo perdido em relação aos estudos. Como gostava muito de ler a Bíblia, teve aulas de leitura, escrita e interpretação, procurando pelo estudo próprio, aprofundar o que sabia¹⁰¹.

O avô, Libório Mentz, emigrou, ao que tudo indica, devido à perseguição religiosa que sofria na Alemanha. Pertencia ao grupo pietista da Igreja Luterana, minoritário, acusava sua igreja de desviar-se das pregações e ensinamentos da Bíblia. O historiador Martin Dreher explica o motivo inicial da revolta dos luteranos na Alemanha:

⁹⁹ THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 218.

¹⁰⁰ AMADO, J. *A revolta dos Muckers*, p. 142; Cf. DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 39-40; PETRY, L. *O episódio Ferrabraz*, p. 43-44.

¹⁰¹ SCHUPP, A. *A revolta dos Muckers*, p. 37.

Em 1788 o Duque Ernest II, fazendo uso do direito do supremo episcopado do senhor territorial, designou o teólogo Josias Friedrich Loeffler (1752-1816) o cargo de Superintendente Geral, o que equivale a arcebispo, em Gotha. Loeffler havia sido professor universitário em Frankfurt/Meno. Suas publicações apresentam-no como digno representante da Ilustração alemã. Nesse sentido, reduziu a revelação a evidências racionais e, enquanto editor da *Magazin Für Prediger* (Revista para pregadores), difundiu a interpretação da Bíblia à moda do Racionalismo¹⁰².

Os separatistas não aceitaram a religião relegada ao Racionalismo, viviam a sua fé de acordo com a religião anterior à Ilustração. Eram acusados de buscar os sacramentos da confissão, da Eucaristia e do batismo fora do território. Atravessavam a fronteira para comungarem da antiga doutrina. Por esse comportamento, a comunidade podia entender que eles não consideravam legítima a ação do ministério dos pastores do ducado. Levados ao tribunal foram impelidos a renunciarem ao separatismo ou emigrarem do local. A emigração aconteceu a 16 de abril de 1799, fixando-se no Território de Würz, na localidade de Sternberg. Mas também nesse lugar, seriam impedidos de viver a religião antiga¹⁰³.

Libório Mentz chegou a São Leopoldo em 24 de julho de 1824. Dona Leopoldina, esposa de D. Pedro I, garantiu-lhe, pessoalmente, que ele teria a liberdade de viver a sua religião no Brasil. Não há registros de como viveu sua fé na colônia de São Leopoldo, pois morreu dois anos depois. Seus filhos foram pessoas trabalhadoras e espertas. Em pouco tempo, conseguiram adquirir mais prazos para pagamento das terras e, com isso, o aumento delas. O pai de Jacobina, André Mentz, embora tenha morrido cedo, havia adquirido um patrimônio considerável capitalizado em terras, que foram distribuídas aos filhos, mais tarde¹⁰⁴.

Há muitas divergências sobre a saúde de Jacobina. Alguns a apresentam como doente desde criança, sofrendo de crises de melancolia, ausência, insônia e ataques de tipo epilético letárgico. João Daniel Hillebrand, médico residente na então cidade de São Leopoldo, atendeu várias vezes a adolescente. Numa das consultas, quando ela tinha 12 anos, teria aconselhado a família a procurar um rapaz, o quanto antes, para casá-la. Chamado a examiná-la na ocasião

¹⁰² DREHER, M. N. Conversas a partir da margem: dialogando sobre os Mucker. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 68-69.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 70.

¹⁰⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 143.

do interrogatório a 23 de maio de 1873, quando fora levada de carroça para São Leopoldo para responder ao inquérito do chefe de polícia, declarou o seguinte: Jacobina era de boa fé, estava sendo abusada de charlatanismo do marido e outros seus partidários, para um fim que ele ignorava; era vítima de um transtorno do sistema nervoso, agravado por leituras de natureza religiosa, que a levou por degenerar numa verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo¹⁰⁵.

João Jorge Klein referiu-se à Jacobina, sua cunhada, da seguinte forma: era uma criança doente, sempre disposta a chorar, sonâmbula, sofria de insônia, tinha o sono agitado, sofria de convulsões que se pareciam com ataques epiléticos. Os familiares e a própria Jacobina disseram que, aos doze anos, tivera uma grande enfermidade que a prostrou muito e, que os períodos de ausência, o estado de inconsciência em que costumava ficar, tornaram-se comuns depois de casada¹⁰⁶.

Essas crises aconteciam, inicialmente, de forma espaçada, depois com mais frequência. Nesses momentos, apresentava boa cor e pulsação normal, ficava insensível à dor e estímulos físicos, embora capaz de raciocinar e prever dia e hora dos novos ataques ou pedir que alguém trouxesse algo que estivesse faltando em casa. Passada a crise, dizia não se lembrar de nada que lhe ocorrera. Na idade adulta, após o casamento, depois de ter a primeira criança, teve aumentado o número desses momentos de ausência, ficando muitas horas e até mais de um dia, num estado letárgico. Sobre o diagnóstico desse mal, alguns afirmaram tratar-se de personalidade psicopática, com crises histeroepiléticas, outros as classificaram como legítimas histerias¹⁰⁷.

Nessa época, apareceu, na colônia, um livro sobre sonambulismo que chamou atenção de muitos. Explicava o fenômeno como uma manifestação de forças sobrenaturais, os sonâmbulos tinham poderes de vidência, sendo capazes de tratar doenças não curadas pelos médicos. A comunidade fez a relação entre o que dizia o livro e as crises de Jacobina¹⁰⁸.

¹⁰⁵ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 41.

¹⁰⁶ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 144.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 144.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 144.

Depois que Maurer tornou-se o curandeiro, Jacobina passou a auxiliá-lo nos tratamentos. Nas crises, fazia diagnóstico e prescrevia remédios. Os colonos, em número cada vez maior, acreditavam que o casal Maurer estava animado por forças sobrenaturais e passaram a pedir-lhes explicações sobre a Bíblia e sobre fenômenos considerados de origem divina. Dois anos antes do desfecho trágico, 1872, Jacobina conquistara fama igual ou maior que o marido, tornou-se um ídolo para muitos daquela gente simples¹⁰⁹.

Jacobina casou-se em 26 de abril de 1866, na capela da Piedade, com João Jorge Maurer. O noivo era analfabeto e também professava religião evangélica. O casal teve seis filhos, sendo o último um bebê de menos de três meses na ocasião do desfecho do conflito no Ferrabraz. Ele trabalhava como lavrador e marceneiro, conheceu a noiva na carpintaria de Pedro Mentz, futuro cunhado, em São Leopoldo. Antes disso, ele servira a Guarda Nacional, em Porto Alegre, no início da Guerra do Paraguai. Era um homem bem-apeado, gostava de uma boa prosa com os vizinhos, vestia-se com esmero, gostava de frequentar reuniões sociais, não tinha sinais de ter um temperamento forte, ao contrário, era um indivíduo pacífico¹¹⁰.

Sobre a ocupação de Jacobina, convém retornar novamente ao interrogatório do dia 23 de maio de 1873, pois é a informação direta. Jacobina respondeu ao chefe de polícia, Dr. Sampaio, que se ocupava dos serviços domésticos¹¹¹. Para Domingues, Jacobina aprendera a fugir da realidade para não ter que se transformar numa estoica dona de casa e mãe de família, numa abnegada auxiliar do marido nas rudes lidas da lavoura. Aprendera, por necessidade, a auto-hipnotizar-se ou autossugestionar-se, sem ter disso consciência, para conseguir chamar atenção sobre si. Isso foi o coroamento de constantes exercícios de autodomínio, que fortaleceu seu estoicismo e sua força de vontade¹¹².

No próximo capítulo, *A Essência do Movimento Mucker*, inicialmente, é colocada uma breve história do movimento na concepção de João Guilherme Biehl. A opção por esse autor é justificada pela importância de suas obras sobre a imigração alemã e sobre os mucker, pois vários estudiosos modernos consideram seu trabalho relevante a esse estudo. No segundo

¹⁰⁹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 145.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 140.

¹¹¹ DOMINGUES, M. *A nova face dos Mucker*, p. 159.

¹¹² *Ibid.*, p. 44.

subcapítulo, a vida sociorreligiosa dos mucker é posta frente às Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) pregadas por Jesus de Nazaré; Esse trabalho justifica-se pela preferência do texto bíblico nos cultos dos Maurer no Ferrabraz. No terceiro subcapítulo, há o teor da religião Mucker e as principais pregações de Jacobina.

2 A ESSÊNCIA DO MOVIMENTO MUCKER

Há vários textos que falam sobre o movimento mucker, mas pouca coisa se encontra sobre as pregações de Jacobina ou a sua doutrina. É possível que o grupo estivesse escrevendo as normas para a nova religião, pois Jacobina mencionou isso ao chefe de polícia, Dr. Sampaio, em 23 de maio de 1873¹¹³, pois fazia parte do ensino protestante de imigração a catequese¹¹⁴; talvez ela quisesse também pôr as normas religiosas sobre os muckerismo no incipiente currículo escolar. Sabe-se que a organização religiosa na colônia alemã foi feita a partir da Bíblia, do catecismo e do livro de cânticos. Esses três itens, somados à lembrança da prática religiosa na Alemanha, foram a base para os colonos criarem os seu universo religioso, já que não recebiam atendimento religioso de um pastor ou padre formado em academia.¹¹⁵ Mesmo assim, pode-se perceber, através de textos paralelos, um pouco de como rezavam, se comportavam e pensavam.

Depois de 1873, muitos colonos deixavam de buscar os rituais nas Igrejas e buscavam as pregações de Jacobina em sua casa. Os mucker achavam que Maurer curava os doentes por inspiração divina e consideravam Jacobina iluminada por Deus. Nas palavras dela, encontravam a segurança que os padres e pastores não lhes davam. A interpretação da Sagrada Escritura, com palavras simples, satisfazia o grupo do desamparo religioso que havia sofrido por longo tempo. Enquanto muitos se satisfaziam com a religião imposta pelos padres e pastores formados, os mucker preferiam a religião rústica, criada juntamente com o casal Maurer, porque essa forma de se relacionar com o sagrado tinha o jeito deles e dava as respostas de que tanto necessitavam¹¹⁶.

¹¹³ Nesse dia, Jacobina falou que havia orientado aos seus adeptos para retirarem os filhos da escola, pois o currículo escolar deveria ser embasado na nova doutrina (DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 159).

¹¹⁴ DREHER, M. N. *Breve história do ensino gaúcho*, p. 23.

¹¹⁵ Idem, (Org.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, p. 120.

¹¹⁶ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 190.

2.1 BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO

Na colônia Padre Eterno, Ferrabraz, região de São Leopoldo, um movimento chamou atenção da comunidade local e regiões vizinhas. Desde 1868, um número acentuado e crescente visitava Jacobina e João Jorge Maurer, à procura de um esclarecimento ao redor dos seus sonhos, cura com ervas medicinais e interpretações das Escrituras. Esses colonos dialogavam com uma entidade superior denominada Espírito da Natureza, rezavam, cantavam, preparavam refeições em comum, descansavam e retornavam aos seus afazeres domésticos e roças. Essa divindade natural chamava o espírito de Jacobina, que se ausentava do corpo, para ensinar a tratar doenças, interpretar as Escrituras, aconselhar e fazer profecias. Nas reuniões, ao redor de palavras inconscientes de Jacobina e interpretações de textos bíblicos, os colonos sentiam-se atendidos nos males do corpo e nas inquietações da alma. Essas práticas, passadas de boca em boca, representavam procuras e possibilidades terapêuticas coletadas por esses colonos e seus ancestrais desde 1824. Um sobrevivente do movimento, Miguel Noé, relata que as palavras de Jacobina, quando em estado de inconsciência, não lhes vinham à mente quando voltava a si, tendo um dos presentes que repeti-las para ela. Havia esclarecimentos para todos os tipos de doenças, independente de como se chamavam, logo eram tratadas com infusões tanto para friccionar como para ingerir, tendo sempre muito cuidado com as correntes de ar. As realidades ao redor dos sonhos de Jacobina eram compostas de identificações que coexistiam com uma autoconstituição de uma moderna interioridade alemã no solo gaúcho.¹¹⁷

A partir de 1872, os seguidores de Jacobina e João Jorge Maurer tomaram várias medidas que causaram estranhamento à comunidade em que estavam inseridos: começaram a se ausentar de suas comunidades católicas ou protestantes, a não aceitar a forma com que a comunidade comprava e vendia os produtos, trocando entre eles os excedentes; a não aceitar o cemitério dos demais, enterrando seus mortos nas roças; a julgar o sistema escolar inadequado para seus filhos, responsabilizando-se pela educação das crianças e explicar o mundo na concepção literária apocalíptica. Daquele momento em diante, seriam tratados numa arena pública composta de representantes do clero, da política, da mídia, do poder legal e de parte

¹¹⁷ BIEHL, J. G. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no Sul do Brasil. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sistema social no Brasil*. Porto Alegre: Artes Ofício, 1999, p. 156.

da população, sendo acusados de ter formado uma corporação de fanáticos, bárbaros, criminosos e de alienados mentais. E foram feito “Mucker” condenados pelas concepções sociais, através de vozes dos clérigos que se levantavam de seus púlpitos para pregar contra os falsos beatos, das vozes da polícia, da imprensa, da maçonaria, do poder legal e parte da população local. Mucker tornou-se a patologia e um estágio religioso criminoso que deveria ser exterminado pelas concepções filosóficas, religiosas e éticas, presentes naquela incipiente sociedade teuto-alemã. O confronto que objetivou pôr um fim nesse mundo, muito religioso, de forma traumática, de fato regeu uma sociedade com reordenamentos simbólicos e práticas governamentais naquele momento e no século por vir. A guerra Mucker seria uma prova de fogo da existência de uma normalidade e legalidade e de um forte e independente germanismo liberando um ar alemão no estado¹¹⁸.

A imprensa, através do jornal *Deutsche Zeitung*, em 10 de dezembro de 1873, publica que as ações dessa seita são perniciosas, o governo precisa reprimi-la com todos os seus meios disponíveis e que as ações dos mucker são imorais, praticam o comunismo em diversas formas, inclusive no casamento; ensinam que o mundo se tornará bom, quando vier a idade de ouro, tempo em que os rebentos serão mortos contra a parede... Os mucker fazem ameaças de morte aos que não aceitarem o muckerismo, julgam não ser pecado algum atirar contra os incrédulos. As ações dessa seita, além de serem perigosas à comunidade, são perigosas ao estado, pois estão a preparar uma revolução, não cumprem as leis civis, estão armados e estão preparados para desativar a sociedade. Se as motivações dos mucker fossem somente de natureza religiosa, baseadas no senso comum, até se permitiria que isso fosse levado adiante. A história ensina que as seitas quando reprimidas, multiplicavam-se, mas ensina também que as loucuras religiosas levam a aumentar os números das estatísticas criminais. Os mucker adoram uma mulher como Cristo, no entanto deveriam chamá-la de p... (puta) babilônica; a prisão ou o manicômio deveria ser o refúgio desse bando; eles são devotos de muitos atos de maldade que se operam na sociedade como um veneno mortal que destrói as pessoas e a comunidade; se o governo não livrar a sociedade desse monstro, as pessoas farão justiça com as próprias mãos, linchando-os¹¹⁹.

¹¹⁸ BIEHL, J. G. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no Sul do Brasil. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sistema social no Brasil*. Porto Alegre: Artes Ofício, 1999, p. 157.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 157.

Em maio de 1873, Jacobina foi levada por uma escolta policial de oito praças de sua casa até a casa da Câmara de São Leopoldo.¹²⁰ Estava, na ocasião, doente de um mal que lhe acometia costumeiramente, ficando sem sentido por horas e até dias. Durante a viagem, que durou nove horas, foi humilhada pela população e chegando à cidade, foi exposta ao público. Dr. Hillenbrand submeteu-a a vários exames para saber se a doença de Jacobina era psicossomática, não encontrando nada, além do estado de inconsciência. Depois do exame e o depoimento, o chefe de polícia, Dr. Sampaio, encaminhou Jacobina ao Hospital Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre para achar um possível diagnóstico da doença dela. Três semanas depois soube-se que Jacobina Mentz Maurer não era portadora de mal algum. Koseritz registrou a volta da ordem na colônia, durante a estada do senhor e da senhora Maurer na Capital do estado. Eles assinaram um compromisso de bem-viver, que dentre outras coisas, comprometiam-se a não fazer mais reuniões religiosas em sua casa¹²¹.

Ao lutarem para manter suas ideias e direitos na colônia, os chamados mucker foram pegos participando das ideias e práticas estimuladas pelo germanismo local. Antes do seu desaparecimento, eles foram além da ferocidade de animais selvagens, literalmente, puseram fogo em seus opositores e suas propriedades. Na noite de 24 para 25 de junho de 1874, depois da prisão de alguns deles, os mucker mataram 14 pessoas entre crianças e adultos pertencentes às famílias que os haviam hostilizado, cortando o rabo de seus cavalos e conspirando com as autoridades locais contra eles¹²².

No dia anterior ao extermínio dos mucker no Ferrabraz, dia 1º de agosto de 1874, o jornal *Deutsche Zeitung* mais uma vez reiterava sua opinião sobre as medidas que o governo deveria tomar para exterminar os mucker: os seguidores de Jacobina deveriam ser caçados como cachorros; ser mortos na espada e no fogo para que não restasse nenhum rastro deles; a opinião da população era de que não se tivesse compaixão com esses canibais; as suas cabeças

¹²⁰ A Câmara Municipal de São Leopoldo foi criada em 24 de julho de 1846, sendo abrigada na mesma casa a cadeia municipal. A Lei nº 4, de 1º de abril de 1846 fez nascer a Vila de São Leopoldo, instituindo a municipalização do povoado do mesmo nome. A vila tornar-se-ia cidade em 12 de abril de 1864, pela Lei nº 563 (SILVA, H. R. K. Fontes para a história da Câmara Municipal de Vereadores de São Leopoldo. In: SILVA, H. R. K.; HARRES, M. M. (Orgs.). *A história da Câmara e a Câmara na história*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 15).

¹²¹ BIEHL, J. G. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no Sul do Brasil. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sistema social no Brasil*. Porto Alegre: Artes Ofício, 1999, p. 159.

¹²² *Ibid.*, p. 160.

deveriam ser cortadas, pois eles eram responsáveis pelas mudanças da comunidade, provocadas por uns fanáticos e assassinos que queriam mudar o mundo através de suas contemplanções, embora mal soubessem escrever e ler seus nomes.

No dia 2 de agosto de 1874, na colônia de São Leopoldo, a polícia e vários colonos voluntários puseram em prática as sugestões do jornal *Deutsche Zeitung*. Dezesete colonos, identificados como mucker, falsos beatos, santarrões foram exterminados pela força da Guarda Nacional, do Exército e da Polícia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Essa intervenção militar foi articulada pela elite de ascendência germânica, encabeçada pelo filósofo e maçom. Karl Von Koseritz, diretor do *Deutsche Zeitung* e endossada pelos missionários jesuítas e pastores luteranos.

2.2 OS BEM-AVENTURADOS MUCKER

Vários autores concordam que Jacobina e Maurer gostavam de ler e interpretar o capítulo V do evangelho de São Mateus¹²³. A partir do conhecimento de boa parte da realidade social, religiosa e política de São Leopoldo, nos meados do século XIX, em que os mucker estavam inseridos, referidas no capítulo I deste trabalho são colocadas, aqui, as Bem-aventuranças na práxis da vida desses colonos alemães. Várias características deixam os mucker como bem-aventurados e semelhantes aos bem-aventurados idealizados por Jesus de Nazaré.

2.2.1 Felizes os pobres de espírito... (Mt 5,3)

Os seguidores de Jacobina pertenciam à camada mais pobre da população de São Leopoldo. A maioria das famílias-mucker havia regredido economicamente, pois o processo de crescimento de São Leopoldo, após duas décadas de colonização, concedeu a ascensão econômica de uns e o recuo de outros. A camada com maior poder aquisitivo, que

¹²³ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 191.

representavam o poder e as decisões, havia, há tempo, se deslocado para a cidade de São Leopoldo ou viviam em lugares privilegiados, onde a terra valia muito mais que a dos colonos das distantes picadas. Muitos imigrantes, depois da colônia ter se tornado município, em 1846, permaneceram agricultores, mas a terra tornou-se escassa pelas disputas judiciais, pelo grande número de filhos e a especulação imobiliária. Os artesões que não haviam se tornado assalariados mantinham-se numa ocupação paralela à agricultura, num estágio de artesanato doméstico, exercido com o mínimo de técnica e de lucro¹²⁴.

Mas havia também pessoas abastadas que participavam do movimento do casal Maurer. Embora um número bem reduzido, esses deram ao movimento um caráter mais sólido, destacavam-se por serem generosos, eram diferentes dos poderosos arrogantes que desprezavam os pobres, os mucker ricos partilhavam os bens com os que não tinham. Dentre eles, destacam-se os componentes da família de João Sehn. Moacyr Domingues descreve o patriarca como um homem honrado e próspero colono, constante, com firmeza de caráter, estimado pelos vizinhos e com boas relações na capital; bem relacionado com o clero, a ponto de hospedar o padre para celebrar os ofícios religiosos. A sua adesão ao muckerismo, deu-lhe extraordinário prestígio entre os adeptos de Jacobina; ele e sua família vinham para oferecer, não para pedir. Considerando que o boicote econômico começava a ser usado para encurralar os mucker, torna-se óbvio que, ao decidirem romper com as igrejas, João Sehn foi o apoio econômico e a garantia da alimentação para o grupo¹²⁵.

Tal decisão foi adotada também por André Luppa, católico e também com boas condições financeiras; Guilherme Galzer, filho de um abastado comerciante, também entrou para o movimento, casando com uma filha do velho Sehn, foi o primeiro casamento que aconteceu no ritual Mucker. A entrada desses católicos ao movimento deu nova face ao grupo e constituiu-se um duro golpe ao trabalho dos jesuítas na região¹²⁶.

A partir de 1873, a participação nos rituais na casa dos Maurer ficou restrita aos mais pobres e aos que realmente se interessavam pelas pregações de Jacobina. Não procuravam mais convencer todo o mundo como padres, pastores, professores, comerciantes, e

¹²⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 169-170.

¹²⁵ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 116.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 116.

agricultores abastados, passaram a se concentrar nas pessoas de nível cultural e socioeconômico mais baixo.¹²⁷

2.2.2 Felizes os mansos, porque herdarão a terra (Mt 5,4)

É difícil imaginar como essa Bem-aventurança era lida e comentada entre o mucker nos cultos. Que terra herdariam? O lote que seus pais e alguns deles haviam conquistado, nos primórdios da colonização, uma faixa de terra estreita e comprida medindo 220m x 3.300m, não tinha mais o mesmo valor do tempo da chegada no Brasil. O imperativo desmatar e colonizar avançou na terra, da frente para os fundos, chegando depois de algum tempo na sua divisa e, com isso, a limitação do espaço para o plantio¹²⁸.

Após 1845, como resultado do conjunto de modificações ocorridas em São Leopoldo desenvolveu-se o fenômeno de concentração da propriedade das terras: em 1870, quatro anos antes do desfecho do movimento Mucker, 50% dos proprietários de lotes, nas áreas velhas (exceto a área, onde estava a localizada a cidade) detinham entre 70 e 77% das terras. Nas regiões recentes como Ferrabraz e Bica, onde morava a maioria dos adeptos de Jacobina, 50,5% das famílias detinham 84% da área todas dessas picadas¹²⁹.

Muitos colonos, não conseguiam mais desenvolver a agricultura de subsistência como anteriormente, com esse lote, pois era insuficiente para manter uma família numerosa. Durante os primeiros vinte anos de colonização o preço da terra manteve-se estável, com um ligeiro aumento entre 1,5 e 5%. De 1845 a 1847, os preços subiram entre 2,1 e 4,7%, o primeiro boom na questão fundiária. Mas na década seguinte, São Leopoldo registrou sua maior alta: em 1857, a braça quadrada de terra nas áreas velhas, dependendo da localização, custava entre oito e quatorze vezes mais que em 1850¹³⁰.

¹²⁷ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 190.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 34.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 84.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 80.

A alta do preço das terras tornou-se problemática para a situação do colono economicamente médio comprar o espaço para morar; para o colono pobre, ficou ainda muito pior. A pouca terra passou a ser dividida entre muitos descendentes e esse retalhamento de lotes provocou o empobrecimento de muitas famílias, ocasionando um novo fenômeno na colônia: o êxodo rural. Muitos membros de famílias empobrecidas abandonaram a área rural para tornarem-se empregados de casas comerciais ou artesanais na cidade de São Leopoldo que, desde 1864, deixara de ser vila. Alguns continuaram colonos, alguns migraram para fora do município e outros se fixaram em outros centros urbanos como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas para trabalharem com artesanato. Houve até colonos que emigrasse para Buenos Aires e Estado Oriental¹³¹.

A mansidão dos mucker, no período inicial, também se revelava no sofrimento por que passavam, nas dificuldades econômicas de alguns e na discriminação da qual eram vítimas, o tempo todo, por acreditarem em Jacobina e João Jorge. Os ímpios os oprimiam, mas eles confiavam em Deus, eram firmes em seus propósitos, tinham caráter, pediam justiça e mantinham-se no caminho da religião¹³².

2.2.3 Felizes os aflitos... (Mt 5,5)

Os mucker tiveram muitos motivos para sofrer, pois pertenciam a uma camada da sociedade que ficara discriminada pelo sistema dominante vigente. A aflição pela terra perduraria por muito tempo, primeiramente para pagar a dívida da terra, depois por não terem terras para dar aos seus filhos, obrigando-os a saírem de seus domínios, para buscarem espaço para plantar em outros lugares¹³³.

Depois de maio de 1873, o *Deutsche Zeitung*, jornal de Porto Alegre, dirigido por Karl Von Koseritz, atacou sem cessar os adeptos de Jacobina, fazendo questão de apontar a

¹³¹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 82.

¹³² *Ibid.*, p. 194.

¹³³ *Ibid.*, p. 89.

“periculosidade” e “imoralidade” do grupo. No caso, nota-se também a preocupação de ele e outros alemães que não queriam ser confundidos com o grupo de Jacobina.

[...] Que a seita era imoral, pois pregava o comunismo, estendendo-o até o matrimônio; que era perigosa para a sociedade, porque ali se ensinava que aquele que não pertencia à seita, devia ser contado entre os mortos (...); que a seita constituía uma ameaça e um perigo para o próprio Estado, pois ali se conculcavam as leis do País, e se preparava o caminho à revolução; que se o governo não livrasse a sociedade daqueles monstros, não seria para admirar que os colonos alemães recorressem ao linchamento, resultando daí mortes e assassinatos¹³⁴.

No *Deutsche Zeitung*, tornou-se clara uma posição muito contrária de seu diretor, para ele, o movimento prejudicava a integração e a nacionalização dos alemães (temas defendidos por Koseritz), pois dividiam os colonos, provocavam o enquistamento de um grupo e tornava pública uma má imagem da colônia¹³⁵.

Na eleição de 1872, os mucker decidiram não apoiar Lúcio Schreiner, primo de Jacobina nem o candidato do partido liberal. Os dois queriam o apoio dos mucker, como não conseguiram, tornaram-se poderosos opositores. Os outros políticos e as autoridades da época uniram-se e mostraram-se hostis ao grupo. O subdelegado Cristiano Spindler chegou a ser ameaçado e foi obrigado a fugir para Santa Maria, em 1874¹³⁶.

As aflições dos mucker também eram provocadas pelos representantes religiosos. Nos sermões, o clero insistia que as pessoas não frequentassem a casa dos Maurer. Como eram pessoas com uma boa educação formal em relação aos colonos, conseguiram desviar muitos do caminho do Ferrabraz. Depois que os mucker abandonaram as igrejas, os ataques do clero aumentaram e uniram-se às autoridades civis para o intento. O primeiro abaixo-assinado da população local contra os mucker, datado de maio de 1873, foi encabeçado pelo pastor Boeber. Esse documento deu condições a Lúcio Schreiner, que depois da eleição, assumiu o cargo de delegado de São Leopoldo, de pedir ao chefe de polícia providências contra o grupo de Jacobina¹³⁷.

¹³⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 256.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 255.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 201.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 201.

Parte da população local provocou muitas aflições dos seguidores do casal Maurer. Em geral, faziam troças das pregações de Jacobina, provocavam discussões religiosas com Maurer para depois ridicularizá-lo, começaram a persegui-los... Outra parte, composta por políticos, religiosos, profissionais liberais, comerciantes, artesões e agricultores abastados, da cidade, que haviam progredido e, por isso, achavam-se melhores em tudo, comandou ataques mais atuantes e de forma organizada contra os mucker¹³⁸.

Os mucker não tinham mais paz, eram constantemente alvos de zombaria e não podiam contar com a proteção das autoridades de São Leopoldo; depois de março de 1874, souberam que também o Imperador não os defendia. As constantes humilhações, perseguições, falsas acusações, boatos e agressões por que passavam fizeram os seguidores de Jacobina tomar um caminho que os levariam ao final trágico, a autodefesa. Chegaram numa situação desesperadora: preferiam morrer a ficar vivendo naquele ambiente tão hostil, eles não o suportavam mais. Não foram covardes, tinham caráter, deixaram suas vidas pela honra de seus nomes e continuaram fiéis ao que acreditavam até a morte¹³⁹.

2.2.4 Felizes os que têm fome de justiça... (Mt 5, 6)

Após o atentado a bala contra o inspetor de quarteirão João Lehn, mesmo sem provar a culpa dos mucker, Schreiner mandou o subdelegado Spindler prender, em 23 de novembro de 1873, Maurer e mais 32 seguidores de Jacobina. Os presos e seus familiares revoltaram-se, pois não haviam feito nada para tal castigo. A prisão arbitrária de 33 mucker, o recrutamento de cinco deles para o exército quatro dias depois e as queixas dos mucker provocaram reações negativas do chefe da polícia, que não concordou com a medida punitiva de Schreiner, seu subalterno. Dias depois, o presidente da província mandou os cinco recrutados para casa e no último dia de novembro de 1873, o chefe de polícia ordenou a soltura dos presos¹⁴⁰.

¹³⁸ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 203.

¹³⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 391.

¹⁴⁰ AMADO, op. cit., p. 217.

Os mucker pediram, inutilmente, explicações sobre o motivo da detenção. Por isso, a 10 de dezembro daquele ano, com a ajuda de Klein, redigiram uma carta ao imperador do Brasil, Dom Pedro II, na qual expunham a situação e pediam justiça. Nela também se queixavam da falta de proteção que estavam submetidos pelos inspetores de quarteirão, subdelegados e delegados de São Leopoldo. A missiva foi levada por Maurer e dois companheiros ao Rio de Janeiro¹⁴¹.

O abaixo-assinado narrava as duas prisões de Maurer, Jacobina e outros mucker, apresentando-as como ações violentas e arbitrárias, e declarava, em resumo, que; a) alguns moradores de Sapiranga e Campo Bom perseguiram os mucker, proferindo insultos e palavras obscenas, atacando, atirando pedras e “dando de rebenque”; b) o delegado e alguns inspetores de quarteirão protegiam os malvados” e faziam violências contra os mucker; o subdelegado, informado disso, não tomara providências; c) quando da primeira prisão de João Jorge, este fora insultado pelo caminho, “até chegaram cuspir na cara”; d) de volta da prisão, Maurer conseguiu licença do chefe de polícia para contratar trabalhadores com o fim de construir sua casa, mas o subdelegado os vigiava constantemente e, ‘mesmo sabendo que nunca havia reunião’, permitiu que na casa de Maurer ficassem apenas três trabalhadores; e) estragaram a roupa posta para secar do colono Nicolau Barth e mais quarenta milheiros de abelhas e cinco animais de montaria do mesmo dono; espancaram seu filho; incendiaram uma cerca de roça de Carlos Luppa; f) durante a segunda prisão, os mucker foram muito insultados, até pelos inspetores; g) em Sapiranga e no caminho para São Leopoldo, seus cavalos foram maltratados, três deles inutilizados e um morto; “por isso viemos pedir justiça”¹⁴².

Depois de ser entregue nas mãos do Imperador por João Jorge Maurer, esse documento fez vários caminhos. De 27 de dezembro de 1873 a 16 de janeiro saiu das mãos do ministro de Estado dos Negócios da Justiça para o presidente da província, para chefe da polícia em Porto Alegre e finalmente ao subdelegado de São Leopoldo, Lúcio Schreiner. Este respondeu, no dia 16 de janeiro, às autoridades da seguinte forma:

a) primeira prisão de Maurer foi realizada pelo chefe de polícia, portanto não pertencia a jurisdição local; b) os mucker não foram injuriados ou insultados pelo povo ou autoridades; c) as ocorrências com Nicolau Barth e Carlos Luppa eram de natureza particular, e não houve queixas legais destes colonos; d) o inspetor João Lehn vigiava a casa de Maurer, por ordem de Spindler, pois João Jorge estava proibido pelo chefe de polícia de fazer reuniões em sua casa; a vigilância incomodava Maurer, que continuava a promover as reuniões; por isso, os mucker praticaram o atentado contra Lehn; para protegê-los, Spindler os prendeu; e) talvez os mucker, quando presos, tivessem sido injuriados por alguma pessoa do povo, o qual estava exacerbado, e a autoridade não pôde tudo conter; f) os mucker desobedeciam às autoridades, ameaçavam-nas e andavam armados¹⁴³.

¹⁴¹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 217.

¹⁴² *Ibid.*, p. 218.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 218.

Diante disso, o ministro da Justiça Manoel Antônio Duarte de Azevedo deu seu parecer sobre a petição do Mucker em dois de março de 1874: não havia nada a deferir¹⁴⁴.

Ainda nos meados de dezembro de 1873, os mucker procuraram o subdelegado Spindler, exigindo as 22 armas que ele e Lehn haviam recolhido numa das constantes visitas que fazia, em companhia de Lehn, ao Ferrabraz. Se eles não as recuperassem, a maioria instrumentos para caça e lidas domésticas, eles as buscavam, mesmo que fosse à bala. Spindler ficou com medo e exonerou-se do cargo, migrando para Santa Maria da Boca do Monte, onde havia parentes¹⁴⁵.

Os mucker recuperaram as suas armas somente em cinco de fevereiro de 1874. Eles dirigiram uma petição ao presidente da Província, a autoridade maior, já que não eram atendidos pelas autoridades locais. Nesse documento, havia uma retratação deles perante o poder provincial: os mucker não perturbavam o sossego e a tranquilidade pública, quem pensava diferente disso era intolerante, que enxergava espinhos do próximo, mas estava completamente cego das trevas que traziam consigo. O presidente deferiu o documento e ordenou às autoridades locais devolverem as armas de Jacó Fuchs e outros¹⁴⁶.

2.2.5 Felizes os misericordiosos... (Mt 5,7)

A espécie de juramento que os neófitos faziam para participar do movimento Mucker sugere práticas cristãs: praticar o bem para no caso de necessidade, também poder ser ajudado.¹⁴⁷

Os primeiros atos de misericórdia que encontramos no conflito Mucker giram em torno das atividades de curandeirismo de Maurer e Jacobina. Através do Espírito natural,

¹⁴⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 218.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 242.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 242.

¹⁴⁷ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 386-387.

recebiam instruções de como curar os doentes e tratavam os portadores de doenças que haviam sido desenganados por médicos, outros porque não tinham dinheiro para pagar os atendimentos aos poucos médicos habilitados, que trabalhavam na cidade. Os Maurer atendiam bem os doentes, quando necessário, mantinham-nos internados em sua casa e cobravam pouco pelos serviços, talvez somente o suficiente para pagar as despesas com alimentos e o tempo da procura por ervas medicinais¹⁴⁸.

Quando Maurer descobriu que a sua cunhada, a esposa do irmão de Jacobina, Henrique Mentz mantinha relações ilícitas com o inspetor de quartelão João Lehn, procurou o inspetor e amigavelmente aconselhou que interrompesse isso, porque não estava certo e se o marido dela descobrisse, seria um problema para os dois. Foi uma atitude nobre e que mostrava amizade, uma atitude de misericórdia, portanto¹⁴⁹.

Por causa da divindade natural não havia necessidade de gastar dinheiro, mas a família Maurer necessitava de ajuda, pois empreendia tempo para buscar os esclarecimentos e preparar os rituais. Por isso, era comum os adeptos dos mucker ajudarem a família Maurer com trabalho e víveres. Quando Maurer resolveu construir uma casa maior do que a que tinha para acomodar os doentes e ter mais espaço para os rituais, não dispondo meios econômicos para custear os gastos, foi ajudado pelos adeptos do movimento. Para que ficasse pronta logo a casa, cada um dava o que podia, uns contribuía em dinheiro e outros com trabalho¹⁵⁰.

Klein era um homem culto, aproximou-se do movimento para tentar ajudar e ser intermediário entre os mucker e as autoridades. Ele percebia a situação delicada em que estava a cunhada, queriam o fim dela, conhecia a atuação bárbara das autoridades de São Leopoldo, se quisessem exterminá-la, ninguém podia impedir. Ofereceu-se para redigir as petições dos mucker às autoridades do poder provincial e para o representante imperial Dom Pedro II¹⁵¹.

¹⁴⁸ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 384.

¹⁴⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 386.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 386-387.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 391.

2.2.6 Felizes os puros no coração... (Mt 5,8)

Jacobina e Maurer frequentavam a igreja Luterana, mas em sua casa, nas atividades de curandeirismo, acreditavam no Espírito da Natureza, uma entidade sobrenatural que chamava o espírito de Jacobina a se ausentar para receber esclarecimentos, saber como curar, como aconselhar e fazer as profecias. No desejo de difundir os ensinamentos de sua crença, além de assistir os doentes, frequentemente, falava-lhes sobre a Bíblia¹⁵².

A proposta de entrada para o movimento religioso de Jacobina era claro: O neófito deveria refletir, não cometer faltas para que pudesse ser protegido em caso de necessidade de esclarecimento. Também era preciso ser forte em tudo e não deixar que os outros o desviassem do caminho¹⁵³. Por esse ritual, os seguidores do muckerismo tinham, dentro de si, um fervor religioso que os orientava a fazer o bem e as suas ações, antes dos revides, eram práticas cristãs: ficavam longe dos vícios, oravam, praticavam caridade...

Para Petry, os seguidores do movimento Mucker não eram reles criminosos, desordeiros, réprobos, abjetos, desclassificados, como o que quiseram fazer seus adversários. A maioria das famílias que frequentava a casa de Maurer, para ouvir as explicações da Bíblia, era constituída de boas famílias: elemento laborioso e ordeiro e que em nada se diferenciavam dos demais colonos¹⁵⁴. Os mucker eram ingênuos, assistiam às pregações de Jacobina e não viam mal nisso. Por mais mirabolantes que fossem as explicações que elas lhes fazia, eles as aceitavam e ficavam felizes em ouvi-las, pois, a seus olhos, Jacobina era inspirada por Deus¹⁵⁵.

Jacobina proibia o jogo de cartas, o álcool e os bailes; mais tarde, proibiu os fiéis de frequentarem as igrejas e pediu que retirassem os filhos das escolas. Para Petry, muitas religiões têm suas regras, o que é, de certa forma, normal. Todas as religiões, tanto nas pagãs

¹⁵² PETRY, L. *O episódio Ferrabraz*, p. 45.

¹⁵³ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 386-387.

¹⁵⁴ PETRY, op. cit., p. 34.

¹⁵⁵ Ibid., p. 30.

como nas cristãs se encontram práticas e ensinamentos discutidos e muitas vezes ridicularizados pelos adeptos de outras orientações ou de outros cultos. O certo é que os seguidores do movimento de Jacobina julgavam boas as normas e aceitavam pô-las em prática¹⁵⁶.

Petry caracteriza a líder do movimento como boa dona de casa, boa esposa para João Jorge Maurer e muito devota. Descendente de uma família evangélica, que, já na Alemanha, se mostrara intransigente na defesa de suas convicções religiosas, procurava praticar, em todas as ocasiões, os mandamentos de sua igreja¹⁵⁷.

Karl Von Koseritz, ao visitar os mucker que ficaram presos, depois do desfecho do movimento, concluiu o seguinte: a maioria não lhes causava má impressão; assemelhava-se a qualquer colono que se encontrava na colônia; que se não soubesse que tinham participado do movimento de Jacobina, quase que duvidaria do fato, e não conseguia entender como aqueles simples colonos participaram de um terrível fanatismo religioso¹⁵⁸.

2.2.7 Felizes os que promovem a paz... (Mt 5,9)

Domingues acreditava que, inicialmente, os mucker não queriam revides, tudo fizeram para manter a paz. Nem Jacobina, nem seu marido, nem seus mais ardorosos companheiros desejavam entrar em luta contra os líderes religiosos, vizinhos e autoridades. Queriam evitar o confronto, retraíram-se, evitaram por um longo tempo revides e provocações. É possível que o rompimento com as igrejas, escolas e sociedade tivesse esse objetivo. Embora fossem constantemente atacados de todas as formas, a violência, o rancor e a revolta permaneciam sob controle. Por trás dessa atitude, existia uma determinação inabalável e nada os desviava do seu rumo, pois estavam a praticar o cristianismo da forma como Jesus ensinou¹⁵⁹.

¹⁵⁶ PETRY, L. *O episódio Ferrabraz*, p. 30.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 44.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 37.

¹⁵⁹ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 136.

Quando Schreiner ou Spindler vinham à casa de Maurer reprimir as reuniões, ele reclamava o tratamento que as autoridades davam a essas pessoas e pedia que as deixassem em paz¹⁶⁰. Mais tarde, quando partiram para o revide, não agrediram nenhuma pessoa que fosse inocente em prejudicá-los, nada de ruim lhes aconteceu, deixando claro que o ataque dos seguidores de Jacobina teve o objetivo de se defender e aplacar as forças agressoras que haviam se concentrado contra eles¹⁶¹.

2.2.8 Felizes os que são perseguidos por causa da justiça... (Mt 5,10)

Os apontamentos de Noé sugerem que quando as autoridades religiosas não gostassem de alguém da comunidade, essa pessoa estaria condenada. É o que diz o seu texto que faz parte da obra de Domingues.

Pois, naquela época, um prenome ou nome estivesse na lista de morte dos papistas circundantes, essas pessoas deveriam já ir fazendo seu testamento e se não se atiçava em massa como uma chama venenosa, então tinha que acontecer às ocultas”. Indiferente de como se chamasse, sem distinção de religião¹⁶².

O poder provincial começou a intervir na questão mucker no dia 8 de maio de 1873. Nesse dia, o subdelegado Spindler abriu uma sindicância para apurar sobre os motivos das reuniões em casa de Maurer, pois havia sido informado que participavam delas mais de cem pessoas¹⁶³.

Dois dias depois, chegou ao delegado de São Leopoldo, Lúcio Schreiner, um abaixo-assinado de moradores do 4.º distrito do município. Estava redigido em mau português e como primeira assinatura constava o nome do Pastor Frederico Guilherme Boeber, seguido pelo Professor João Weis e mais 44 assinaturas. O documento, em resumo, dizia o seguinte: a) Maurer era curandeiro e explicava a Bíblia; b) Jacobina se dizia Cristo, capaz de ter a sua

¹⁶⁰ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 391.

¹⁶¹ Ibid., p. 391.

¹⁶² Ibid., p. 391.

¹⁶³ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 209.

própria ressurreição, prometia os céus para quem acreditasse nela; c) Jacobina já nomeara três apóstolos e em breve nomearia mais nove; d) Os Maurer promoviam a dissolução de casais e brigas entre pais e filhos; e) Os seguidores tinham comprado muito chumbo; f) Os mucker tinham se afastado da Igreja e da escola; g) Pediam que as autoridades intervissem, pois essas reuniões deixavam a população apreensiva e ameaçava a própria segurança dos moradores¹⁶⁴. Lúcio Schreiner encaminhou o relatório ao chefe de polícia em Porto Alegre, conforme era a prática nesse tipo de caso.

No dia 16 de maio de 1873, o jornal liberal *A Reforma*, oposicionista, publicou, em Porto Alegre, um longo artigo sobre os mucker, sem autor e fonte. Era um grupo fanático, composto de mais de quinhentos homens armados e o delegado de São Leopoldo não tinha condições de contornar a situação e pedia providências. O presidente da Província ordenou que o chefe de polícia partisse para São Leopoldo, *a fim de dispensar as citadas reuniões e fazer manter o sossego e a tranquilidade pública*. Três dias depois, Dr. Luís José de Sampaio estava instalado na Casa da Câmara para ouvir os principais líderes do movimento Mucker¹⁶⁵.

Sampaio procedeu ao inquérito, onde ouviu os principais líderes do movimento; encaminhou Jacobina para o Hospital de Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre; mandou deter Maurer para averiguações e também ordenou que se fizesse uma busca por armas na casa de Maurer e vizinhos. De volta a Porto Alegre, nos primeiros dias de junho de 1873, preparou um relatório sobre seu trabalho. Narrava todos os detalhes de sua estada em São Leopoldo e a sua percepção no caso Mucker. João Jorge Maurer e sua esposa, não ensinavam nova doutrina cingiam-se às explicações da Bíblia e cantar hinos religiosos de um manuscrito, únicos livros encontrados na busca policial ao local. Seu parecer era de que não havia mãos ocultas no movimento para especular as reuniões, estava convencido de que Maurer e seus sectários eram simplesmente levados pela falsa crença de que Jacobina Maurer se achava inspirada por Deus para iluminá-los. A crença nas pregações de Jacobina se fortalecia nos transtornos psiquiátricos e na monomania religiosa da líder do movimento. Essas enfermidades, segundo lhe haviam contado, eram hereditárias na família Mentz, mas os adoradores atribuíam-lhe causas sobrenaturais, isso tudo não passava de um caso de fanatismo religioso. Justificava-se ainda diante do presidente da Província sobre o recolhimento de João

¹⁶⁴ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 209.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 210.

Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer, tinha somente o objetivo de proteção, já que havia, em São Leopoldo, uma forte aversão aos dois e ao movimento, fruto do rancor dos moradores. Dava o caso por encerrado¹⁶⁶.

Durante os oito meses de trabalho para a construção da nova casa dos mucker, eles foram constantemente perseguidos pela polícia. Schreiner¹⁶⁷ encarregou o delegado Spindler e o inspetor de quarteirão João Lehn para vigiar constantemente a atividade dos mucker, não os deixando se reunir, revisavam as casas, procuravam armas e por qualquer motivo faziam os mucker assinar o termo de bem-viver¹⁶⁸.

Na ocasião do atentado ao inspetor de quarteirão, João Lehn, em 22 de novembro de 1873, o poder policial, mesmo não comprovando a culpa dos mucker prendeu 33 deles e desses, recrutou cinco para o exército. Para os recrutados isso não era uma honra, era um castigo, servir ao exército levava à miséria e a desonra dos colonos. Eles faziam falta no trabalho da roça e, além disso, tinham que conviver com outros recrutados, que eles os cognominavam de marginais. Poucos dias depois o presidente da província, João Pedro Carvalho de Moraes, mandou-os de volta ao lar¹⁶⁹.

A 28 de novembro de 1873, os moradores da região de São Leopoldo, contrários aos mucker, dirigiram um abaixo-assinado ao presidente da província, pedindo para que os mucker não fossem somente castigados, mas expulsos do País, eles, os assinantes, que Schupp diz que eram dois mil, comprariam as terras e pertences dos mucker e pagariam à vista. Essa oposição radicalizada aos mucker não foi aceita pelo presidente da província. Mais uma vez, mandou que os acusados assinassem um termo de bem-viver e, por medida de segurança, ordenou que se deslocassem forças da cidade de São Leopoldo para o 4º distrito¹⁷⁰.

¹⁶⁶ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 178.

¹⁶⁷ Os mucker devotavam a Schreiner uma a raiva toda especial. Acusaram-no de responsável pelas perseguições que sofriam e o ameaçaram várias vezes. Pode-se perceber algumas ideias dos mucker a respeito do delegado por uma carta de Carolina Mentz, irmão de Jacobina, a ele dirigida, datada de 27/12/1873 (AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 243).

¹⁶⁸ AMADO, op. cit., p. 214.

¹⁶⁹ Ibid., p. 216.

¹⁷⁰ Ibid., p. 217.

Os mucker atribuíam às autoridades locais a autoria de ações hostis como, por exemplo, o esfaqueamento do cavalo de Jorge Robinson, insultos e infâmias proferidos durante a segunda prisão dos mucker, a morte de um cavalo e a inutilização de mais três, durante a segunda prisão... As autoridades nada faziam diante dos contínuos ataques, injúrias, saques e roubos por parte dos opositores, não abriam inquérito para a localização de culpados e não tomavam conhecimento de ações contrárias aos mucker. Por causa das divergências das autoridades locais com as provinciais, os mucker foram ainda mais castigados. O delegado Lúcio Schreiner não gostou que o poder provincial ordenasse a soltura dos 33 mucker que ele havia mandado prender, bem como de liberar os cinco mucker que ele havia mandado para o exército. Apegou-se na ação do chefe de Polícia – a assinatura do bem-viver - que os adeptos de Jacobina haviam assinado, para persegui-los¹⁷¹. Também recrutou para a Marinha de Guerra os jovens mucker Cristiano Richter e Henrique Guilherme Gaelzer em 16 de maio de 1874¹⁷².

A 26 de junho, dia posterior do ataque dos mucker a diversas famílias opositoras ao movimento de Jacobina, João Daniel Collin, um abastado comerciante da região, à frente de um grupo de mais de setenta homens armados liderou uma reação organizada contra seis famílias mucker e suas propriedades. Em 29 de junho, esse líder recebeu apoio do chefe da polícia para continuar com esses ataques e continuaria até que o coronel Genuíno o destituísse do cargo, acusando o seu grupo, entre outras coisas, de ladrões, assassinos e incendiários¹⁷³.

Diante de tudo isso, a 27 de junho, o presidente da província viajou até São Leopoldo para entender-se com o chefe de polícia, Dr. Abílio, que estava temporariamente em São Leopoldo. Os dois organizaram um ataque, que seria comandado pelo Coronel Genuíno Sampaio. Genuíno dirigiu-se ao Ferrabraz, a 27 de junho, com cerca de 190 pessoas. Ao chegar perto da casa de Jacobina, as forças legais foram recebidas por uma descarga de fuzilaria vinda do mato. A luta estabeleceu-se por três horas, decepcionando o coronel, que acreditava ser fácil combater os mucker. Esse ataque resultou na morte de cinco soldados e 35 feridos dos atacantes, causando grande alarde em todo o estado nos dias posteriores¹⁷⁴.

¹⁷¹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 220.

¹⁷² *Ibid.*, p. 249.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 282.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 283.

Genuíno passou a se preparar para um ataque aos mucker mais organizado. No dia do ataque, 19 de julho de 1874, o general comandava um batalhão com 506 homens, entre soldados, oficiais e paisanos. Além de grande armamento e munição, levaram até o Ferrabraz, quatro canhões¹⁷⁵. Nesse dia, as forças de Genuíno facilmente chegaram à casa nova dos mucker. Diante da negativa dos mucker em se renderem, ordenou que seus subalternos incendiassem a casa. Os soldados conseguiram tirar 52 pessoas vivas da casa (somente mulheres e crianças) e oito cadáveres¹⁷⁶. Da parte das forças legais, apesar das fontes serem confusas, morreu um soldado e 37 ficaram feridos¹⁷⁷.

Naquela noite, Genuíno e seu batalhão montaram um acampamento perto do local de combate. Havia enviado boa nova a Porto Alegre, todos deviam estar sabendo que os mucker todos estavam mortos. No entanto, alguns mucker, os principais líderes, estavam escondidos no mato. Enquanto descansavam, os mucker remanescentes enterraram seus mortos e atacaram o acampamento. Na confusão causada pelo fator surpresa e a falta de disciplina e organização dos soldados, uma bala atingiu o coronel Genuíno, que após algumas horas estava morto¹⁷⁸.

Também Augusto César da Silva fracassaria no intento de destruir os mucker. Ficaria no comando por oito dias e acumularia duas derrotas em dois ataques¹⁷⁹. O capitão San Tiago Dantas¹⁸⁰, substituindo Augusto César, comandou o ataque para exterminar os mucker remanescentes no Ferrabraz, no dia 2 de agosto. Contou com a ajuda de Carlos Luppa, um dissidente dos mucker, que revelou o lugar onde os procurados escondiam-se. Assim como

¹⁷⁵ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 285.

¹⁷⁶ Petry registra que foram retirados da casa incendiada dos mucker 9 homens, 9 mulheres e , pelo menos, 10 a 12 crianças. Catarina Filipina Weber morreu dois dias depois, em consequência dos ferimentos (PETRY, L. *A nova face dos Muckers*, p. 336).

¹⁷⁷ AMADO, op. cit., p. 294.

¹⁷⁸ Ibid., p. 297.

¹⁷⁹ AMADO, J. *A nova face dos Muckers*, p. 299.

¹⁸⁰ O sobre nome de Francisco Clementino de San Tiago Dantas aparece grafado de várias formas: San-Tiago Dantas e Santiago Dantas, na página 277 da obra *Minha Amada Maria carta aos Mucker* de Elma San'Ana. Neste trabalho, optou-se por contemplar a obra de Janaína Amado, que escreve San Tiago Dantas baseado em AE, 2ª secção, Pasta III-4-51, Fé de Ofício de Francisco Clementino de San Tiago Dantas e o Episódio dos Muckers in *Imagens da História*. Porto Alegre: tipografia do centro, 1951 (AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 318).

aconteceu e a história registra, reuniu o grupo em pequenos destacamentos, fazendo com que todas as saídas fossem bloqueadas. O Ataque, que iniciou às 5 horas da manhã, teve o êxito esperado duas horas depois, matando os 17 mucker. Nesse combate, ficaram feridos doze soldados, dois oficiais e treze paisanos, tendo morrido um soldado¹⁸¹.

Durante as várias investidas do poder policial, 123 mucker entre homens, mulheres e crianças foram capturados pela polícia. As crianças sem pais foram doadas a famílias alemãs, pois só falavam essa língua¹⁸². Muitas mulheres voltaram às suas casas ou o que restou delas e religaram-se às igrejas locais. Os homens receberam sentenças judiciais diferentes, mas em 1883¹⁸³, todos ficaram livres, uns voltaram para suas casas ou negócios. Um grupo de nível socioeconômico mais baixo dedicou-se à agricultura, foi morar na Linha Pirajá, colônia de Nova Petrópolis, enquanto o outro grupo, de igual situação, transferiu-se para a Terra dos Bastos, distante seis léguas de Lajeado¹⁸⁴.

Os mucker das duas picadas costumavam visitar-se constantemente, a amizade, o passado inglório e a marginalização por terem pertencido ao grupo de Jacobina mantinham-nos unidos. Aos poucos, as duas comunidades, onde estavam inseridos, tiveram a impressão de que o grupo de Jacobina se reorganizava. No final de 1897, a população local matou, em emboscada, os ex-mucker da linha Pirajá. A notícia das mortes repercutiu muito mal na Terra dos Bastos. Os moradores queriam um motivo para, também, matar os mucker dessa comunidade, culparam-nos, pela morte de uma mulher – mais tarde souberam que fora o marido que a matou. Em 1898, um grande grupo de colonos linchou e trucidou os últimos mucker na Terra dos Bastos¹⁸⁵.

Para Girard, os textos sobre um determinado conflito, o texto acima, por exemplo, podem emergir outro significado com o passar do tempo. O distanciamento temporal e outras luzes projetadas sobre um conflito ajudam a elucidar enigmas não vistos no tempo do

¹⁸¹ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 304.

¹⁸² *Ibid.*, p. 326.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 327.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 328.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 328.

desenrolar do fato e verdades defendidas podem ser vistas como um mero engano. Às vezes, em nome das certezas históricas, são cometidas injustiças, não tendo como repará-las mais tarde. A crítica moderna que teve suas origens nos séculos XVI e XVII consiste em não confiar cegamente nos textos¹⁸⁶.

Trazendo essa teoria para os mucker, é possível fazer uma leitura de que a sociedade foi conduzida a reconhecer neles os causadores dos problemas da colônia alemã de São Leopoldo, nos meados do século XIX. O apetite persecutório polarizou-se sobre a minoria religiosa caracterizada como mucker, desviando a atenção da crise social em que viviam. No seu tempo, esse “mal” foi registrado e levado adiante como verdade contestada, hoje, pela maioria dos estudiosos. As autoridades, que têm o dever de velar para o bem comum, sentiram-se orgulhosas de eliminar os causadores da desordem. E seus registros históricos, tão aplaudidos, na época do conflito, são motivo de muitas críticas hoje, é o caso do livro *Os Muckers* de Ambrósio Schupp¹⁸⁷.

Os acontecimentos no Ferrabraz, na segunda metade do século XIX, conceituado na leitura de Girard, podem se classificar como perseguições coletivas ou até com ressonâncias coletivas. De fato, os mucker sofreram violências e muitos deles o extermínio, perseguidos por uma multidão assassina. Na forma de assonância coletiva, legais em suas formas, foram encorajados por uma opinião pública superexcitada, a saber, autoridades civis e religiosas, maçonaria, a imprensa e parte da população local. As perseguições aos seguidores de Jacobina desenvolveram-se no período de crise, quando se revelava o enfraquecimento das instituições legais, favorecendo o ajuntamento de populares espontâneos, dispostos a substituir o poder que não resolvia o problema ou fazer pressão sobre ele¹⁸⁸.

¹⁸⁶ GIRARD, R. *O bode expiatório*, p. 5-6.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 10-12.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 19.

2.2.9 Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem... (Mt 5, 11)

Noé relata que houve uma grande campanha para difamar os mucker e colocá-los como perigosos diante da população. Se alguém morria fora de sua casa, a culpa caía sobre eles, pois seriam capazes de tudo; se uma pessoa fosse considerada demente, Jacobina a teria enfeitado; se alguém recebesse um tiro ou facada, a líder teria ordenado; se alguém se perdesse no mato, também era obra de Jacobina. Os pais colocaram na cabeça das crianças que Jacobina deveria se morta, quando tinham uma faca na mão, diziam que com ela fariam linguça de Jacobina. Os mucker estavam cansados de falsas acusações. Era uma oportunidade para alguns que gostavam de agir por trás dos bastidores, praticar seus desatinos, pois tudo era dirigido contra os mucker. Muitos golpes eram dados em nome dos mucker ou Jacobina¹⁸⁹.

Depois de 1871, a população local e as autoridades acreditavam que Jacobina achava ser o próprio Cristo. Isso foi comum na época, bem como as distorções das suas pregações. Segundo Noé, a culpa disso foi atribuída às pessoas que frequentavam a casa dos Maurer, que não tinham intenções sérias, eram simplórias e maldosas. Quando falavam com os outros, revelavam coisas ridículas como “Cristo Feminino”, “apóstolos” e “nova comunidade”; inventavam boatos e levavam adiante; aos disparates inventados chamavam de palavras proféticas, inclusive a denominação profetisa, criada para pôr em dúvidas a pessoa de Jacobina”. Os nomes dessas pessoas revelam que eram desde a própria irmã Carolina, passando pela empregada até partidários de clérigos¹⁹⁰.

O ataque começava sempre pelos clérigos, católicos ou protestantes. Mandavam os intrusos insidiosos participarem dos rituais na casa de Maurer para conseguirem provas concretas, por escrito, contra eles. Os representantes religiosos procuravam, em seus sermões no púlpito, incutir nos ouvintes crédulos, uma forte aversão contra Jacobina, por meio da mais enérgica e diabólica campanha: Jacobina era uma feiticeira, prostituta, sedutora de homens, uma mulher desregrada, uma embusteira... Como isso vinha da parte de pessoas esclarecidas

¹⁸⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 390.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 389.

em academias, as pessoas acreditavam. Essas autoridades religiosas foram as culpadas do afastamento dos mucker das igrejas oficiais¹⁹¹.

Se os clérigos se comportassem como representantes legítimos da casa de Deus e tivessem uma fé inabalável, não teriam atacado Jacobina com as piores infâmias, injúrias e insultos. E palavras pejorativas para denominar Jacobina e seus seguidores como Jacó, sacristão de João e apóstolo Pedro tiveram origem nos sermões desses clérigos, pois Jacobina era uma pessoa sem instrução. Atacando o lado religioso do movimento, os representantes das igrejas oficiais tinham em mente combater o curandeirismo de Maurer. Para isso, tentavam persuadir os que haviam sido curados por Maurer, aconselhando a não seguir as prescrições do curandeiro¹⁹².

Quando Maurer foi substituído por Rodolfo Sehn, no cargo de ouvir os esclarecimentos de Jacobina e depois transmiti-los aos adeptos, os clérigos lançaram a excomunhão contra ela. Logo começaram a falar que Jacobina havia se separado do marido e passado a viver com Rodolfo Sehn, culpavam-na de separar casais, de ser uma mulher sensual e que no seu grupo, era permitido, cada qual, trocar de cônjuge à vontade¹⁹³.

Alguns moradores das colônias foram obrigados a assinar a petição contra os mucker. Qualquer um podia ver o que era ser perseguido, por ofensas pérfidas e zombarias, até que se dispusesse a empunhar armas em defesa de sua honra. Era de consenso, na colônia, o que as autoridades, juntamente com as pessoas maldosas poderiam fazer contra qualquer um, principalmente no caso de uma mulher¹⁹⁴.

As autoridades de São Leopoldo, encabeçadas por Lúcio Schreiner, primo de Jacobina, de maio a dezembro de 1873, chamaram a atenção das autoridades provinciais para a “periculosidade” dos mucker. Para conseguirem o seu intento, espalharam suposições, ou

¹⁹¹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 385.

¹⁹² Ibid., p. 384.

¹⁹³ Ibid., p. 388.

¹⁹⁴ Ibid., p. 391.

endossaram as suposições dos colonos, como a de que Jacobina praticava atos abusivos e escandalosos e aumentaram o clima de tensão que existia na colônia sobre os mucker¹⁹⁵.

Na colônia, quando souberam que Maurer e os adeptos construíram uma casa bem maior para abrigar os doentes e seus seguidores, com dimensões maiores do que as casas locais, os colonos espalharam a notícia de que a casa de Maurer, situada entre montanhas inacessíveis, pelas paredes sólidas, construídas com pedra de cantaria, era uma perfeita fortaleza com casamata, seteiras, armamentos, munição e víveres, para resistir qualquer ataque¹⁹⁶.

O jornal *Deutsche Zeitung*, através de Karl Von Koseritz, atacou sem cessar os adeptos de Jacobina, fazendo questão de apontar a “periculosidade” e “imoralidade” do grupo. Prevenia as pessoas que a seita era imoral, pois pregava o comunismo, estendendo-se até o matrimônio; os dissidentes seriam mortos sem piedade; os membros da seita não obedeciam as leis do País, preparavam uma revolução; se o governo não tomasse uma atitude, a população exterminava-os com as próprias mãos¹⁹⁷.

Para o doutor em História, Luciano Daniel Gevehr, a ausência de fontes documentais, produzidas pelo próprio grupo, fez com que, durante muito tempo, a única versão dos acontecimentos na colônia de São Leopoldo e outras regiões do Estado fosse a encontrada nos arquivos policiais e nas fontes orais dos detratores dos mucker. Os vencidos não tiveram a oportunidade de contar a sua versão dos fatos. Suas imagens e cenários deturpados acompanharam o tempo e a história do grupo, até hoje, divulgando uma imagem negativa deles e enaltecendo os seus opositores¹⁹⁸.

¹⁹⁵ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 219.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 213.

¹⁹⁷ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 256.

¹⁹⁸ GEVEHR, D. L. *Os lugares de memória dos Mucker e a construção da imagem de sua líder Jacobina Mentz Maurer*. In: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE IMAGEM, Londrina, 03 a 06 maio 2001.

2.3 AS PREGAÇÕES DE JACOBINA

O conceito “mucker” dado aos seguidores do movimento de Jacobina, tendo sido pronunciado pela primeira vez pelo pastor Boeber e levado adiante pelos seus adversários, não se limita apenas a santarrões e falsos beatos, como denominação de pessoas que, em sua religião fogem ao normativo, podendo significar “pietista”. Aprofundando um pouco mais o estudo do vocábulo *mucken*, no alemão, do qual tem origem, é possível concluir que assim os opositores chamavam os adeptos dos Maurer porque eram rezadores. Quem assim os denominava partia de um conceito normativo de santidade, de beatitude, de reza, de normalidade. Os discursos dessas pessoas que se sentiam capazes de desqualificar o grupo de Jacobina deviam estar enxertados num conjunto de ideias claras e consequentes vindas do radicalismo religioso ao cientificismo do século XIX, que perdurou em sua associação com a Biologia, até os horrores da Segunda Guerra Mundial, passando por desejos intensos de renovação social¹⁹⁹.

A partir de 1871, somados aos esclarecimentos do Espírito da Natureza, os mucker tomaram outros rumos. Adotaram a leitura e livre interpretação da Bíblia, entoaram cânticos religiosos e identificaram Jacobina como revelação divina. Criaram e popularizaram a noção do fim do mundo próximo. Tratou-se de uma evolução interna do próprio grupo, que passou de uma fé natural, que não interferia nas religiões oficiais, para o terreno da religião enquanto explicação do mundo. As novas práticas religiosas eram fundamentadas nas leituras da Bíblia e sua livre interpretação que o casal, através das interpretações das Escrituras, propunha²⁰⁰.

A influência pietista foi observada por Dreher através de um hino, citado por Schupp, contido no Hinário de Berlim, largamente utilizado pelos evangélicos luteranos de São Leopoldo, do qual os mucker possuíam um manuscrito, enumerado como 162: *Es glänzer der Christen inwendiges Leben* (a vida interior dos cristãos resplandece embora haja sol por fora a crestar). Após minucioso estudo sobre hinários e livros de orações, Dreher conclui que a

¹⁹⁹ DREHER, M. N. Conversas a partir da margem: dialogando com os mucker. In: SIDEKUM, A.; Irgart GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em Homenagem ao Prof. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 60.

²⁰⁰ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 189.

tradição pietista Mucker estava presente e bastante espalhada no meio evangélico luterano de imigração alemã do Brasil²⁰¹.

Padre Schupp narra que no dia 07 de maio de 1873, aconteceu mais uma reunião na casa dos Maurer. As pregações desse dia demonstram convicções religiosas capazes de formar uma comunidade diferente da que faziam parte: o anúncio do final dos tempos, o desligamento das comunidades religiosas e do sistema escolar; a necessidade de se manterem firmes aos propósitos religiosos, a advertência de que a adesão à nova comunidade poderia trazer-lhes várias consequências sociorreligiosas e, por fim, a promessa de recompensa aos fiéis. Pelo teor religioso, identifica-se que Jacobina lera nesse dia para os seus adeptos o texto de Mt 10, 34-39. Nesse texto, são transcritas as exigências que Jesus impõe aos missionários que querem segui-lo²⁰².

No primeiro dito (34-36), Jesus dá um sentido autêntico da sua missão, que veio à história humana como sinal de contradição, mais para dividir do que unir, pois sua pessoa pode separar até pessoas ligadas pelo vínculo sanguíneo. Na realidade eclesial, seus missionários devem saber que nem mesmo diante de parentes eles podem se sentir seguros, até deles pode advir oposição. É possível imaginar, como pano de fundo, o estupor dos missionários postos diante de uma traição familiar²⁰³.

Os versículos 37-38 deixam claro que Jesus é terrivelmente exigente, cobrava uma adesão total dos que se dispõem a evangelizar. Seguir Jesus deve ser preferido aos vínculos humanos mais sagrados, essa disposição deve ir até a cruz, afrontando com a morte. Não se propõe a amar a cruz por si mesma, mas de seguir Jesus incondicionalmente até com o risco de perder a própria vida. De resto, a perda da vida terrena tem como contrapartida o ingresso na vida eterna. Em suma, Jesus quer exclusividade dos que se dispõem a segui-lo e promete a vida eterna para os autênticos seguidores de sua doutrina²⁰⁴.

²⁰¹ DREHER, M. N. Conversas a partir da margem: dialogando com os mucker. In: SIDEKUM, A.; Imgart GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em Homenagem ao Prof. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 60-61.

²⁰² SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 77.

²⁰³ BARBAGLIO, R.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos (I)*, p. 184.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 185.

A ação belicosa dos mucker era justificada ao nível religioso, porque eles obedeciam a Deus, que falava por meio de Jacobina. A ordem era que eles passassem por cima dos laços de parentesco, se combatesse pai, irmão, mãe e filho, pois era justo guerrear também contra os parentes. Esses laços tão valorizados anteriormente, já não tinham valor para eles, passaram a ter outros valores e os laços do movimento sobressaíam-se aos demais²⁰⁵.

Segundo testemunhas, em 15 de junho de 1873, a maior parte da família Cassel morreu queimada em sua própria casa, quando o primo de Martinho, Cristiano Cassel, um mucker convicto, ateou fogo à casa. Os mucker não aceitaram que o casal abandonasse o movimento e voltasse às suas Igrejas, ele à Protestante e ela à Católica. Martinho salvou-se do ataque de morte, porque não estava em casa; o enteado Nicolau Lied, porque conseguiu fugir por uma janela²⁰⁶.

Noé relata que, certa noite, os mucker resolveram praticar represálias às famílias que os haviam insultado, era hora da vingança. Reitera que se os mucker não tivessem sido provocados constantemente, isso se constituiria num ato bárbaro e eles não o teriam praticado. Seriam considerados covardes se tivessem suportado tudo sem se defender. Decididos pelo ato de vingança, no dia 25 de julho de 1874, dirigiram-se a todos os caminhos que os levavam aos seus perseguidores para lançar sua vingança sobre eles²⁰⁷. Sobre os crimes dos mucker, desde o assassinato do Haubert até a barbárie provocada por eles nessa noite e dias posteriores, os ex-mucker quando interrogados, após o desfecho do movimento no Ferrabraz, não emitiram juízo de valor. Discordaram da forma como aconteceu, mas não de uma necessária reação²⁰⁸.

José Pedro Oro faz uma análise sociológica de grupos que se comportam de forma semelhante ao comportamento hostil dos mucker e chega às seguintes conclusões: conscientes de terem posse da verdade, animados pela convivência de irmãos e irmãs que partilham a mesma fé e guiados pela firme pregação do seu líder, os fiéis, portadores de uma

²⁰⁵ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 311.

²⁰⁶ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 250.

²⁰⁷ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 392.

²⁰⁸ DICKIE, M. A. *Afetos e circunstâncias um estudo sobre os Mucker e seu tempo*, p. 425-426.

vocação hegemônica, empenham-se na missão de defender sua verdade e de estabelecê-la como suporte na sociedade. A força do fundamentalismo faz com que essa seja a única opção. Pretende impor-se pela autoridade de origem divina, já que emana diretamente da religião²⁰⁹.

Os fundamentalistas sentem-se tocados por Deus, virtuosos e perfeitos, uma minoria eleita portadora de uma verdade absoluta. Colocam-se em oposição aos outros, mesmo cristãos, por não viverem os axiomas da fé, em oposição às maiorias sociais, veem claramente a linha que os separa dos demais. Sentem-se também resto fiel aos princípios fundamentais e imutáveis, independente do que aconteça, permanecem firmes nos princípios tradicionais, à vontade perene e imutável de Deus. A grande maioria dos outros são os apóstatas, moralmente pervertidos, arrastados pelo mundo²¹⁰.

Esses eleitos e fiéis defendem suas posições entrincheirados nos seus grupos e comunidades, veem-se como o grupo daqueles que foram eleitos de maneira exclusiva. Os outros, que não estão no caminho da salvação e não aderem à verdade, são o inimigo; os que assumem outras posições, que se contrapõem às verdades dos “eleitos” constituem-se uma ameaça e, por isso, devem ser combatidos²¹¹.

Os “diletos de Deus” sentem-se prontos para enfrentar uma batalha, nos seus mais variados segmentos contra qualquer coisa ou alguém. O mundo que, aos seus olhos se apresenta, cheio de imperfeições capazes de sacudir a estrutura social é obra do demônio e se o demônio está solto, é preciso combatê-lo. Como eleitos de Deus têm a necessidade de se contrapor a isso tudo. Mas *o pior inimigo do fundamentalismo é aquele que contesta as suas fórmulas e as suas práticas como absoluta garantia do divino* (Mertes, 1993)²¹².

Em 24 de fevereiro de 1873, Jacobina escreveu, pelas mãos de Klein, uma carta ao irmão Francisco, único irmão que não participava da seita. Queixava-se por causa do tratamento que ele havia dispensado a ela. Ao longo da carta, percebe-se que Jacobina sofria por não convencer o irmão a fazer parte da “herança celeste”, que se realizaria através do seu

²⁰⁹ ORO, J. P. *O outro é o demônio*, p. 127.

²¹⁰ Ibid., p. 127.

²¹¹ Ibid., p. 127.

²¹² Ibid., p. 128.

movimento religioso. Prevenia-o que o dia do infortúnio se aproximava, que fizesse parte movimento Mucker e deixasse os tumultos do mundo²¹³.

A carta que Jacobina mandou ao primo e delegado de São Leopoldo, Lúcio Schreiner, em 19 de maio de 1874, sugere que Jacobina tem autoridade de cobrar que o primo leve uma vida cristã. Pede a Schreiner que pare de perseguir os inocentes, de pecar, de endossar calúnias, de organizar petições contra os mucker e, principalmente, pare de desrespeitar as Sagradas Escrituras; que se prepare para o dia do juízo final²¹⁴. Em outra carta, dessa vez ao primo Schroeder, Jacobina diz que o anticristo profetizado por Maria Margarida Müller, mãe de Schroeder, era identificado como Lúcio Schreiner, pois “ha perto de um ano”, vinha instigando Schroeder contra ela e seus seguidores. Que Schroeder viesse visitá-los, assim também fizesse uma visita a Klein para ser contemplado de mais esclarecimentos sobre o que ela lhe falava através da carta²¹⁵.

O jornal *A Reforma*, a 10/07, faltando menos de um mês para o desfecho do movimento, noticiou que os mucker teriam içado uma bandeira branca em seu reduto, com o dístico “A paz será cinza”. Esse fato foi interpretado como a não preocupação dos mucker com a sorte das crianças e mulheres, iriam até as últimas consequências. Os que estavam com Jacobina no dia 2 de agosto poderiam ter sido os assassinos incendiários do dia 25 de junho. O caminho que haviam feito já não tinha retrocesso naquela sociedade. É possível que eles tenham se baseado no texto bíblico de Mt 10 26-27, segundo esse texto, quem mata o corpo não pode matar a alma e quem se mantiver fiel será salvo. Os mucker acreditavam que Deus os protegia e os poupava, porque eles eram os instrumentos contra os ímpios²¹⁶.

Tudo indica que na última fase do movimento, os mucker tinham uma nova convicção de si mesmos. Consideravam-se portadores do progresso, pois eram detentores dos esclarecimentos para levar ao mundo; seus opositores, ao contrário, eram pessoas intolerantes, que não conseguiam enxergar o novo caminho mostrado por eles, estavam nas trevas, no atraso, eram retrógrados. Enfim, ao contrário, das normas sociais aceitas, eles consideravam-

²¹³ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 86.

²¹⁴ Ibid., p. 242.

²¹⁵ Ibid., p. 244.

²¹⁶ Ibid., p. 313.

se progressistas, tendo uma visão otimista do mundo, em contraste com a comunidade que os denominava “mucker” no sentido doentio, endemoniados e incivilizados²¹⁷.

Muitos mucker passaram a morar juntos nos últimos tempos. É provável que tenham encontrado muitas dificuldades, pois o espaço era pequeno e os recursos de manutenção deviam ser escassos. Mas a forma com que lutavam revela que eram obstinados, lutavam por um ideal, não estavam preocupados com os ataques ferozes do exército, eram impelidos a lutar cada um por si, cada um cumpriu o seu dever. Depois do segundo ataque, os seus dias foram-lhes mais difíceis, pois ficaram confinados em duas cabanas, no mato, durante o inverno, com escassa alimentação e munição, esperando a morte²¹⁸.

O próximo e último capítulo, *O Movimento Mucker e as reações das igrejas históricas*, contém um estudo sobre o movimento que se originou a partir das pregações de Jesus de Nazaré na Palestina, depois da segunda década da Era Cristã, denominado cristianismo primitivo. Os apóstolos, testemunhas oculares da Ressurreição de Jesus, formaram essa comunidade que foi vista, inicialmente como seita judaica. Também há um trabalho sobre o movimento Mucker, criado a partir do curandeirismo praticado por João Jorge Maurer e auxiliado pela esposa Jacobina Mentz, que mais tarde lideraria o movimento, denominado seita. Os dois últimos subcapítulos trazem um trabalho sobre o significado religioso da morte de Jesus de Nazaré e de Jacobina Mentz Maurer, líderes dos movimentos aqui estudados.

²¹⁷ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 311-312.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 312.

3 O MOVIMENTO MUCKER E AS REAÇÕES DAS IGREJAS HISTÓRICAS

3.1 ORIGENS

A Igreja Cristã nasceu do judaísmo, sendo, inicialmente, vista como uma seita judaico-cristã, não diferente do partido dos essênios, dos saduceus, dos fariseus e dos zelotes que existiam na Palestina do século I²¹⁹. Os seus componentes pertenciam a um grupo religioso de minorias, centralizado em torno de Jesus de Nazaré e sua doutrina; romperam, em certos aspectos, com os preceitos da religião judaica, ingressando, voluntariamente, no movimento religioso. Pela fé coletiva, viram em Jesus o salvador prometido no Antigo Testamento, e essa salvação era estendida a todos que professassem a nova fé e se deixassem batizar²²⁰.

Segundo Comblin, os seguidores de Jesus de Nazaré, que formaram a igreja primitiva, consideravam-se judeus puros aos quais se acrescentaram os justos das nações. A marca da pureza estava no radicalismo da pobreza. A entrada na seita supunha um processo de adesão e de conversão, confirmada pelo Espírito Santo. Separavam-se dos outros judeus pela abertura para com os gentios e também pela invocação do nome Jesus. E esse nome foi adquirindo tanta importância que pouco a pouco se tornou o eixo ao redor do qual se articulava uma nova entidade social²²¹.

Os Seguidores de Cristo, membros rejeitados pelos judeus e entregues a si mesmos, acabaram formando uma Igreja multitudinária, que se adaptou ao mundo e desenvolveu um sistema de meios objetivos de salvação, dogmas, sacramentos, normas morais e institucionais.

²¹⁹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 74.

²²⁰ Comblin desenvolve o conceito de seita, no sentido sociológico, de Ernst Troeltsch, que tem as seguintes características: 1) É uma associação de elites, de pessoas que buscam uma perfeição em todos os sentidos; 2) forma-se pela livre adesão de convertidos; 3) insiste mais na atividade do sujeito do que os meios objetivos de salvação (luta contra todas as ilusões de salvação sem compromisso pessoal); 4) nega-se a adaptar-se ao mundo, vive em estado de tensão escatológica, aguardando o advento do reino de Deus e, por isso, vive separada da massa da igreja que julga degenerada” (COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*, p. 48).

²²¹ *Ibid.*, p. 49.

No tempo de Lucas²²², os neocristãos não tinham consciência da abrangência que a nova Igreja iria tomar. Uma geração depois, o cristianismo assumiria uma forma institucionalizada que se guardaria, apesar das vicissitudes, até Constantino²²³ e, posteriormente, continuou a evoluir por intermédio dos Santos Padres dos séculos IV-V²²⁴.

O movimento desenvolvido na colônia alemã de São Leopoldo, século XIX, liderado por Jacobina Mentz, não teve dois mil anos de caminhada como a Igreja Católica Apostólica Romana. Na concepção do historiador Martin Dreher, a religião de *Jacobina Mentz Maurer faz parte das muitas tradições religiosas trazidas pelos imigrantes alemães protestantes ao Brasil*; a família da líder foi expulsa do território alemão da Turíngia, Alemanha, por não querer renunciar a antiga fé e fechar-se à Ilustração. Os mucker são herdeiros do Pietismo assim como diversas famílias que participaram do movimento eram pietistas. Com eles, veio a Ilustração que já se fazia sentir em 1824 e se acentuou em 1851, com a chegada de 1600 legionários alemães no Rio Grande do Sul. O Reavivamento veio a esse Estado por meio de novas levas de imigrantes, por meio de padres e pastores, tendo sua expressão maior no Catolicismo da Restauração e num Protestantismo da Restauração. Com isso tudo, uma nova forma de pensar era expressa nos jornais e influenciava a política, dando a conformação do Estado na República que iniciaria em 1889. O universo dos mucker era o micro do macro, faziam parte dessas mudanças todas²²⁵.

A “igreja de Jacobina” não resistiu muito tempo. Sobre isso, Martin Dreher, supracitado, dá o seguinte parecer: as práticas dos Maurer foram legitimadas por expressivo número de simpatizantes, entre 700 e 1000 pessoas, o que é significativo, considerada a população total da Colônia Alemã de 14.000 pessoas. Mas, a partir de 1873, os mucker foram responsabilizados por uma série de incêndios e assassinatos que os levou ao confronto com o

²²² Tradicionalmente, o terceiro evangelista, é considerado também autor do livro dos Atos dos Apóstolos. Mas a crítica moderna, através dos estudos da história das formas, aos poucos, desfaz essa possibilidade. O autor desse livro seria um cristão da segunda geração (RABUSKE, I, J. *A Igreja em suas origens: revisitando os atos dos apóstolos. Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2012).

²²³ Em 313 d.C., Constantino Magno através do edito de Milão, deu liberdade aos cristãos de professarem sua fé e aceitou a religião Cristã no Império Romano. Em 391 do mesmo século, o Cristianismo passou a ser religião oficial e as outras perseguidas.

²²⁴ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*, p. 48.

²²⁵ DREHER, M. N. *Conversas a partir da margem: dialogando sobre os Mucker*. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. (Orgs.). *Campos múltiplos identidade, cultura e história*. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 64.

exército, em junho de 1874. Em três investidas, ocasionaram a morte de muitos adeptos e os principais líderes, bem como a prisão de outros e isso se estendeu até 1898. No julgamento que se seguiu, nenhum mucker foi condenado, tendo acontecido o mesmo com os seus detratores²²⁶.

Os apontamentos de Miguel Noé dão uma visão sobre o curandeirismo de João Jorge Maurer: Uma entidade superior, que Noé chama de “Divindade Natural”, diagnosticava as doenças e prescrevia o tratamento. O “Espírito Divino da Natureza” convocava o espírito de Jacobina, fazia-o abandonar o corpo para ministrá-lo esclarecimentos, que após a reincorporação do espírito, a profetisa externava ao marido. Os produtos ministrados nas beberagens e emplastos receitados eram somente naturais; fazendo os crentes desse tratamento panteístas, pois as pessoas que frequentavam a casa dos Maurer e buscavam tratamento, acreditavam nesse “Espírito Divino da Natureza” para curá-los de suas doenças e, talvez, ouvirem conselhos para os males da alma. Eram simples, ingênuas e, sem dúvidas, pacíficas; acreditavam nisso e eram fiéis às suas igrejas, a saber, a Luterana e a Católica²²⁷.

Como líder religiosa, Jacobina mostrava que tinha poder de prever situações e acontecimentos futuros. Por isso fazia profecias sobre o destino das pessoas e sobre o próprio mundo. Essas características evidenciaram-se a partir de 1873, quando há relatos de intensa perseguição de toda a sociedade ao grupo. Na reunião de 4 de maio de 1873, Jacobina disse aos seus seguidores que ela era a messias escolhida por Deus, para anunciar que o fim dos tempos se aproximava, quem a escutasse se salvaria, e que era necessário que os seus seguidores se preparassem para o dia do juízo²²⁸.

Para entrar na seita bastava concordar com Maurer, o prosélito deveria ser precavido, não cometer falta, ser forte, não se deixar influenciar pelos outros e não se desviar do caminho. Até 1871, os mucker não usavam a Sagrada Escritura e não se preocupavam em fazer uma congregação de fiéis. As reuniões na casa dos Maurer eram uma atividade paralela

²²⁶ DREHER, M. N. Conversas a partir da margem: dialogando sobre os Mucker. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. (Orgs.). *Campos múltiplos identidade, cultura e história*. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008, p. 65.

²²⁷ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 72.

²²⁸ *Ibid.*, p. 88.

à atividade religiosa da comunidade²²⁹. Todos os que a frequentavam, os crentes na Divindade Natural, eram fiéis a sua religião, buscavam os sacramentos e participavam dos rituais estabelecidos juntamente com o colono-padre ou colono-pastor, conforme a denominação religiosa²³⁰.

3.2 CONSOLIDAÇÕES DA IGREJA CRISTÃ E DA SEITA MUCKER

O Cristianismo formou-se a partir das pregações de Jesus que impunham mudanças de vida a partir da aceitação da nova fé. Em Jerusalém, os novos cristãos mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos: participavam da comunhão, partiam o pão, rezavam unidos e respeitavam os apóstolos, pois estes realizavam muitos prodígios. Todos os que abraçavam a nova fé uniam-se aos outros cristãos e colocavam em comum todos os pertences, segundo a necessidade de cada um. Diariamente, frequentavam o templo, e nas casas partiam o pão; alimentavam-se com a alegria e simplicidade de coração; louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo e a cada dia novos adeptos abraçavam a nova fé, aceitando a salvação oferecida por Jesus e divulgada pelos apóstolos (At 2, 42-47)²³¹.

Comblin diz que esse resumo é o primeiro de três que falam da comunidade de Jerusalém, os outros podem ser conferidos em At 4, 32-37 e 5,12-16. Para o autor, essa descrição é uma visão utópica da comunidade, assim como os outros dois. Embora Lucas apele para a filosofia grega quando fala da noção de comunhão (*koinonia*), o conteúdo cristão se constituiu uma novidade: a comunhão entre ricos e pobres. Essa palavra pode ser comum para denominar outros movimentos religiosos ou filosóficos, o que é novo é a aplicação desses temas à realidade concreta dos ricos e dos pobres. É uma solução proposta por Lucas para realizar as promessas messiânicas e o evangelho de Jesus. Essa utopia sobreviveu ao

²²⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1977, p. 387.

²³⁰ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 72.

²³¹ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*: 1-12, p. 104-105.

tempo e à história por ter encontrado na realidade de Jerusalém e nas comunidades lucanas um começo de realização suficiente para dar crédito às promessas²³².

A Igreja cristã tem o Pentecostes como um marco inicial, em Jerusalém, no século I. Pelos relatos de Lucas, aconteceu o seguinte: Tendo-se chegado ao dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa, onde se encontravam. Apareceu-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. Esse estrondo foi ouvido por judeus devotos de todas as nações. Esses se admiraram por ouvirem as palavras, cada qual falada em sua própria língua; outros, porém, zombavam e diziam que essas pessoas assim falavam, porque estavam embriagadas por vinho doce (At 2, 1-4)²³³.

O acontecimento de Pentecostes é naturalmente fundamental, pois é o ponto de partida da história da marcha para o testemunho. Essa marcha é também o fato fundador da Igreja de Jerusalém, mas deixando-a em segundo plano para poder sobressair a missão e o testemunho. A Igreja é o ponto donde parte a missão e o testemunho e, ao mesmo tempo, ela nasce do testemunho. O Espírito Santo é a fonte do dinamismo tanto para a Igreja nascente como para a marcha do testemunho. O agir partiu do Espírito Santo ante a espera dos apóstolos; uma vez Ele ter intervindo, nada fez os apóstolos pararem, pois o Espírito é uma energia incontável²³⁴.

Outro acontecimento vital para o desenvolvimento do cristianismo foi a conversão de Paulo. Doravante, ele seria o difusor do cristianismo levando a fé para todos os povos e gentios. Segundo At 9, 1-22, Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos. Apresentou-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas de representações para as sinagogas de Damasco para levar presos todos os cristãos que encontrasse. No caminho de Damasco, uma luz cegou-lhe e uma voz lhe indagou o porquê da perseguição aos cristãos. À pergunta sobre de quem era a voz, Paulo ouviu: Eu sou Jesus a quem você está perseguindo. A mesma voz mandou que ele se levantasse, fosse a Damasco e esperasse orientações do que fazer. Como se sentiu cego, foi

²³² COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*, p. 105.

²³³ *Ibid.*, p. 86-87.

²³⁴ *Ibid.*, p. 87.

levado pela mão, ficando três dias sem comer e beber. Jesus mandou o discípulo Ananias para que impusesse as mãos e curasse a cegueira de Paulo. Ananias também soube, por Jesus, que Paulo tinha sido escolhido como um instrumento de propagação de sua doutrina; que Ele o havia escolhido para levar o seu nome às nações, aos reis e aos filhos de Israel. A partir desse acontecimento Paulo passou a espalhar que Jesus era o Cristo, o filho de Deus²³⁵.

A consolidação da seita de Jacobina parte dos seguintes aspectos: a partir de 1873, os mucker estabeleceram ritos religiosos, adotaram a livre interpretação da Bíblia, passaram a entoar cânticos religiosos, identificaram Jacobina com a revelação divina, começaram a acreditar no fim do mundo próximo. As reuniões, na casa de Maurer eram marcadas por ele, que a auxiliava nas explicações da Bíblia. Jacobina sentia-se inspirada por Deus e tinha o objetivo de explicar o verdadeiro espírito da Bíblia Sagrada. Com o aumento dos adeptos, o grupo, composto por um círculo fechado de parentes, evoluiu para o terreno da religião, enquanto explicação do mundo. E Jacobina, de atuação coadjuvante, passou a ter o papel principal nessa história²³⁶.

Segundo os relatos de Schupp, o marco inicial da seita de Jacobina deu-se no dia 19 de maio de 1872²³⁷, nesse dia ela tentou dar legitimação à sua “igreja”, que os inimigos chamavam de Mucker. Havia avisado a todos que, no dia de Pentecostes²³⁸, portanto, naquele dia, iria acontecer algo extraordinário, que a todos surpreenderia. Depois das preces, os presentes viram a profetisa, em seu leito, hirta, imóvel, com os olhos inundados de misticismo, fixos, voltados para o alto, com o semblante transfigurado, desaparecer, juntamente com um estrondo, semelhante a uma trovada. Ao som de um novo hino ela reapareceu, vestida de branco, com expressões de um ser sobre-humano²³⁹.

O texto de Schupp sobre isso tem acentuada assonância evangélica.

²³⁵ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*, p. 177.

²³⁶ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 189.

²³⁷ “O equívoco do Pe. Schupp, que parece ter seguido as pegadas de Koseritz, foi este: o fato aconteceu a 4 de maio de 1873 e não a 19 de maio de 1872, quando faziam apenas 19 dias que Aurélia, última filha de Jacobina, havia sido batizada pelo pastor de Campo bom. Engano muito sério, pois deixa o intervalo de um ano entre a fundação da seita e a intervenção das autoridades, quando na realidade esse intervalo foi de apenas 4 dias” (DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 101).

²³⁸ Padre Schupp diz que dia 19 de maio de 1872 era o dia de Pentecostes.

²³⁹ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 59.

Jacobina para, parece tornar do êxtase à vida terrena, e lança um olhar sobre os circundantes. Depois fixa os olhos num ponto; o seu gesto toma uma expressão suave, risonha. Todas as vistas voltam-se para aquela banda. Ali se acha um homem, quase quinquagenário, espadaúdo, de cabelo negro e sobrancelhas hirsutas. Jacobina acena-lhe. Então aquele indivíduo, rompendo por entre a turba e exclamando: - Sim, eu creio, eu creio que tu és Cristo – prostra-se de joelhos a seus pés. Jacobina olha para ele, com ar benévolo. Pois bem! Diz ela – Já que assim procedes, perdoo-te a inimizade que alimentavas, no íntimo, contra mim. És digno de pertencer ao número dos meus discípulos... Tu disseste – acrescentou ela – que eu sou o Cristo, e eu o sou, na verdade; e estas palavras do espírito de Cristo; eu sofro e sofrerei, mas também eu terei a minha ressurreição. Quem acreditar esta verdade e algumas outras mais, esse terá a vida eterna²⁴⁰.

Talvez Jacobina misturasse o texto bíblico (Mt 16,17-19) em que Pedro responde a Jesus: “*Tu és o Cristo o filho do Deus vivo*” com o texto da Transfiguração, no monte Tabor, pois ambos os acontecimentos parecem acenar para ritual de Jacobina no dia quatro de maio de 1872. No primeiro texto, Pedro reconheceu em Jesus o Cristo, o filho de Deus vivo; no segundo, Deus fez os apóstolos verem que Jesus, seu filho, tinha uma importante missão e, por isso, deveriam ouvi-lo (Mt 17 1-8). No Ferrabraz, houve o reconhecimento da messias diante de uma assembleia de adeptos, por uma influente pessoa de seu meio, o ex-pastor da comunidade, outorgando-lhe, com isso, poder religioso. Após a “transfiguração” de Jacobina, houve a confirmação da líder e de sua consciência messiânica. Se o homem que reconheceu nela o Cristo, era Klein²⁴¹, seu cunhado, sem dúvidas, era a pessoa mais qualificada intelectualmente para confirmá-la, já que era versado em teologia, professor primário e ex-pastor²⁴². O poder religioso, que ora lhe era legitimado, por esse reconhecimento, nesse dia, era-lhe negado pelas autoridades civis e religiosas.

Pe. Schupp, em várias passagens de seu livro, narra que Jacobina se dizia ser o Cristo na terra, incumbida de uma importante missão, tinha sido ungida por Deus²⁴³. Considerando que muitos estudiosos chamam o religioso de tendencioso e orientam que seu texto tem que

²⁴⁰ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 60.

²⁴¹ João Jorge Klein: Nasceu em 14/05/1820, em Hunsrück, na Alemanha e faleceu em 06/10/1915, em Canoas, Rio Grande do Sul. Chegou no Brasil em 1853, em 13/4/1855, casou com Catarina Mentz, irmão mais velha de Jacobina. Destacava-se dos demais pela cultura acima da média, contribuindo até para jornais locais, embora dado a brigas e intrigas. Em 1858, foi eleito pastor das picadas do Café e da 48 colônias, onde desempenhara as atribuições que lhe competiam com muito com zelo. Foi considerado pela população e autoridades locais, desde o início, um dos principais líderes dos mucker: “o misterioso” tido como diretor espiritual da seita e dos acontecimentos em torno do casal milagreiro (SCHUPP, op. cit., p. 44-45; Cf.: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 49).

²⁴² SCHUPP, op. cit., p. 59.

²⁴³ *Ibid.*, p. 76.

ser usado com reservas, é necessário remeter-se ao inquérito policial do dia 22 de maio de 1873, pois nesse texto, tem-se a certeza de ser a fala da líder religiosa. Conforme o inquérito policial, Jacobina disse ao chefe de polícia, Dr. Luís José de Sampaio, que entre ela e a divindade não necessitava de intermediários. Não lhe foi perguntado se ele era o Cristo e ela nada falou a respeito disso²⁴⁴.

No dia 07 de maio de 1873²⁴⁵, dias antes de ser presa, numa nova reunião, Jacobina novamente legitimou sua autoridade. Primeiramente, mostrou-se vestindo uma túnica branca e uma coroa de flores na cabeça, depois interpelou mais uma vez, como no ano anterior, se ainda havia alguém que não acreditava que ela era o Cristo. Como ninguém se manifestou, explicou que há seis anos, no mato, um espírito, em segredo, havia lhe falado que ela era o Cristo e que avisaria a hora da revelação. Explicou a todos que o irmão Francisco sabia disso, que havia posto o que sabia no papel, mas que agora se recusava a confirmar. Como o apóstolo Pedro que negou Jesus por três vezes, seu querido irmão mais velho negara-lhe a confirmação de que a humanidade iria perecer e que só os eleitos, iriam se salvar²⁴⁶.

Ainda nesse dia, Jacobina deu orientações para os prosélitos que haviam aderido à nova religião. Observa-se, no texto abaixo, novamente, referência evangélica (Mt 10, 34-39).

- E ouvi - continuou ela no mesmo tom – o que ainda tenho a dizer-vos. O mundo perecerá em breve. Nenhum de vós mande mais os filhos à escola: não será mais preciso ler nem escrever; também ninguém vá mais à igreja que frequentava até aqui, mas retire-se da comunidade a que pertence, e conserve-se fiel aos escolhidos. E, se uma mulher quiser vir ter comigo, e o marido se opuser, ou, vice-versa, se o marido quiser vir e a mulher tentar impedi-lo, não desanime por isso, pois ele será salvo e a outra parte perder-se-á. Pois eu vos afirmo que, por minha causa, os filhos rebelar-se-ão contra os pais, as mulheres contra os maridos; mas quem se conservar fiel a mim, nada lhe há de faltar; tudo lhe será restituído centuplicadamente²⁴⁷.

Sabe-se, pelos inquéritos policiais, que Jacobina também previra um sinal dos céus para o dia de Pentecostes desse ano, 1873. Isso era de conhecimento das autoridades, pois lhe foi perguntado no seu interrogatório, pelo chefe de polícia, em 23 de maio de 1873. Estava ciente de que iria acontecer algo no dia de Pentecostes, mas por motivos de estar sempre

²⁴⁴ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 159.

²⁴⁵ Moacyr Domingues põe esse acontecimento no dia 4 de maio de 1873.

²⁴⁶ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 76-77.

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 77.

inconsciente, não sabia dizer²⁴⁸. O filme “A Paixão de Jacobina”, do diretor Fabio Barreto, interpretou o sinal que Jacobina esperava do céu, mostrando a queda de um meteoro, fazendo um grande clarão na colônia²⁴⁹. Não houve celebração de Pentecostes nesse ano, pois Jacobina e João Jorge estavam em Porto Alegre e as autoridades policiais cuidaram para que a reunião não acontecesse, enquanto o casal estava em Porto alegre²⁵⁰.

Depois da liberação de João Jorge pela polícia e a alta hospitalar de Jacobina, o casal retornou ao Ferrabraz, em 5 de julho de 1873, e tomou várias medidas que fortaleceu a coesão interna do grupo. Uma delas foi a construção de uma nova casa²⁵¹ que foi construída, perto da casa de Maurer, em regime de mutirão. Também nessa época, passaram a ser cobradas contribuições em dinheiro de todos os mucker, fixadas de acordo com o rendimento de cada um. Com esse dinheiro, os mucker pagaram o material de construção da nova casa, compraram armas para se defenderem e investiram nas três viagens de Maurer ao Rio de Janeiro. As doações, além de solidificarem a união entre os membros da seita, identificava-os como grupo, tinham o aspecto de desprendimento, ou seja, de desprezo pela riqueza, padrão social que regia colônia nessa época²⁵².

Jacobina mandava que cada qual tratasse de se prover de quanto fosse preciso para o dia da adversidade. Os ímpios se ergueriam contra os eleitos e estes eram obrigados a defenderem-se daqueles. Aos eleitos nada aconteceria, mesmo que fossem arrastados aos tribunais, as leis mundanas não tinham poder sobre eles²⁵³.

²⁴⁸ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 159.

²⁴⁹ BARRETO, Fábio. *A paixão de Jacobina*. Direção: Fábio Barreto; Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto, Maria da Saete, Gisele Hiltl e Borba Sidnei. São Paulo: Filmes do Equador, Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas e Visional do Brasil, 2002. 1 DVD (103 min), color.

²⁵⁰ DOMINGUES, op. cit., p. 180.

²⁵¹ Essa casa foi chamada de “fortaleza” pelos detratores dos mucker. Na verdade, ela consistiu num grande salão de madeira, com dimensões não superiores a 75m² (5x15), comuns nas áreas rurais nas comunidades mais velhas. A casa fora erguida sobre pilares, a 50-60 cm do chão, coberto por telhas de barro, com janelas de todos os lados (Cf. GALVÃO, A. M.; ROCHA, V. G. *Mucker fanáticos ou vítimas?* p. 76).

²⁵² AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 229.

²⁵³ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 77-78.

Segundo Queiroz, a comunidade dos mucker constituiu-se uma reação contra a nova sociedade que estava se formando, no início da segunda metade do século XIX, em São Leopoldo. As cartas dirigidas por Jacobina e sua irmã aos parentes ricos revelam o seu modo de pensar e agir. Como líder religiosa, exigia o perdão das dívidas daqueles que queriam entrar no seu movimento e, pelas suas pregações, revelava o ressentimento dos parentes menos afortunados, queixosos da soberba dos ricos, demonstrado no comportamento da elite econômica na administração pública. Jacobina impunha novos comportamentos e novas solidariedades coletivas (a troca de cônjuges entre diferentes casais e disposição dos bens em comum)²⁵⁴, criando uma nova comunidade, diferente tanto da antiga, quanto da que estava em formação. Ela não aceitava os termos que regiam aquela sociedade: a camada superior não devia ser a dos ricos, e sim a dos pobres, a dos humildes, como mandava a Bíblia. Sua comunidade constituía-se a verdadeira elite, pois era formada pelos diletos do Senhor. Seus seguidores formaram um movimento inovador, subversivo e revolucionário, a sociedade constituída não prestava mais, era preciso tudo destruir e reiniciar do zero, a começar pela estrutura social²⁵⁵.

3.3 OS APÓSTOLOS

Pelos evangelhos, sabe-se que Jesus de Nazaré apresentava-se como “mestre” ou “rabi”, mas depois da Páscoa, deixou de ser só o mestre na Igreja para ser alçado a Senhor, com autoridade única e excepcional. A função magisterial de Jesus é confirmada pelo modelo sociológico, dentro do qual a tradição evangélica coloca a ação pública de Jesus. Ele ensina nas sinagogas ou ao ar livre, no recinto do templo, fala e discute com os mestres, escribas e judeus. Isso se torna um dado histórico sobre a função e atividade palestinese de Jesus, não sendo somente produto da fé pós-pascal²⁵⁶.

²⁵⁴ Atualmente, há várias críticas à classificação de Queiroz, sobre os mucker. Nem Janaína Amado, que teve assinada, por Queiroz, sua tese de doutorado sobre este assunto, aceita a possibilidade de haver troca de cônjuges entre os casais, pertencentes ao movimento Mucker. Essas críticas são baseadas na bibliografia que Pereira de Queiroz utilizou para o seu texto: *Os Mucker* de Ambrósio Schupp e *O episódio Ferrabraz* de Leopoldo Petry, duas obras consideradas parciais, pois, enquanto o primeiro autor condena os mucker, o segundo os defende das acusações de Schupp e da comunidade em geral. (grifos nossos).

²⁵⁵ QUEIROZ, M. I. P. *O Messianismo no Brasil e no mundo*, p. 311.

²⁵⁶ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 133-134.

Jesus vive e perambula na Galileia e é seguido por um grupo que se distingue tanto da multidão anônima como dos parentes, os chamados discípulos conforme os evangelhos. O uso preponderante do termo “discípulos”, nos evangelhos, mostra um indício do relacionamento especial, que se firmou entre Ele e um círculo de pessoas, distintas dos simpatizantes e curiosos. Do uso linguístico da tradição de Lucas e até pelos textos evangélicos atuais, o termo discípulo assume uma conotação mais abrangente: os discípulos de Jesus como um grupo ideal, representantes de todos os que o seguem como “crentes”. O vocábulo Apóstolos, na obra de Lucas é reservado aos doze discípulos de Jesus, ao passo que nas cartas de Paulo, o significado é aplicado a um círculo maior que o grupo dos doze e também, por isso, diferente. O grupo dos “doze” não foi uma invenção pós-Pascal e é possível afirmar a existência de um grupo que se relacionava com Jesus diferentemente dos demais²⁵⁷. Eles são provenientes da classe média, trabalhadores autônomos e empregados; diferentes, no entanto, quanto à orientação religiosa e ideológica. Seus nomes são bem conhecidos: André, Filipe, Pedro, Tiago, João, Mateus, Judas...²⁵⁸.

A respeito dos “doze”, há bastante apoio nos evangelhos. Os de Marcos e Lucas mencionam a constituição do grupo dos doze no contexto da atividade de Jesus na Galileia, situando-a no “monte” (Mc 3,13; Lc 6,12-13). Mateus antepõe a escolha e chamada dos discípulos ao discurso em que são dadas as instruções para os “enviados” (Mt 10,1-4). Nos três casos, há o elenco dos nomes “dos doze” discípulos, no qual Pedro aparece como primeiro e Judas o traidor (Mc 3,19). O comportamento desses escolhidos por Jesus no contexto de sua condenação e morte não é censurado, mas interpretado à luz dos textos bíblicos e as palavras proféticas de Jesus (Mc 14,17-21; Jo 13,11.18-19. 21-30; 17,12)²⁵⁹.

Jesus tem a palavra autorizada e tem a iniciativa de formar o grupo dos dozes apóstolos para compartilhar a sua missão num relacionamento singular com ele. A vocação dos primeiros discípulos e a sua resposta ao chamamento tornaram-se protótipo da experiência dos fiéis, chamados por sua vez a seguir Jesus com dedicação total (Mc 1,16-20). Jesus declara a motivação-promessa do chamamento; “*Farei de Vós pescadores de homens*” e

²⁵⁷ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 134.

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 137.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 135.

“*ser pescadores de homens*” significa participar da missão de Jesus que consiste em reunir os membros do povo de Deus para o juízo final (cf. Jr 16,16)²⁶⁰.

Aos apóstolos que compartilhem o destino de Jesus com retidão e perseverança, Jesus promete associá-los ao seu múnus de juiz escatológico. Eles sentar-se-ão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. A reconstituição do Israel ideal, em que estarão unidas as tribos dispersas, faz parte da esperança messiânica projetada para o fim dos tempos. Com a escolha de doze apóstolos, Jesus assume essa esperança e antecipa a sua realização. A adesão incondicional que Jesus cobra de seus discípulos só encontra correspondência no estatuto religioso dos membros do povo de Deus chamados a seguir a Deus de coração puro²⁶¹.

As exigências radicais com que Jesus condiciona a adesão dos apóstolos à sua missão mostra, por um lado, a exceção da autoridade de Jesus e, por outro, a urgência de seu plano. Doravante, os apóstolos terão um destino de perseguidos, como consequência lógica da relação pessoal e irreversível que fundamenta sua vocação²⁶². Nesse mesmo sentido, Pagola diz que o reino de Deus está irrompendo, nada os deve distrair, doravante dedicarão a sua vida a serviço do reino de Deus, incorporados à vida e à tarefa profética do próprio Jesus²⁶³.

Para Comblin, a comunidade que os apóstolos formaram mantinha a unidade no pensar e no agir, formando um só ser, um corpo que age em conjunto. Essa unidade pode se comparar com a unidade do povo de Israel, pois eles são os novos doze patriarcas, retomando a direção do povo de Israel²⁶⁴. Como os patriarcas os apóstolos são os novos fundadores de Israel, do Israel que caminha com o Messias rumo a sua nova vinda triunfal²⁶⁵.

²⁶⁰ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 137.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 139.

²⁶² *Ibid.*, p. 139.

²⁶³ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 336.

²⁶⁴ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*, p. 83.

²⁶⁵ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*, p. 84; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus aproximação histórica*, p. 329.

Sobre os apóstolos de Jacobina, há controvérsias. Pe. Schupp relata que no dia 19 de maio de 1872, dia de Pentecostes, considerado o marco inicial da fundação da seita, Jacobina escolheu os apóstolos, discriminou os nomes, declarando quem eram os apóstolos prediletos e seus discípulos. O primeiro escolhido foi João Jorge, o marido, dando o nome de João. Einsfeld, o Judas, o segundo, Francisco²⁶⁶, o que chamaria de Pedro, Henrique, seu outro irmão, Robinson, Rodolpho Sehn, Cristiano Kassel e Jacob das mulas. Além desses sete, escolheu outros que tiveram papel de destaque na seita²⁶⁷. Janaína Amado acredita que não se pode provar a existência de apóstolos; para ela, existiu uma liderança intermediária entre o casal Maurer e os demais adeptos, responsável pelas execuções das ordens e orientações do casal²⁶⁸.

A importante testemunha ocular do movimento Mucker, Miguel Noé, refere-se a apóstolos, no movimento, como uma das palavras trapaceiras, criadas pelos clérigos, de seus sermões, missas e palavras para manchar a imagem da inocente Jacobina²⁶⁹. Ele acusa certas pessoas que frequentavam a casa dos Maurer, mas que não tinham intenções sérias, que Maurer deveria ter expulsado. Pode-se ver isso no texto abaixo.

Essas pessoas eram grandes tolas e quando iam ter com os outros, levavam conversas ridículas sobre Cristo Feminino, os apóstolos, a “Nova Comunidade” e outras charlatanices semelhantes, porque elas mesmas não tinham opinião própria e nem queriam tê-la²⁷⁰.

Para Moacyr Domingues, o título de apóstolos na seita mucker, era simbólico, a missão de todos os propagadores da seita seria de explicar, por toda a colônia, a razão do movimento e desfazer a pejorativa imagem do grupo e, em especial, de Jacobina. Seria uma viagem apostólica para conquistar mais adeptos, o que seria um meio de subsistência, pois havia o boicote econômico por parte de muitos comerciantes e colonos locais²⁷¹.

²⁶⁶ Francisco, como se viu pela carta que Jacobina escreveu pelas mãos de Klein, não aceitou a fazer parte da seita, ao contrário, envergonhava-se dos feitos da irmã.

²⁶⁷ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 67.

²⁶⁸ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 194.

²⁶⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 385.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 389.

²⁷¹ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 112.

3.4 CONCLUSÃO SOBRE IGREJA DE JESUS E A SEITA DE JACOBINA

Conforme expressa a Constituição Dogmática *Lúmen Gentium*, Jesus Cristo deu início à sua Igreja, na terceira década do século I da era cristã, com a pregação da Boa-Nova, quer dizer, com a vinda do Reino de Deus²⁷². Na medida em que os seguidores de Jesus de Nazaré se separaram do judaísmo histórico, as comunidades cristãs começaram a inteirar-se do novo mundo em que se achavam, adaptando-se a esse meio²⁷³.

Passados dois mil anos, o movimento fundado por Jesus de Nazaré adquiriu o nome de Igreja, segundo a classificação, no sentido sociológico estudado por E. Troeltsch. A comunidade católica não é composta de elites religiosas, reúne massas; transmite-se mais por forças inconscientes do que por conversões conscientes; há uma insistência maior nos meios objetivos de salvação – a pessoa se salva por pertencer à Igreja, mesmo com a insuficiente participação pessoal; e há uma importante adaptação ao mundo²⁷⁴.

O termo “igreja de Jacobina” não é próprio para denominar o movimento religioso nascido na casa dos Maurer, o cognome “seita” dá mais conta para justificá-lo, segundo a classificação de E. Troeltsch²⁷⁵. Por ela, pode-se concluir o seguinte: Em torno de Maurer e Jacobina, formou-se uma associação de pessoas que buscavam estudar melhor as Escrituras e viver os ensinamentos descritos pelos apóstolos no seu sentido primeiro, interpretados de acordo com a sua leitura²⁷⁶.

Os mucker buscavam a perfeição do ideal religioso cristão, tomavam o cuidado para não cometer faltas, mas eram perseguidos pelas autoridades civis e religiosas e parte da população. Segundo Miguel Noé, as autoridades deveriam ter interrompido, de antemão, o

²⁷² Cf. *Compêndio do Vaticano II*, LG 5.

²⁷³ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*: 1-12, p. 48.

²⁷⁴ *Ibid.*, p. 48.

²⁷⁵ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*: 1-12, p. 48.

²⁷⁶ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 159.

falatório e averiguar se o que Jacobina fazia era certo ou não, mas de qualquer forma deveriam protegê-la²⁷⁷.

A seita era o lugar das pessoas convertidas e esse lugar era a casa dos Maurer; Jacobina dissera que a entrada na associação era de livre vontade de quem quisesse. As reuniões aconteciam nesse lugar e quando a casa ficou pequena, foi construída uma maior. No dia 19 de julho de 1874, a queima dessa casa, comandada pelo coronel Genuíno, tornou-se um ato simbólico de destruição do movimento e motivo de regozijo das autoridades e grande parte da população²⁷⁸.

Havia, sim, maior insistência na atividade dos adeptos do que nos meios objetivos de salvação. Jacobina intimava-os para que se preparassem para o dia do juízo final e se conservassem fiel aos seus ensinamentos, era necessário deixar os tumultos do mundo²⁷⁹, portanto, a caminhada, apesar de inserida ao grupo, exigia o compromisso pessoal²⁸⁰.

Os mucker romperam com os laços sociais e religiosos, desligaram-se de suas comunidades, seus filhos foram retirados da escola enquanto o currículo fosse embasado na nova doutrina²⁸¹. Eles julgavam a vida religiosa, bem como os seus representantes degenerados²⁸² e, por fim, viviam um estado de tensão escatológica, aguardando o advento do reino de Deus, quando eles seriam glorificados e os ímpios condenados²⁸³.

²⁷⁷ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 390.

²⁷⁸ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 296.

²⁷⁹ DOMINGUES, op. cit., p. 86.

²⁸⁰ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*, p. 48.

²⁸¹ DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*, p. 159.

²⁸² NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 386.

²⁸³ Na carta que Jacobina enviou para Lúcio Schreiner, seu primo, delegado de São Leopoldo, em 19 de maio de 1874, ela queixou-se do comportamento de Schreiner para com os mucker e para com a sua família. Preveniu-o de que o dia do juízo final viria logo, ele deveria tomar tento, pois não poderia precisar o último dia de sua vida. Felizes seriam os quem não precisassem temer os castigos no dia de juízo final, porque nesse dia seriam julgados todas as pessoas e seus atos (DOMINGUES, op. cit., p. 242).

O extermínio brutal da seita de Jacobina e seus seguidores pode levar a pensar que o movimento foi nocivo à comunidade e trouxe somente consequências ruins. No entanto, o historiador e pastor da Igreja Protestante, Dr. Martin Norberto Dreher, vê o movimento de outro modo. Ele baseia-se nos relatos dos pastores que chegaram, logo após o desfecho trágico do movimento. Segundo o pastor Rotermund, aparentemente, ele e seus colegas puderam construir sobre a piedade que esteve no movimento mucker, um sentimento religioso que possibilitou o despertar do Protestantismo, na colônia, na fase pré-sinodal, base para uma face da atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil²⁸⁴.

3.5 O SIGNIFICADO RELIGIOSO DA MORTE DE JESUS DE NAZARÉ E DE JACOBINA MENTZ MAURER

3.5.1 Jesus de Nazaré

Jesus tinha consciência do fim violento que o aguardava, devido à situação de conflito em que se pôs diante das autoridades civis e religiosas, pois suas tomadas de posição eram anti-institucionais e antilegais. Os judeus, principalmente os fariseus, não aceitavam que o mestre e seus discípulos arrancassem espigas e curasse enfermos no sábado, dia consagrado a Deus (Mt 1-12; Mc 2,27; Lc 6,5), não aceitavam que expulsasse demônios, praticasse magia e blasfemasse²⁸⁵. A lei mosaica determinava que quem assim o fizesse fosse condenado à morte. Porém, o que precipitou sua condenação à morte foi o episódio do templo²⁸⁶. Jesus deu novo conceito de pureza e impureza, subvertendo o que os judeus defendiam (Lv 11,1; Mt 15,11; Jo 13,10; At 10,15;15,20), também dizia que destruiria o templo e o reconstruiria em três dias. Os guardiões da lei acreditavam que o comportamento de Jesus, em desconforme

²⁸⁴ DREHER, M. N. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, p. 36-53, maio.-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003@Copyright>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

²⁸⁵ Para o Sumo Sacerdote, conforme (Mt 26, 64-65), o fato de Jesus ter dito ser filho de Deus constituiu-se blasfêmia.

²⁸⁶ Jesus expulsou os vendedores e compradores do templo, bem como derrubou a mesa dos cambistas, deixando claro que aquele lugar deveria ser casa de oração e não um covil de ladrões (THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 489).

com as leis de Moisés, estaria desviando o povo da fidelidade à lei e da veneração ao único Deus e Senhor²⁸⁷.

Jesus irritou-se com os vendedores e compradores do templo, onde ensinava e curava doentes. O primeiro evangelho narra que Jesus, depois de ter entrado na cidade de Jerusalém, dirigiu-se ao templo e expulsou todos os que estavam a comprar e vender, derrubando as bancas dos cambistas e os assentos dos vendedores de pombos. Esse episódio, no centro religioso do povo judeu, constituiu-se num fato notório, que desagradou às autoridades do Sinédrio. Pagola afirma que atacar o templo era atacar o coração do povo. Os evangelhos referenciam esse ato demonstrativo de Jesus aos textos dos profetas (Is 56,7 e Jr 7,11): O templo devia ser a casa de oração, não um covil de ladrões (Mt 21,12-13)²⁸⁸.

Para Pagola, esse episódio foi o que precipitou a ação contra Jesus. Ele não foi detido imediatamente para não provocar tumulto na multidão, mas ficou na lembrança do sumo sacerdote que tinha ordem de deter quem provocasse agitações no recinto sagrado. Foram as forças de segurança do templo que, armadas e com a ajuda de Judas para identificá-lo, buscaram Jesus para conduzi-lo perante o sumo sacerdote Caifás. Diante da captura de Jesus, houve a dispersão dos discípulos que fugiram para salvar a própria vida, ficando apenas umas mulheres²⁸⁹.

O anúncio da destruição do templo por Jesus tem uma entonação profética, com a abertura do discurso escatológico. A versão do evangelista Marcos é de que Jesus disse que destruiria o templo feito por homens e edificaria outro não feito por mãos humanas (Mc 14,58). Essas profecias foram postas na boca dos transeuntes, aos pés da cruz, em forma de provocação irônica (Mc 15,29; Mt 27,40), pelas comunidades que escreveram os evangelhos mais tarde²⁹⁰.

²⁸⁷ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 219. Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 401 e 407; THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 489-491.

²⁸⁸ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 130; Cf. THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 489.

²⁸⁹ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 446.

²⁹⁰ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 131.

Gerd Theissen e Annette Merz constatam que a crítica ao templo era motivo de hostilidade, mas não de sentença de morte. O elemento decisivo para a hostilidade contra Jesus teriam sido os interesses do sinédrio que foram diretamente atacados pela ação de Jesus²⁹¹. A aristocracia que o prendeu tomou medidas contra ele por causa de sua crítica ao templo, mas o acusou perante Pilatos por causa do crime político, a pretensão de ser rei²⁹². Para Comblin, os inimigos principais, os que quiseram a morte de Jesus, foram os sacerdotes e os anciãos irritados pela presença em Jerusalém e pela sua crítica ao templo²⁹³.

Jesus foi condenado na capital da Judeia, símbolo e centro religioso da nação judaica, onde os judeus conservavam o direito à pena capital para os processos religiosos. O empenho com que os discípulos passaram a propagar a ressurreição no terceiro dia da morte de Jesus mostra que Ele não titubeou diante do destino trágico que se aproximava, não falhou moralmente diante da ameaça de morte violenta, tinha uma missão e a cumpriu até o fim, mesmo que lhe custasse a própria vida²⁹⁴.

Sobre o significado da morte de Jesus, é historicamente aceitável que Jesus tenha admitido a hipótese de sua condenação e tenha falado aos seus discípulos. É também aceitável que ele tenha tentado dar um sentido a esta nova perspectiva inserindo-a no reino que viera anunciar. O seu comportamento diante da própria morte, bem como sua incondicional confiança em Deus, fez sua doutrina embasar-se nas comunidades primitivas como palavras de verdade, fé e testemunho através de sua vida. Não teria sido assim se Jesus houvesse fugido da morte, foi com ela que ele que recebeu o significado de sua vida inteira. Se cobrou dos apóstolos compromisso radical, até com a própria vida, assim Ele testemunhou²⁹⁵.

Com referência à tradição bíblica, Jesus dá o significado humano e religioso de sua morte. Isso é mais do que compreensível, já que Jesus e seus interlocutores se enraízam no

²⁹¹ THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico um manual*, p. 489; Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 463.

²⁹² THEISSEN; MERZ, op. cit., p. 598.

²⁹³ COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos* vol. I: 1-12, p. 180.

²⁹⁴ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 221.

²⁹⁵ *Ibid.*, p. 226.

húmus religioso e cultural da Bíblia. Uma figura bíblica, da qual Jesus busca identificação, é a do profeta rejeitado e perseguido. Os habitantes de Nazaré tinham ficado perplexos e céticos perante o poder de ensinamento autorizado de Jesus. Diante disso, conforme Mt 13,57, Jesus responde aos seus conterrâneos que *um profeta só é desprezado na sua pátria e na sua casa*. Jesus, contestado e rejeitado, inclui-se no rol dos enviados de Deus que fizeram a experiência da rejeição e da perseguição por parte de Israel²⁹⁶.

Ao assumir a figura do profeta rejeitado e perseguido, Jesus passa a ter afinidade com a figura do justo sofredor, que o evangelista Mateus associa explicitamente na sentença sobre a perseguição dos profetas (Mt 23 29-35). Na releitura bíblica dos acontecimentos da paixão e morte, Jesus ocupa o lugar do justo sofredor e perseguido por causa de sua fidelidade a Deus. Segundo esse esquema, o justo põe a sua confiança na intervenção de Deus, que no fim o libertará, porque é um Deus fiel. Assim o justo salvo poderá louvar a Deus em nome de todos os justos salvos. O protótipo desse modelo do justo, sofredor é o servo, cujos reverses são narrados em forma de lamentação coral em Is 52, 13-53,12. No entanto, o autor se pergunta se é certo supor que Jesus tenha recorrido a esse modelo bíblico para dar um significado à sua morte²⁹⁷.

De todo o modo, a figura do servo sofredor da tradição de Isaías é a que merece especial atenção. Efetivamente, tem-se a impressão de que, em alguns textos evangélicos, Jesus interpreta a sua morte violenta reproduzindo alguns trechos bíblicos que dão características de servo: “Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser o grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, que dentre vós quiser ser o grande, seja o servo de todos. Pois o filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10 43-45); (cf. Mt 20 26-27; Lc 22,26-27; 1Pd 2,21-25)²⁹⁸.

O apóstolo Paulo conclui que a morte do Messias, proclamado “Filho de Deus e Senhor”, no patíbulo reservado aos rebeldes, terroristas, traidores e criminosos de alta

²⁹⁶ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 227-228.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 230.

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 229-230.

periculosidade, não podia deixar de afigurar-se uma coisa “louca” e contrária a toda a sua experiência religiosa (cf. 1cor 1,22-23)²⁹⁹.

Os textos da tradição judaica relativos à morte de Jesus são escassos e pouco confiáveis como fontes autônomas, porque não remontam além do século II d.C. As fontes arqueológicas e literárias não conseguem fornecer informações suplementares sobre fatos essenciais da condenação de Jesus à morte.

O apóstolo Paulo fala de modo lacônico, “*morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou segundo as Escrituras*” (1Cor 15,3-40). De forma exortativa e catequética outro texto de Paulo fala disso:

Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foram delineados os traços de Jesus Cristo Crucificado? Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebeste o Espírito ou pela adesão da fé? Sois tão insensatos que, tendo começado com o Espírito, agora acabais na carne? Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se é que foi em vão! Aquele que vos concede o Espírito e opera milagres entre vós o faz pelas obras da Lei ou pela adesão da fé? (Gl 3.1-3)³⁰⁰.

Um texto mais significativo ainda é dele, onde diz: “*padeceu de fora da porta da cidade*” (Hb 13,12). Os demais textos do Novo Testamento, quando falam da morte de Jesus, não se referem a um fato de crônica policial, nem a uma execução capital da Palestina dos anos 30, limitam-se a interpretá-lo como um evento significativo para os féis³⁰¹.

Através da experiência e do testemunho dos discípulos, a ressurreição de Jesus entra para a história humana. Com ela há um novo significado da obra e a mensagem de Jesus, a missão dos discípulos, bem como a história humana e a inteira realidade do mundo dentro da nova perspectiva inaugurada por esse acontecimento. O novo significado advém fornecido pela linguagem que serviu às primeiras testemunhas para compreender e comunicar a própria experiência e comunicação.

²⁹⁹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 242.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 244.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 244.

O encontro com Jesus, reconhecido pelos discípulos como “Senhor”, não só ilumina a sua missão histórica, mas também se torna verdadeira chave hermenêutica de toda a história bíblica das promessas. A confiança dos “justos” provados e perseguidos, a esperança dos mártires que arrostaram a morte fiados na fidelidade de Deus, encontram uma confirmação definitiva na ressurreição de Jesus. Nesse sentido, a morte e a ressurreição de Jesus, como vitória sobre o mal e a morte, que dá um significado pleno e definitivo às promessas de Deus que acompanham a história de Israel, desde Moisés até os profetas³⁰².

A comunhão reestabelecida com Jesus ressuscitado e vivo abre as portas aos discípulos para a missão em seu nome. O encontro com Jesus ressuscitado desemboca na missão dos discípulos e de Paulo posteriormente. Esse encontro dá novo impulso à missão inaugurada por ele com o anúncio do reino de Deus; uma missão estendida, depois de Jesus, a todos os povos, já que Jesus foi constituído Cristo e Senhor Universal. Jesus orienta a continuidade de sua missão e é por ela que Ele pode falar aos discípulos e para além deles, aos destinatários do evangelho, mediante as fórmulas e expressões características da comunidade dos fiéis. A presença e o dom do Espírito Santo são garantia da fidelidade dos discípulos que falam em seu nome³⁰³.

As aparições-encontros de Jesus são circunscritas ao grupo dos discípulos históricos e ao período de alicerçamento da experiência cristã. Jesus apareceu para convalidar junto aos destinatários a autoridade do seu anúncio. Os que acolhem o evangelho só encontram o anúncio de que Jesus é o Senhor no testemunho e na palavra dos seus enviados. Daí por diante o sinal da ressurreição de Jesus, da vitória de Deus sobre a morte é a comunidade dos convocados em torno de Jesus, o crucificado ressuscitado. Depois disso, os que acolhem a palavra de Jesus fazem a experiência do perdão de Deus como reconciliação e superação das divisões e egoísmos que conduzem à morte. Na comunidade dos fiéis, Jesus ainda lhes vem ao encontro como Senhor e firma com eles uma comunhão vital que perdura além da morte. Com o Jesus vivo que, superando as fronteiras da morte, atravessa toda a história humana, todo o ser humano é chamado a confrontar-se, seja qual for a sua raça, religião ou cultura³⁰⁴.

³⁰² FABRIS, R. *Jesus de Nazaré história e interpretação*, p. 318.

³⁰³ *Ibid.*, p. 318.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 319.

3.6 JACOBINA MENTZ MAURER

Sobre a expectativa da morte em Jacobina e seu pensamento em relação a isso, há poucas fontes. A maioria das pessoas que a acompanhavam foi presa, fugiu ou morreu juntamente com ela, no dia 02 de agosto de 1874. O que a história registra, veio através da testemunha ocular de Miguel Noé que, juntamente com o seu pai João Daniel Noé, acompanharam a líder religiosa até quase seus últimos dias³⁰⁵.

Pela reunião do dia 19 de maio de 1872³⁰⁶, dia do Pentecostes, sabe-se que ela presidira a cerimônia religiosa da qual se desprende algumas afirmações, que parte da comunidade acredita ser dela: Ela era o Cristo e o Espírito de Cristo falava nela; iria sofrer, mas teria a sua ressurreição, quem aceitasse essas revelações e outras coisas mais, seria salvo por Deus³⁰⁷. Essas afirmações, com assonância evangélica, mostram Jacobina ciente de ter uma importante missão a cumprir e disposta a concretizar sua missão.

Em julho de 1874, nas cabanas improvisadas, no morro Ferrabrás, depois de fugir do incêndio de sua casa, do qual escapara dias antes, Jacobina percebeu que não havia possibilidade de vitória, chamou os poucos seguidores que ainda restavam e ordenou que se salvassem como pudessem, estariam livres, ela ficaria até o fim, que naquela cabana ela tomava a sua criança e a levaria com ela, porque não permitiria que ela fosse pelo mundo, acompanhada de zombarias e vexame³⁰⁸.

Na última luta, Jacobina percebendo que não havia mais chances, mandou dizer aos seus seguidores que cada um se protegesse como pudesse. Que suas coisas teriam um fim e que ela não deixaria que lhe tirassem a vida, ela própria daria o fim.³⁰⁹ No filme Os

³⁰⁵ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 310.

³⁰⁶ Moacyr Domingues põe esse acontecimento em 4 de maio de 1873.

³⁰⁷ SCHUPP, A. *A revolta dos Muckers*, p. 60.

³⁰⁸ AMADO, op. cit., p. 313.

³⁰⁹ NOÉ, M. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 396.

Mucker³¹⁰, Jacobina, interpretada pela atriz Marlise Saueressig, chama todos que estão com ela e ordena que se matem uns aos outros. Mas, Segundo a versão do capitão San Tiago Dantas, os mucker não se mataram, foram mortos pelas forças legais, comandada por ele. Lutaram bravamente, mesmo sendo um grupo bem menor do que os atacantes, deixando feridos dois oficiais, doze soldados e três paisanos³¹¹. No filme “A Paixão de Jacobina”,³¹² Jacobina morre queimada, abraçada ao primo Franz na casa recentemente construída. Como se sabe, a interpretação fílmica de Fábio Barreto, na cena final do filme, não condiz com história dos mucker no Ferrabraz.

Não se sabe o significado que Jacobina dava a sua própria morte, apenas que resistiu até o fim, mas se sabe o significado da morte dela para a comunidade são-leopoldense. Esta ficou em festa quando soube de seu fim, em 19 de julho de 1874, o dia do incêndio da casa dos Maurer pelo batalhão de Genuíno Sampaio. Seus componentes, opositores ao movimento, comemoravam como se fosse uma grande conquista. O presidente da província apressava-se em telegrafar aos ministros para comunicar o grande feito: haviam exterminado todos os mucker. No entanto, essa festa foi precipitada, Jacobina somente seria morta treze dias depois, no morro Ferrabraz, onde estava escondida³¹³.

Também se pode perceber o significado que a comunidade deu ao extermínio dos mucker pelo relato de Schupp em *Os Muckers* que, apesar de ser considerado parcial em suas opiniões sobre os mucker, revela o senso comum: O capitão Dantas, após julgar que havia cumprido a ordem de exterminar os mucker, no dia 2 de agosto de 1874, mandou um soldado conferir o trabalho, este voltou radiante de alegria bradando de longe: - *Tudo acabado! Todos mortos! Não escapou um sequer!*³¹⁴

³¹⁰ BODANZKY, Jorge. *Os Mucker*. Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer; Produção: Jorge Bodanzky, Otto Engel e Wolf Gauer. Brasil: Stopfilm e Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF). 1978. 1 DVD (105 min), mono, color.

³¹¹ DANTAS, S. T. Ligeira notícia sobre as operações militares contra os Mucker na Província do Rio Grande do Sul pelo Cel. F. C. de São-Tiago Dantas. In: SANT’ANA, E. *Minha amada Maria carta dos mucker*. [S.l.: s.n.: s.d.], p. 295.

³¹² BARRETO, Fábio. *A paixão de Jacobina*. Direção: Fábio Barreto; Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto, Maria da Salette, Gisele Hiltl e Borba Sidnei. São Paulo: Filmes do Equador, Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas e Visional do Brasil, 2002. 1 DVD (103 min), color.

³¹³ AMADO, J. *A revolta dos Mucker*, p. 296.

³¹⁴ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 383.

Em outro texto, Schupp faz um relato que demonstra parcialidade e satisfação com o desfecho: “A tragédia chegara ao seu termo. Soaram as cornetas, e aqueles sons vibrantes, alegres, ecoaram por vales e quebradas, festejando a vitória e anunciando que a paz, banida havia tanto tempo, não tardaria a felicitar de novo aquelas paragens”³¹⁵.

Também a ausência da cerimônia cristã ao funeral dos dezessete mucker mortos no dia 2 de agosto de 1874, revela a não importância desse grupo para a comunidade. Quando o chefe da polícia terminou o trabalho de examinar os cadáveres do grupo, os matadores, que Pe. Schupp os cognomina de vencedores, abriram duas valas, perto do local da chacina, arrastaram os cadáveres e os enterraram³¹⁶.

Essa rejeição da comunidade aos mucker e a sua líder continuaria por várias décadas. Em 1931, Reinaldo Scherer, um morador de Sapiranga, mandou erigir um monumento ao Coronel Genuíno Sampaio ao pé do morro Ferrabraz, o mesmo local, onde o comandante morrera e local do confronto do exército com os mucker.³¹⁷ Através desse gesto, o cidadão sapiranguense transformaria o líder das tropas contrárias aos mucker num herói para a comunidade. Concomitantemente ao ato de inauguração do monumento, que contou com várias autoridades, registra-se a entrega da Bíblia que, supostamente, fora usada por Jacobina para fazer suas pregações religiosas a um vereador da Câmara de Vereadores de São Leopoldo. As autoridades guardariam o símbolo das crenças praticadas por Jacobina e teriam o dever de cuidar para que o fanatismo não fosse retomado³¹⁸.

³¹⁵ SCHUPP, A. *Os Muckers*, p. 381.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 382.

³¹⁷ Sobre a estátua de Genuíno Sampaio em Sapiranga, conferir também SANT’ANA, E. *Minha amada Maria Cartas dos Mucker*, p. 94.

³¹⁸ GEVEHR, D. L. *Pelos caminhos de Jacobina: memória e sentimentos (res)significados*, p. 150-151.

CONCLUSÃO

Conforme a proposta inicial, foi possível entender melhor a Palestina do século I, submetida ao Império Romano e, com isso, compreender o contexto sociorreligioso de Jesus de Nazaré. Com autoridade de Messias, Jesus propôs uma forma de corrigir as injustiças sociais, fazendo uma opção clara aos pobres e marginalizados pela sociedade. Isso causou estranheza às autoridades civis e religiosas que, sentindo-se desrespeitadas e ameaçadas, condenaram Jesus à morte na terceira década da Era Cristã.

Jesus não foi o divisor somente de uma era, suas pregações suscitaram uma nova forma de encarar o cotidiano e a própria vida. A sociedade idealizada por Jesus não tem lugar para muitos ficarem à margem. Todos devem ter os mesmos direitos e gozarem dos mesmos privilégios. Numa abordagem sociológica, o texto de Paulo Nogueira mostra a grande importância do modelo sociorreligioso proposto por Jesus: o tipo de associação de trabalho, sem escravos ou submissos, constituído com as características de um empreendimento comunitário, de uma modelo concebido nos dias de hoje, somente surgiu depois das pregações de Jesus de Nazaré³¹⁹.

A sociedade são-leopoldense, nos meados do século XIX, era palco de injustiças semelhantes às da Palestina do século I, também marcada pela desigualdade social, deixando, à margem, parte dos imigrantes alemães ou seus descendentes. Numa abordagem sociológica, depois de vinte anos que os alemães haviam chegado a São Leopoldo, o progresso concedeu a ascensão econômica a muitos dos colonos e a regressão a outros. Mas como no movimento do cristianismo primitivo não havia somente pobres, assim também o movimento liderado por Jacobina Mentz era composto também de pessoas com um bom nível socioeconômico, supõe-se que não foi somente causado pela pobreza que se originou o episódio. Muitos colonos, ao

³¹⁹ NOGUEIRA FILHO, P. *Autogestão – Participação dos trabalhadores na empresa*, p. 24.

buscarem remédio para seus males, na casa do curandeiro Maurer, encontraram também apoio religioso. As curas eram atribuídas ao Espírito da Natureza, inicialmente, dando lugar depois à leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, feitas pela esposa de Maurer.

Os mucker eram rezadores nas palavras de Martin Norberto Dreher, gostavam de ler e interpretar a Sagrada Escritura e de entoar hinos. Viam em Jacobina a pessoa capaz de conduzi-los a Deus. As palavras da Bíblia necessitavam de serem entendidas no seu sentido original e, de igual forma postas na comunidade, praticando a caridade. Decorrente disso havia as práticas que faziam parte das normas do muckerismo como perdoar as dívidas de outrem, absterem-se de bebidas alcóolicas, partilhar os bens, não cometer faltas... Isso se contrapôs ao universo religioso da colônia que, naquele tempo, tentava fazer os fiéis voltarem à ortodoxia Protestante e Católica, já que os colonos haviam ficado por um longo tempo abandonados pelas igrejas oficiais. Às autoridades religiosas somaram-se as autoridades civis, a maçonaria e a imprensa, que também sentindo-se desrespeitadas e ameaças por uma nova sociedade, caluniaram, atacaram e mataram os seguidores do movimento, pondo fim à seita em 2 de agosto de 1874.

Sobre a seita de Jacobina, num olhar, grosso modo, podemos identificar muitos pontos em comum com a Igreja de Cristã, nos seus primórdios, quando vista como seita pelo poder religioso e civil da palestina do século I: Jacobina, embora num ambiente de dominação masculina, no século XIX, também se considera a enviada de Deus. Assim como Jesus, Jacobina previne que o final dos tempos está próximo: é hora de se preparar para a vinda de Deus para restaurar o reino, é necessária a preparação para o dia do Juízo final.

O surgimento de Jacobina Mentz, em seu ambiente, mais de dezoito séculos depois de Jesus, de certa forma, foi vista pelos seus seguidores como uma enviada por Deus para socorrê-los das injustiças sociais e da religião ortodoxa que os padres e pastores forçavam-nos a seguir. Ela apontava soluções para corrigir as injustiças sociais baseando-se na doutrina de Jesus de Nazaré, pregava o perdão das dívidas e a necessidade de não contraí-las, repartir os bens com quem precisasse, muita oração e a preparação para o dia do juízo. No aspecto religioso, pregava o evangelho no sentido primeiro, pois somente esse sentido seria o verdadeiro. Para ela não eram os poderosos que eram os diletos de Deus; os preferidos de

Deus, conforme o evangelho, deveriam ser os colonos que trabalhavam muito e que foram deixados de lado pela sociedade capitalista.

A essência da religião mucker era a pregação do evangelho no seu sentido primeiro. Mesmo semialfabetizada, Jacobina conseguia ler a Bíblia e explicar aos colonos o seu significado, tinha a sua hermenêutica de que os seus seguidores gostavam tanto: explicava a Bíblia de maneira simples, com o falar do povo e, em forma de discussão, em que os adeptos também pudessem dar a sua opinião. Como Jesus, na terceira década desta Era, quando percebeu que a lei mosaica ajudava a marginalizar boa parte das pessoas da Palestina, Jacobina percebeu que a Igreja oficial estava ao lado dos poderosos, portanto deveria ajustá-la de acordo com as necessidades de seu grupo e de acordo com os ensinamentos de Jesus, literalmente. Para Jacobina, ela e seus adeptos eram bem-aventurados, enquadravam-se em cada Bem-aventurança do capítulo V do evangelista Mateus. No momento, sofriam, mas no dia do juízo seriam recompensados.

O grupo religioso que Jacobina Mentz criou não pode se igualar ao movimento que Jesus Cristo. Cabe-lhe melhor o nome de seita, na concepção de Comblin³²⁰, Congregou, por algum tempo, cerca de 700 a 1000 pessoas e, por causa de seus revides às agressões que sofriam, passaram a ser indesejados por todas as representações de poder e parte da população local. O exército exterminou boa parte dos mucker nos meses de julho e agosto de 1874, matando dezenas deles, prendendo muitos e provocando a fuga de outros. Não se pode afirmar que tenha algum seguidor de Jacobina nos dias atuais. Se algum remanescente quisesse continuar mucker poderia ter o mesmo destino dos que, por isso, haviam perecido.

Sobre o significado da morte para os mucker não se sabe. Se para o cristão a morte é um momento de expectativas sobre o encontro com Deus, talvez para os mucker que, com coragem, enfrentaram a morte, eram os utópicos que se basearam na esperança, revivendo a força libertadora da revelação e assumindo a morte como libertação final. Ou seriam os sobreviventes no mato? Ou ainda os que fugiram? Seria necessário dirigir-se a Petrópolis e

³²⁰ A seita, no sentido sociológico, tem as seguintes características: “1) É uma associação de elites, de pessoas que buscam uma perfeição em todos os sentidos; 2) forma-se pela livre adesão de convertidos; 3) insiste mais na atividade do sujeito do que os meios objetivos de salvação (luta contra todas as ilusões de salvação sem compromisso pessoal); 4) nega-se a adaptar-se ao mundo, vive em estado de tensão escatológica, aguardando o advento do reino de Deus e, por isso, vive separada da massa da igreja que julga degenerada” (COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos vol. I*, p. 48).

Marques de Sousa para ver o que eram os seguidores de Jacobina, depois de imigrarem para esses lugares³²¹.

Quando Jesus morreu, os apóstolos assustaram-se, pois não acreditavam que ele os deixaria. A sua morte tinha sido indigna, uma condenação reservada aos rebeldes, aos que se opunham ao poder romano na Palestina. Muitos debochavam pelo fato de o Deus dos discípulos ter morrido na cruz. Mas, diferentemente do caso de Jacobina e seu grupo, Jesus de Nazaré ressuscitou e foi pela Ressurreição que o Jesus terreno deu significado a sua vida na Palestina nas primeiras três décadas desta Era. A Ressurreição foi o sinal decisivo de que Jesus era o enviado de Deus para salvar a Humanidade, prometido, através dos escritos do Antigo Testamento. E os apóstolos foram testemunhas vivas disso.

Jacobina tentou seguir os ensinamentos de Jesus, dizia que queria o evangelho no sentido primeiro, pois esse sentido havia se perdido nas religiões oficiais. Dessa forma, as suas pregações têm acentuada assonância nas pregações de Jesus, exceto o comportamento de revide, quando usou violência para se defender. Antes de ser a encarnação de Jesus Cristo, Jacobina foi uma discípula que quis levar adiante a sua mensagem. A condição de gênero no contexto gaúcho nos meados do século XIX, o descaso da educação na colônia e as difamações civis, religiosas e de parte da população fizeram-na tomar outro caminho, que a levaria para o seu extermínio.

³²¹ DICKIE, M. A. *Afetos e Circunstâncias*: um estudo sobre os Mucker e seu tempo, p. 460-461.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. *A revolta dos Mucker*. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

ASSIS BRASIL, Luís Antônio. *Videiras de Cristal*. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 544.

BARBIERI, Letícia. *Zero Hora*, 24 maio 2009. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

BARRETO, Eneida Weigert Menna. *Demônios e Santos no Ferrabrás uma leitura de Videiras de Cristal*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2001.

BARRETO, Fábio. *A paixão de Jacobina*. Direção: Fábio Barreto; Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto, Maria da Salete, Gisele Hiltl e Borba Sidnei. São Paulo: Filmes do Equador, Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas e Visional do Brasil, 2002. 1 DVD (103 min), color.

BASTIDE, Roger. *Os problemas da vida mística*. 2. ed. Lisboa: Gráfica Portuguesa, 1959. 185 p.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIOGRAFIA MUCKER comentada Adilson Schultz. *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, maio.-ago. 1989. 2003ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003©Copyright>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

BIEHL, J. G. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no Sul do Brasil. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sistema social no Brasil*. Porto Alegre: Artes Ofício, 1999. p. 148-168.

BIEHL, João Guilherme. Jammerthal, *o Vale da Lamentação – crítica à construção do Messianismo Mucker*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1991.

BODANZKY, Jorge. *Os Mucker*. Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer; Produção: Jorge Bodanzky, Otto Engel e Wolf Gauer. Brasil: Stopfilm e Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF). 1978. 1 DVD (105 min), mono, color.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12*. 1. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1988.

_____. *Atos dos Apóstolos vol. II: 13-28*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2001.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DANTAS, F. C. de Santiago. *Ligeira notícia sobre as operações militares contra os Muckers*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1877.

DANTAS, S. T. Ligeira notícia sobre as operações militares contra os Mucker na Província do Rio Grande do Sul pelo Cel. F. C. de São-Tiago Dantas. In: SANT'ANA, E. *Minha amada Maria carta dos mucker*. [S.l.: s.n.: s.d.]. p. 295.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias. Um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Mucker*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST/EDUCS, 1984.

_____. (Org.). *Imigrações e História da Igreja no Brasil*. 1. ed. Aparecida: (S.P): Santuário, 1993.

_____. *Breve história do ensino privado gaúcho*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. O movimento Mucker na visão de dois Pastores Evangélicos. *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, p. 36-53, maio.-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003©Copyright>>. Acesso em: 17 set. 2012.

DREHER, Marin Norberto. A Câmara Municipal de São Leopoldo e o conflito Mucker. In: SILVA, Haike Roselane Kleber da; HARRES, Marluza Marques. *A história da Câmara e a Câmara na história*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2006.

_____. Conversas a partir da margem; dialogando com os Mucker. In: SIDEKUM, Antônio; GRÜTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Orgs.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia: Oikos, 2008. p. 64.

DREHER, Martin Norberto; FISCHER, Joachim. *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 102-112. *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, maio.-ago. 2003. ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003©Copyright>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

EAGLETON, Terry. *Jesus Cristo os Evangelhos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FABRIS, Giuseppe Barbaglio Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (I)*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1990. Tradução Jaldemir Vítório (Mt) Giovanni De Biasio (Mc). São Paulo: Loyola, 1990. [Tradução e Comentários: *Os Evangelhos (I)*].

FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré história e interpretação*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

FRIEDRICH, Engels. *A guerra dos camponeses alemães*. 3. ed. Alemanha: Avante, 1875.

GALVÃO, Antônio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker fanáticos ou vítimas?* 1. ed. Porto Alegre: Edições EST, 1996.

GEVEHR, Daniel Luciano. *Os lugares de memória dos Mucker e a construção da imagem de sua líder Jacobina Mentz Maurer*. In: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE IMAGEM, Londrina, 03 a 06 maio 2001.

_____. *Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina endiabrada: as representações Anti-mucker em o “Ferrabraz” (1949-1960)*. Dissertação (Mestrado em História). Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

_____. *Pelos caminhos de Jacobina: memória e sentimentos (res)significados*. Tese (Doutorado em História) - Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

_____. *A líder dos Mucker na narrativa de Ambrósio Schupp e a produção de uma memória sobre a personagem central do conflito*. *Revista Estudos Teológicos*, v. 52, n. 1, p. 158-171, jan./jun. 2012.

GIRARD, René. *O bode expiatório*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *A violência e o sagrado*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. *Desejo mimético, violência e educação: contribuições de René Girard*. *Cadernos de Pós-Graduação – Educação*, São Paulo, v. 8, p. 157-166, 2009.

HOORNAERT, Eduardo. *História da Teologia na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

KOSERITZ, Karl Von. *Opinião de Karl Von Koseritz*. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

KUNZ, Marinês Andrea. *Mosaico discursivo: Jacobina Maurer nos textos históricos, literários e fílmicos*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LANTERNARI, Vittório. *As religiões dos oprimidos*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LUMEN GENTIUM. *Constituição Pastoral Vaticano II*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

MAURER, Jacobina. Carta de Jacobina Maurer ao Sr. Mathias Schroeder, residente em Marata. Publicada na Revista do Instituto Histórico Brasileiro. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz; os mucker*. 2. ed. São Leopoldo, 1966.

MENTZ, Carolina. Carta de Carolina Mentz, irmã de Jacobina Maurer, ao Sr. Lúcio Schreiner, Delegado de Polícia de São Leopoldo. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz; os mucker*. 2. ed. São Leopoldo, 1966.

MENTZ, Cláudia Martins. *Em busca de um paraíso: o messianismo em la guerra del fin de mundo e Videiras de Cristal*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

MORRO ABRE as portas para a Paixão de Jacobina. Ingelore Koch (colaboração: Adilson Schultz). *Protestantismo em Revista*, ano 02, n. 01, maio.-ago. 2003. ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/nepp2002-2003©Copyright>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

MÜNSTER: *Utopia, messianismo, e apocalipse na obra de Ernest Bloch*. São Paulo: UNESP, 1989.

MURAD, Afonso; GOMES; Paulo Roberto; RIBEIRO, Susie. *A Casa da Teologia introdução ecumênica à ciência da fé*. 1. ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

MUXFELDT, Hugo. *Os mucker, 100 anos depois*. 1. ed. Porto alegre: Editora do Autor, 1983.

NOÉ, Miguel. História do ano de 1874. In: DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Mucker*. 1. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

NOGUEIRA FILHO, Paulo. *Autogestão participação dos trabalhadores na empresa*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969. (Ccap. De Jesus de Nazaré a Karl Marx).

NOVAS LUZES sobre a Revolta dos Mucker de 1873/1874. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

ORO, I. P. *O outro é o demônio*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. 5. ed. [1966]. Petrópolis: Vozes, 2012.

PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os Muckers*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

PHILIPP, Arno. Uma contribuição para o estudo do episódio dos mucker. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

PORTELA, Rodrigo. Fé, cultura e norma eclesiástica: A gênese da Igreja Luterana no Brasil – organização popular e tutela eclesiástica. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 593-607, jul./ago. 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

RABUSKE, Arthur (SJ). A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul. *Teocomunicação*, Porto Alegre, T. 7, n. 5; 35-38, p. 194-214, 1977.

RABUSKE, Irineu José. A Igreja em suas origens: revisitando os Atos dos Apóstolos. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2012.

SANT'ANA, Elma. *Jacobina Maurer*. 4. ed. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1985.

_____. *Jacobina: a líder dos Muckers*. 1. ed. Porto Alegre: AGE, 2001.

_____. *Minha amada Maria*. 1. ed. Canoas: Editora Ulbra, 2004.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves. A religião em “A Paixão de Jacobina”. *Eletrônica de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*, v. 02, jan./dez. 2003. ISSN 1678 6408.

SCHULTZ, A. Descrição cronológica do episódio Mucker. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 02, p. 27-36, jan.-dez. 2003. ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www3.est.edu.br/nepp/revista/002/ano02n1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SCHULTZ, Adilson. Cartas de Jacobina e documentos do episódio Mucker. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 02, jan./dez. 2003, p. 27-36. ISSN 1678 6408. Disponível em: <<http://www3.est.edu.br/nepp/revista/002/ano02n1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2. ed. Porto Alegre: Selbach e Mayer, 1910.

SCIELO. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

SILVA, H. R. K. Fontes para a história da Câmara Municipal de Vereadores de São Leopoldo. In: SILVA, Haike Roselane Kleber da; HARRES, Marluza Marques (Orgs.). *A história da Câmara e a Câmara na história*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2006.

THEISSEN, Gerd; MERS, Annette. *O Jesus histórico um manual*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

UNITATIS REDINTEGRATIO. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. 22 nov. 2012.

WIKIPEDIA. *Concílio do Vacatino II*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc.Vaticano_II>. Acesso em: 01 jan. 2013.

_____. *Cristianismo*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

_____. *Guerra dos Farrapos*. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_Farrapos>. Acesso em: 22 nov. 2012.

_____. *Jacobina Mentz Maurer*. Disponível em:
<http://pt.wikipedia_Maurer.org/wiki/Jacobina_Mentz>. Acesso em: 20 jun. 2011.

ZAGONEL, Carlos A.; KONINGS, Johan. O catolicismo no Brasil. *Teocomunicação*, Porto Alegre, T. 6, n. 31-34, 1970.